



PROFHISTÓRIA

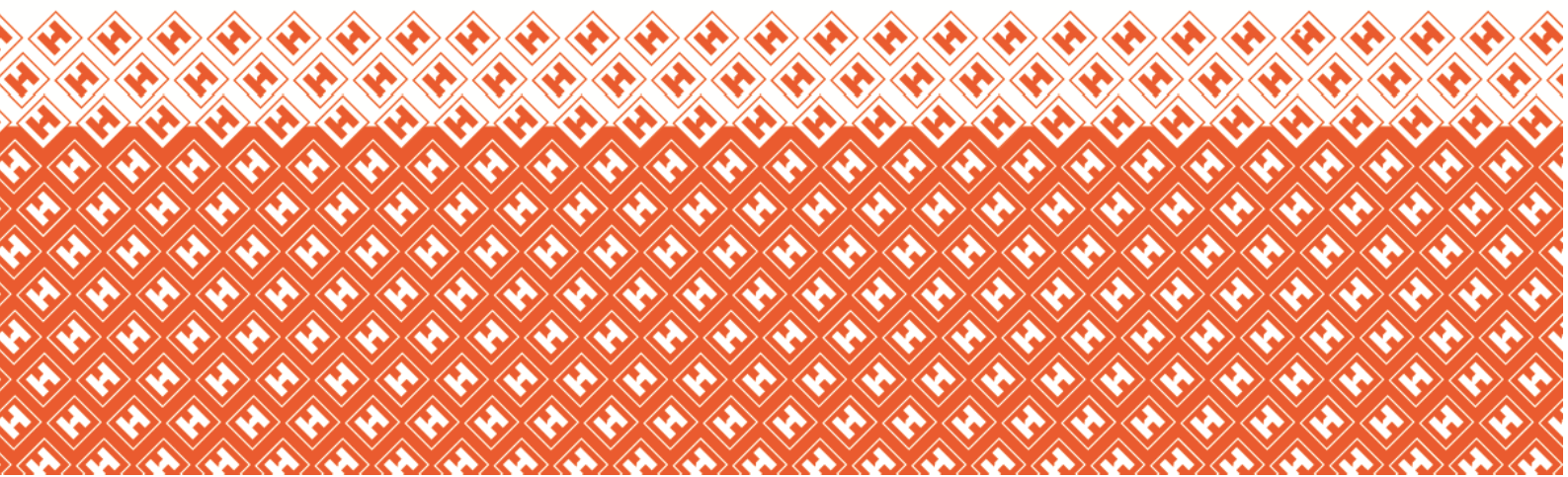
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

IVONETTE FERREIRA DE MORAIS SOUSA

**O ENSINO DE HISTÓRIA NA INTERFACE COM AS
MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DO MUNICÍPIO, NA
ESCOLA MUNICIPAL MARIA DE LOURDES DE LIMA/
SÃO GONÇALO DO AMARANTE-RN**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

2025



IVONETTE FERREIRA DE MORAIS SOUSA

**O ENSINO DE HISTÓRIA NA INTERFACE COM AS MANIFESTAÇÕES
CULTURAIS DO MUNICÍPIO, NA ESCOLA MUNICIPAL MARIA DE LOURDES
DE LIMA/ SÃO GONÇALO DO AMARANTE-RN**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

NATAL- RN

2025

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes -
CCHLA

Sousa, Ivonette Ferreira de Moraes.

O ensino de história na interface com as manifestações culturais do município, na Escola Municipal Maria de Lourdes de Lima/ São Gonçalo do Amarante -RN / Ivonette Ferreira de Moraes Sousa. - Natal, 2025.

184 f.: il.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Mestrado Profissional em Ensino de História. Natal, RN, 2025.

Orientação: Prof. Dr. Roberto Airon Silva.

1. Cultura Popular. 2. Ensino de História. 3. São Gonçalo do Amarante/RN. I. Silva, Dr. Roberto Airon. II. Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU 94:37

**O ENSINO DE HISTÓRIA NA INTERFACE COM AS MANIFESTAÇÕES
CULTURAIS DO MUNICÍPIO, NA ESCOLA MUNICIPAL MARIA DE LOURDES
DE LIMA/ SÃO GONÇALO DO AMARANTE-RN**

BANCA EXAMINADORA:

PROF. DR. ROBERTO AIRON SILVA
ORIENTADOR

PROF. DR. AZEMAR DOS SANTOS SOARES JÚNIOR
EXAMINADOR INTERNO

PROF. DR. ARTHUR LUÍS DE OLIVEIRA TORQUATO
EXAMINADOR EXTERNO

NATAL, 24 DE OUTUBRO DE 2025

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação a Deus, por iluminar meus caminhos e transformar sonhos que pareciam distantes em realidade; à minha família, porto seguro em todas as jornadas, que acreditou em mim mesmo quando as forças vacilavam; às minhas filhas, luz dos meus dias e razão maior de cada passo dado; e aos meus alunos, com a esperança de que jamais deixem de acreditar na força dos próprios sonhos.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus, que me sustenta e fortalece, permitindo que eu vença todos os desafios que surgiram em minha caminhada.

À minha mãe, Marlene, por acreditar no meu sonho e na minha capacidade de realizá-lo.

Às minhas filhas, Sophia e Sarah, que, mesmo ainda crianças, já conseguem me apoiar e me incentivar.

Aos meus irmãos — Inaldo, Izaias, Iranir, Ivete, Iraneide, Ivanilda, Iranilda, Lenilda, Lenivaldo, Leônia, Isaac, Lílian e Lenildo — por representarem apoio, união e afeto em minha trajetória.

Ao meu esposo, Wedson Teófilo, por me oferecer o apoio necessário nos momentos em que mais precisei.

Ao meu orientador, Doutor Roberto Airon, por estar ao meu lado mesmo quando tudo parecia perdido, mostrando que, apesar das dificuldades, é sempre possível recomeçar.

À Professora Doutora Margarida Dias, por compartilhar não apenas conhecimentos acadêmicos, mas também inspiração e força.

À autora Maria Tereza de Oliveira, que prontamente se dispôs a me auxiliar na pesquisa, disponibilizando seus livros valiosos sobre as manifestações culturais de São Gonçalo do Amarante.

Aos meus amigos de curso, que me ajudaram a persistir e a não desistir.

À minha amiga doutoranda em Matemática Juliana Maria Schivani Alves, que me apoiou incondicionalmente e me fez perceber meu valor e minha capacidade.

A todos os docentes do PROFHISTÓRIA, que compreenderam minhas dificuldades e me apoiaram, mostrando que é a partir delas que construímos o caminho e saímos vencedores de cada desafio.

A todos que compõem a Escola Municipal Maria de Lourdes de Lima, onde desenvolvi minha prática docente e a pesquisa, e aos meus alunos e amigos, que sempre estiveram dispostos a me ajudar.

A todos que contribuíram direta ou indiretamente para realização desse sonho.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa de São Gonçalo do Amarante	37
Figura 2: Fachada atual da Escola Municipal Maria de Lourdes de Lima.....	39
Figura 3: Reforma da Escola Municipal Maria de Lourdes de Lima em 2022.	41
Figura 4: Mapa temporal de urbanização de São Gonçalo do Amarante (2005–2015–2025).43	
Figura 5: Integrantes do pastoril Dona Joaquina após o Desfile Cívico de 2025.....	77
Figura 6: Integrantes do Pastoril Jardim das Flores pousando para uma foto.....	80
Figura 7: Apresentação do Boi Calemba Pintadinho na Igreja Matriz de São Gonçalo do Amarante/RN.....	81
Figura 8: Personagens do Boi Calemba Pintadinho em apresentação no Teatro de São Gonçalo do Amarante RN.....	82
Figura 9: Arte de divulgação dos Congos de Combate de São Gonçalo do Amarante/RN. ...	86
Figura 10: Apresentação dos Congos de Combate no Museu de SGA/RN.	87
Figura 11: Integrantes do Babelô da Alegria pousando para foto em frente a Igreja Matriz de São Gonçalo do Amarante/RN.	89
Figura 12: Integrantes do Coco do Calemba pousando para fotos.....	92
Figura 13: Dona Militana segurando sua Comenda Máxima da Cultura Popular (ou Ordem do Mérito Cultural), recebida em 2005.	94
Figura 14: Troféu do 9º Festival de Folclore de São Gonçalo do Amarante/RN homenageando o centenário de Dona Militana.....	96
Figura 15: Integrantes do Coco do Calemba em frente à Igreja Matriz de São Gonçalo do Amarante/RN.....	100
Figura 16: Monumento e Praça do Galo Branco de Dona Neném.....	101
Figura 17: Capela do Monumento dos Mártires de Uruaçu.	104
Figura 18: Monumento dos Mártires de Uruaçu.	105
Figura 19: Divulgação do Mercado do Artesanato Dona Neném Felipe	106
Figura 20: Fachada do Museu Municipal Professora Séphora Débora	107
Figura 21: Fachada do Teatro Municipal Prefeito Poti Cavalcante.	108
Figura 22: Convite de lançamento do livro de Maria Tereza de oliveira, Tecendo a Cultura popular em São Gonçalo do Amarante/RN.	116
Figura 23: Convite de lançamento do livro Militana Salustino, romanceira centenária: almanaque histórico, escrito por Maria Tereza de Oliveira.....	117

LISTA DE SIGLAS

- ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas
- AEE – Atendimento Educacional Especializado
- BNCC – Base Nacional Comum Curricular
- CEPEJUL – Centro de Pesquisas “Juvenal Lamartine”
- EJA – Educação de Jovens e Adultos
- EEEMCA – Escola Estadual de Ensino Médio do Conjunto Amarante
- EMMLL – Escola Municipal Maria de Lourdes de Lima
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- IDHM – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
- IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
- LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
- MEC – Ministério da Educação e Cultura
- NBR – Norma Brasileira
- PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais
- PNE – Plano Nacional de Educação
- PROFHISTÓRIA – Mestrado Profissional em Ensino de História
- RN – Rio Grande do Norte
- SEEC – Secretaria de Estado da Educação e da Cultura
- SGA – São Gonçalo do Amarante
- SIGEDUC – Sistema Integrado de Gestão da Educação
- UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
- UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

RESUMO

Esta dissertação analisa a ausência da História Local no currículo escolar de São Gonçalo do Amarante/RN, investigando de que maneira as manifestações culturais podem contribuir para a formação da identidade e para o ensino de História. A pesquisa articula os campos da Educação Histórica e da Educação Patrimonial, utilizando como procedimentos metodológicos a análise documental, questionários e entrevistas aplicadas a alunos, professores e membros da comunidade. O estudo evidencia que, embora haja reconhecimento da relevância das tradições locais — como o Pastoril, o Boi Calemba Pintadinho, os Congos de Combate, o Bambelô da Alegria, o Coco do Calemba e a tradição oral de Dona Militana —, sua efetiva inserção nas práticas escolares ainda é limitada, em virtude da ausência de materiais didáticos específicos, da falta de formações continuadas e de entraves estruturais no currículo. Por outro lado, os resultados apontam que tais manifestações culturais possuem grande potencial pedagógico, atuando como espaços de memória e de transmissão de saberes que fortalecem a identidade coletiva e promovem aprendizagens significativas. Nesse sentido, a pesquisa demonstra que o ensino de História Local deve ultrapassar a transmissão de conteúdos, assumindo um caráter formativo, crítico e cidadão, capaz de valorizar narrativas historicamente marginalizadas e de integrar memória, cultura e educação. Como produto educacional, foi elaborada uma cartilha digital sobre as manifestações culturais de São Gonçalo do Amarante, destinada a professores e estudantes da Educação Básica, que apresenta conteúdos históricos e atividades pedagógicas voltadas à valorização da cultura popular e da memória comunitária. Assim, a dissertação reafirma a relevância da História Local no currículo escolar, destacando-a como estratégia fundamental para a preservação do patrimônio imaterial, para o fortalecimento da cidadania e para a construção da consciência histórica.

Palavras-chave: História Local. Cultura Popular. Educação Patrimonial. Ensino de História. São Gonçalo do Amarante/RN.

ABSTRACT

This dissertation analyzes the absence of Local History in the school curriculum of São Gonçalo do Amarante/RN, investigating how cultural manifestations can contribute to identity formation and the teaching of History. The research articulates the fields of Historical Education and Heritage Education, using documental analysis, questionnaires, and interviews applied to students, teachers, and community members. The study shows that, although there is recognition of the relevance of local traditions — such as Pastoril, Boi Calemba Pintadinho, Congos de Combate, Babelô da Alegria, Coco do Calemba, and the oral tradition of Dona Militana — their effective incorporation into school practices remains limited, due to the lack of specific teaching materials, continuous teacher training, and curricular constraints. On the other hand, the results indicate that these cultural manifestations hold great pedagogical potential, acting as spaces of memory and transmission of knowledge that strengthen collective identity and promote meaningful learning. Therefore, the research demonstrates that the teaching of Local History must go beyond the mere transmission of content, assuming a formative, critical, and civic role, capable of valuing historically marginalized narratives and integrating memory, culture, and education. As an educational product, a digital booklet on the cultural manifestations of São Gonçalo do Amarante was elaborated, aimed at teachers and students of Basic Education, presenting historical contents and pedagogical activities directed towards the appreciation of popular culture and community memory. Thus, the dissertation reaffirms the relevance of Local History in the school curriculum, highlighting it as a fundamental strategy for the preservation of intangible heritage, the strengthening of citizenship, and the construction of historical consciousness.

Keywords: Local History. Popular Culture. Heritage Education. History Teaching. São Gonçalo do Amarante/RN.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1 – A AUSÊNCIA DA HISTÓRIA LOCAL NO CURRÍCULO ESCOLAR EM SÃO GONÇALO DO AMARANTE-RN	17
1.1 Pesquisas do ProfHistória relacionadas à História Local	17
1.2 História local, currículo e manifestações culturais.....	21
1.3 Breve histórico do currículo de História no Rio Grande do Norte.....	28
1.4 Currículo e materiais didáticos em São Gonçalo do Amarante-RN	31
CAPÍTULO 2 – A RELAÇÃO ENTRE OS ATORES SOCIAIS E O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL EM SÃO GONÇALO DO AMARANTE/RN	34
2.1 Contextualização da História Local em São Gonçalo do Amarante.....	36
2.2 A ausência da cultura local no cotidiano escolar: estudo de caso na Escola Municipal Maria de Lourdes de Lima	39
2.3 A Relação dos Atores Sociais com as manifestações culturais locais.....	46
2.3.1 Perfil dos alunos e docentes da Escola Municipal Maria de Lourdes de Lima	46
2.3.2 Percepções e relações dos alunos com a história e as manifestações culturais locais.....	49
2.4 Percepções da comunidade sobre a história local e as manifestações culturais	53
2.4.1 Perfil e formas de participação da comunidade.....	54
2.4.2 Cultura, identidade e reconhecimento	56
2.4.3 Escola, poder público e perspectivas de fortalecimento.....	57
CAPÍTULO 03 – INTERFACES ENTRE ENSINO DE HISTÓRIA E MANIFESTAÇÕES CULTURAIS: ANÁLISE DAS RESPOSTAS DOCENTES	60
3.1 Perfil dos docentes respondentes.....	61
3.2 Percepções docentes sobre as manifestações culturais: formação e experiências	63
3.3 Manifestações culturais no ensino e aprendizagem: práticas, currículos, desafios e contribuições	66
3.4 Percepções de alunos, professores e a comunidade sobre as manifestações culturais locais.....	69
CAPÍTULO 04 - MANIFESTAÇÕES CULTURAIS, IDENTIDADE E PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO EM SÃO GONÇALO DO AMARANTE.....	71

4.1 Manifestações culturais e identidade local	71
4.2 Patrimônio Imaterial e Memória Coletiva: Conexões, Tensões e Permanências	74
4.2.1 Pastoril Dona Joaquina e Jardim das Flores	76
4.2.2 Boi Calemba Pintadinho	81
4.2.3 Congos de Combate.....	86
4.2.4 Babelô da Alegria.....	89
4.2.5 Coco do Calemba	91
4.2.6 Dona Militana: guardiã da tradição oral e da identidade cultural.....	93
4.3 Patrimônio material e espaços de memória em São Gonçalo do Amarante	97
4.3.1 Igreja Matriz de São Gonçalo do Amarante	99
4.3.2 Monumento e Praça do Galo Branco de Dona Neném.....	101
4.3.3 Monumento aos Mártires de Uruaçu	103
4.3.4 Espaços culturais e educativos: Mercado de Artesanato, Museu e Teatro Municipal ..	105
4.4 História local e cultura local: conceitos e interfaces no ensino de História.....	109
4.5 Principais estudiosos sobre a História e a Cultura de São Gonçalo do Amarante..	110
4.5.1 Manoel Nazareno Nogueira de Araújo: literatura, política e identidade cultural.....	110
4.5.2 Deífilo Gurgel e a Cultura Popular de São Gonçalo do Amarante: Memória, Pesquisa e Reconhecimento do Patrimônio Imaterial	112
4.5.3 Iaponira Peixoto de Brito: memória, história e identidade cultural.....	113
4.5.4 Maria Tereza de Oliveira: pesquisa e pertencimento na cultura popular	115
4.6 O produto educacional: cartilha sobre as manifestações culturais de São Gonçalo do Amarante.....	118
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	120
REFERÊNCIAS	122
APÊNDICE	125

INTRODUÇÃO

A presente dissertação, intitulada *O Ensino de História na Interface com as Manifestações Culturais do Município, na Escola Municipal Maria de Lourdes de Lima/São Gonçalo do Amarante-RN*, tem como objetivo refletir sobre a ausência da História Local no ensino de História em São Gonçalo do Amarante e buscar alternativas para fortalecer o currículo escolar, articulando-o às manifestações culturais do município. Busca-se, assim, evidenciar a importância de um ensino que valorize a história e a cultura local como instrumentos de construção da identidade cultural dos alunos e da comunidade escolar, promovendo um aprendizado contextualizado, significativo e relevante para a formação cidadã.

Entendemos como manifestações culturais todas as expressões que representam o município, transmitidas de geração em geração e que carregam memórias, tradições e valores coletivos. Estas manifestações podem se expressar por meio de músicas, danças, teatro, festas populares, celebrações religiosas, práticas culinárias, vestuário, arquitetura e demais elementos culturais.

Conforme Néstor García Canclini (1997), a cultura deve ser compreendida como um processo dinâmico, marcado por constantes negociações de sentidos, no qual tradições e práticas contemporâneas se articulam. Nessa perspectiva, a cultura não se configura como um conjunto fixo de costumes, mas como uma construção social permanentemente ressignificada pelos sujeitos em seus contextos históricos. Essa compreensão permite interpretar a cultura local de São Gonçalo do Amarante como um conjunto de práticas e saberes em contínua elaboração, que deve ser integrado ao ensino formal, contribuindo para o fortalecimento da identidade cultural e do sentimento de pertencimento dos alunos ao município.

A escolha deste tema está profundamente relacionada à minha trajetória pessoal e profissional. Sou a 11ª filha de uma família de 12 filhos, oriunda de uma típica família nordestina de baixa renda, na qual a educação sempre foi valorizada como instrumento de transformação social. Meus pais, embora tenham estudado apenas até a antiga 4ª série, incentivaram todos os filhos a seguir os estudos. Meu pai, motorista e excelente sanfoneiro, transmitiu tradições musicais à família, ensinando seu ofício a um dos meus irmãos. Minha mãe, apesar das dificuldades enfrentadas em sua infância, sempre buscou estudar, valorizando o aprendizado como ferramenta de ascensão social. Ela conta que, na década de 1950, a educação pública em sua cidade, João Câmara-RN, era marcada pelo uso de castigos físicos e pela autoridade incontestável dos professores, obrigando os alunos a obedecer e memorizar conteúdos sob pena de punição. Mesmo com uma rotina difícil, auxiliando minha avó nas

colheitas de algodão e nas tarefas domésticas, minha mãe encontrava tempo para estudar debaixo das árvores, longe do barulho, demonstrando resiliência e dedicação ao conhecimento.

Cresci ouvindo histórias de meus pais, que, mesmo sem acesso a uma educação formal completa, ensinaram a importância da formação escolar e do reconhecimento da cultura. Essas experiências, aliadas ao meu gosto pela docência desde a infância, quando brincava de professora, influenciaram diretamente minha escolha profissional. Durante minha trajetória escolar, enfrentei desafios como greves e falta de professores, mas consegui concluir o curso de Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte em 2011 e o curso de Licenciatura em História em 2019.

Apesar de ter crescido e estudado em São Gonçalo do Amarante e de ter cursado Ciências Sociais e História, percebi, ao longo da minha formação, a ausência de estudos sistemáticos sobre a história local e as manifestações culturais do município. Essa lacuna me causou inquietação como professora e moradora, motivando a escolha deste objeto de pesquisa.

São Gonçalo do Amarante pertence à Região Metropolitana de Natal, Rio Grande do Norte, e está localizado às margens do Rio Potengi, fazendo fronteira com Ceará-Mirim, Extremoz, Macaíba e Natal. O município obteve um crescimento populacional de cerca de 31% nos últimos dez anos, alcançando aproximadamente 115.838 habitantes, segundo o Censo Demográfico do IBGE de 2022. Apesar de seu crescimento e importância cultural, o município ainda não possui um currículo próprio, seguindo o currículo estadual, e somente no final de 2023 a Secretaria Municipal de Educação iniciou discussões sobre a construção de um currículo local, motivada por exigências legais para o repasse de recursos educacionais.

Minha experiência profissional permitiu observar de forma direta as lacunas no ensino da História Local. Em agosto de 2015, fui convocada como professora efetiva de Sociologia pelo Estado do Rio Grande do Norte. Em março de 2022, fui efetivada como professora de História pelo município de São Gonçalo do Amarante, lotada na Escola Municipal Maria de Lourdes de Lima (EMMLL). Leciono, atualmente, Sociologia e Projeto de Vida no Ensino Médio em 12 turmas da Escola Estadual de Ensino Médio do Conjunto Amarante (EEEMCA), no turno noturno, e História em seis turmas do 6º ano do Ensino Fundamental II na EMMLL, no turno vespertino. A EMMLL, a maior escola do município, atende cerca de 20 turmas nos Anos Iniciais, 20 turmas nos Anos Finais e quatro turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA), sendo um espaço estratégico para a pesquisa devido à sua dimensão e diversidade de alunos e docentes.

A escolha da EMMLL como campo de pesquisa justifica-se também pelo contexto social e geográfico do bairro Jardins, onde a escola está localizada. O bairro é relativamente

novo, criado pela Lei Nº 1.295, de 14 de outubro de 2011, possui cerca de 35 mil habitantes e continua em expansão. A escola cresceu conforme a demanda populacional, sem planejamento estruturado, o que evidencia a necessidade de ações pedagógicas que integrem história e cultura local.

O objeto de pesquisa emergiu naturalmente da minha experiência docente: a ausência da história local no ensino de História e a carência de materiais didáticos sobre São Gonçalo do Amarante. Diante desse cenário, surgiram questionamentos centrais: por que os professores do município não recebem capacitação adequada para ensinar a história local? Por que há tão poucos materiais didáticos sobre a história e cultura do município? Qual é a relação entre as manifestações culturais e a construção da identidade dos atores sociais? Como posso contribuir para uma educação mais democrática e inclusiva?

São Gonçalo do Amarante é reconhecido como Berço da Cultura Popular do Estado do Rio Grande do Norte, conforme estabelece a Lei Estadual nº 11.527/2023, que legitima institucionalmente a relevância histórica e cultural do município no contexto potiguar. Esse reconhecimento também encontra respaldo em estudos desenvolvidos por pesquisadores como Luís da Câmara Cascudo, Deífilo Gurgel e Maria Tereza de Oliveira, que destacam a importância das manifestações culturais locais na constituição da cultura popular potiguar.

O município abriga um conjunto expressivo de manifestações culturais, entre as quais se destacam o Boi Calemba Pintadinho, o Pastoril Dona Joaquina, os Congos de Combate e o Coco de Calemba, além de práticas religiosas e tradições de forte enraizamento comunitário. Nesse contexto, a Fundação Cultural Dona Militana desempenha papel central na preservação, valorização e difusão dessas manifestações, atuando como espaço de articulação entre memória, identidade cultural e políticas públicas de cultura no município.

Do ponto de vista legal, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) nº 9.394/96, em seu Art. 26, estabelece que os currículos escolares devem contemplar a história regional e local, promovendo uma educação que valorize a cultura, a sociedade e a economia de cada localidade. Apesar disso, a implementação prática ainda é limitada no município, em razão da carência de formação continuada adequada, da falta de materiais didáticos e de políticas públicas voltadas ao reconhecimento da História Local.

A metodologia adotada nesta pesquisa envolve inicialmente uma revisão bibliográfica, que estabelece o contexto teórico, identifica lacunas existentes e fundamenta o estudo a partir de pesquisas realizadas anteriormente, incluindo dissertações e trabalhos do ProfHistória. Em seguida, será realizada uma pesquisa qualitativa, baseada em entrevistas, questionários e análise

de conteúdo, com foco nos alunos e docentes do Ensino Fundamental II da EMMLL e em outros atores envolvidos nas manifestações culturais de São Gonçalo do Amarante.

Os objetivos centrais da pesquisa incluem compreender a relação entre ensino de História e manifestações culturais, identificar lacunas curriculares e propor estratégias pedagógicas para fortalecer a História Local no ensino básico. Um produto educacional concreto desta dissertação será a elaboração de uma cartilha educativa, baseada no “Mapeamento do Patrimônio Cultural de São Gonçalo do Amarante” (Oliveira, 2019), que servirá como ferramenta de apoio para professores e alunos, promovendo o reconhecimento da identidade cultural local e contribuindo para a democratização do conhecimento.

Esta dissertação busca, assim, articular teoria e prática, combinando análise acadêmica, vivência docente e produção de materiais pedagógicos, com o objetivo de contribuir para a construção de uma educação mais significativa, inclusiva e comprometida com a cultura e história de São Gonçalo do Amarante.

A dissertação está organizada em quatro capítulos e as considerações finais, cada um abordando aspectos complementares da pesquisa e contribuindo para a construção de uma análise consistente sobre o ensino de História na interface com as manifestações culturais de São Gonçalo do Amarante.

O Capítulo 1, *A Ausência da História Local no Currículo Escolar em São Gonçalo do Amarante-RN*, apresenta um panorama da inclusão (ou exclusão) da História Local no currículo das escolas do município. Serão discutidas pesquisas do ProfHistória relacionadas à temática, conceitos de História Local e manifestações culturais, além de um breve histórico do currículo de História no Rio Grande do Norte e da utilização de materiais didáticos em São Gonçalo do Amarante. Este capítulo estabelece a base teórica e contextual para a compreensão das lacunas curriculares identificadas.

O Capítulo 2, *A Relação entre os Atores Sociais e o Ensino de História Local em São Gonçalo do Amarante/RN*, explora a interação entre os diferentes atores sociais e a história local. São analisados o contexto histórico do município, o estudo de caso da Escola Municipal Maria de Lourdes de Lima, e a relação dos alunos e da comunidade com as manifestações culturais locais. O capítulo inclui a caracterização do perfil dos participantes da pesquisa e suas percepções sobre a História Local, permitindo compreender como a comunidade escolar vivencia e se identifica com a cultura do município.

O Capítulo 3, *Interfaces entre Ensino de História e Manifestações Culturais: Análise das Respostas Docentes*, concentra-se na análise qualitativa das respostas obtidas junto aos docentes da EMMLL. São examinados aspectos como a formação dos professores, suas

experiências prévias, as práticas pedagógicas adotadas, os desafios encontrados na abordagem da História Local e a articulação entre as percepções docentes e discentes. Este capítulo fornece subsídios para identificar obstáculos e possibilidades na integração da história e cultura locais ao ensino formal.

No capítulo 4 – *Manifestações Culturais, Identidade e Produção do Conhecimento Histórico em São Gonçalo do Amarante* aprofunda a discussão sobre o papel das manifestações culturais na construção da identidade local e na preservação da memória coletiva. Inicialmente, aborda o patrimônio imaterial do município, destacando folguedos como o Pastoril, o Boi Calemba Pintadinho, os Congos de Combate, o Bambelô da Alegria, o Coco do Calemba e a trajetória da romanceira Dona Militana, reconhecida como guardiã da tradição oral. Em seguida, discute o patrimônio material e os espaços de memória, como a Igreja Matriz, o Monumento e Praça do Galo Branco, o Monumento aos Mártires de Uruaçu, o Mercado de Artesanato, o Museu Municipal Professora Séphora Débora e o Teatro Municipal Prefeito Poti Cavalcante, compreendidos como referências simbólicas que articulam passado e presente. O capítulo também apresenta os principais estudiosos que se dedicaram à história e à cultura do município, como Manoel Nazareno Nogueira de Araújo, Deífilo Gurgel, Iaponira Peixoto de Brito e Maria Tereza de Oliveira, ressaltando suas contribuições para o estudo do patrimônio cultural são-gonçalense. Dessa forma, a análise integra patrimônio, memória e identidade. Apresenta também o produto educacional desenvolvido nesta dissertação — uma cartilha sobre as manifestações culturais de São Gonçalo do Amarante, destinada a professores e alunos da Educação Básica, com o propósito de difundir a cultura local por meio de propostas pedagógicas práticas, acessíveis e significativas.

Por fim, as *Considerações Finais* sintetizam os resultados da pesquisa, evidenciando as contribuições das manifestações culturais para o ensino de História Local em São Gonçalo do Amarante. Também apresentam os limites e as perspectivas do estudo, ressaltando desafios a serem superados, como a necessidade de maior integração entre escola, comunidade e mestres da cultura popular. Além disso, o capítulo sublinha a relevância social e acadêmica do trabalho, ao fortalecer o patrimônio cultural, ampliar as possibilidades pedagógicas e reafirmar a escola como espaço de mediação entre memória, identidade e educação cidadã.

Essa estrutura permite uma análise completa e articulada da problemática identificada, possibilitando compreender a relação entre ensino de História e manifestações culturais, bem como propor soluções práticas e teóricas que contribuam para uma educação contextualizada, inclusiva e significativa para os estudantes do município.

CAPÍTULO 1 – A AUSÊNCIA DA HISTÓRIA LOCAL NO CURRÍCULO ESCOLAR EM SÃO GONÇALO DO AMARANTE-RN

A ausência da História Local no currículo escolar representa um desafio recorrente para a educação básica, especialmente em contextos como o de São Gonçalo do Amarante-RN, onde a riqueza das manifestações culturais e do patrimônio imaterial contrasta com a pouca visibilidade nos materiais didáticos e nas práticas pedagógicas. Este capítulo busca analisar essa lacuna, compreendendo de que maneira a história do município tem sido (ou não) incorporada às propostas curriculares e às experiências de ensino de História.

No primeiro momento (1.1), apresenta-se um levantamento de trabalhos já realizados no âmbito do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) que problematizam a inserção da História Local na escola, oferecendo contribuições teóricas e metodológicas que ajudam a compreender a relevância e os limites dessa abordagem.

Na sequência (1.2), discute-se a relação entre História Local, currículo e manifestações culturais, considerando os debates acadêmicos e os referenciais teóricos que tratam da importância de vincular a aprendizagem histórica à realidade sociocultural dos alunos. Além da dimensão memorial, a História Local pode ser pensada também a partir da perspectiva da História Pública, que busca articular saberes acadêmicos, memórias coletivas e práticas sociais.

A terceira seção (1.3) aborda o histórico do currículo de História no Rio Grande do Norte, situando as mudanças mais significativas ocorridas nas últimas décadas, a fim de compreender como se estruturaram as diretrizes educacionais que impactam o ensino da disciplina, tanto em nível estadual quanto municipal.

Por fim (1.4), apresenta-se uma análise específica sobre a realidade de São Gonçalo do Amarante, observando como o currículo e os materiais didáticos adotados nas escolas do município contemplam — ou deixam de contemplar — a História Local e as manifestações culturais da região.

Assim, o capítulo pretende evidenciar a contradição existente entre a riqueza cultural do município e a ausência de um currículo que valorize a memória, a identidade e a produção do conhecimento histórico local. Ao mesmo tempo, busca-se indicar caminhos possíveis para a superação desse quadro, em diálogo com os referenciais teóricos e as experiências de ensino analisadas.

1.1 Pesquisas do ProfHistória relacionadas à História Local

O Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) possui vários pesquisadores que têm como objeto de estudo a História Local. Entretanto, no caso específico de São Gonçalo do Amarante (SGA), não foram encontradas dissertações que articulem diretamente o município ao ensino de História. Embora existam autores que pesquisam e escrevem sobre a cultura local, ainda não há registros acadêmicos que estabeleçam essa relação com a prática pedagógica.

Ao pesquisar no repositório do ProfHistória com o descritor “História Local”, foram encontradas 141 dissertações. Dentre elas, selecionei 15 trabalhos que mais dialogam com meus interesses de pesquisa e, desse conjunto, cinco se destacam por suas contribuições significativas, ainda que tratem de localidades distintas. Essa ausência reforça o ineditismo e a pertinência da investigação voltada para este município.

Peres (2016) investigou a relação entre o patrimônio histórico e cultural de Tupanciretã-RS e a formação identitária dos estudantes. Ela produziu uma cartilha com sugestões sobre como o professor de História pode abordar a História Local em sala de aula, promovendo um ensino-aprendizagem mais significativo e contextualizado. Peres propõe a integração do patrimônio local ao currículo escolar, conectando os conteúdos com a realidade dos alunos, e sugere o uso de fontes locais, como documentos históricos, fotografias e objetos, para criar atividades de análise e interpretação. Além disso, recomenda visitas a locais históricos e culturais e o desenvolvimento de projetos de pesquisa. Sua pesquisa também enfatiza a importância de envolver a comunidade, realizando entrevistas com moradores mais antigos e especialistas locais, e incentiva os alunos a desenvolverem projetos como exposições e vídeos sobre a história local. Sua pesquisa destaca o uso de fontes locais, visitas a espaços históricos e o envolvimento da comunidade como estratégias centrais, recomendações que, mesmo não tratando de São Gonçalo do Amarante, são aplicáveis ao fortalecimento da minha proposta de pesquisa.

Silva Júnior (2016) também pesquisou sobre o patrimônio cultural de sua cidade, Cabo Frio-RJ, e os desafios do ensino de História Local a partir do reconhecimento do patrimônio cultural. Ele discutiu a relevância dos "lugares de memória" (Nora, 2012) e da educação patrimonial, destacando a necessidade de integrar o patrimônio cultural de Cabo Frio ao currículo de História para proporcionar uma compreensão mais profunda do contexto local. Um dos principais desafios apontados por Silva Júnior é a superação da percepção de que a História Local é menos importante que a História Nacional ou Global. Com base em Nora (2012), ele mostra como os lugares de memória podem ser utilizados como recursos educativos para promover a identidade local e a consciência histórica dos alunos. Além disso, Silva Júnior

propõe atividades educativas como visitas a locais históricos, projetos de pesquisa e envolvimento da comunidade para enriquecer o ensino. Sua contribuição é particularmente relevante para o contexto do município aqui estudado, pois evidencia tanto a carência de materiais didáticos quanto a necessidade de formação continuada de professores, problemas semelhantes aos encontrados em meu campo de pesquisa.

Sutil (2016), ao pesquisar sobre o “Museu Afetivo e o Ensino de História” a partir de documentos familiares, propõe uma abordagem que envolve os alunos na construção do conhecimento e na identificação com a própria história. Ao explorar o conceito de "Museu Afetivo", Sutil sugere que os alunos utilizem documentos e objetos pessoais para se conectarem com a história local e familiar, rompendo com o modelo tradicional de ensino no qual o professor é o único transmissor de conhecimento. Ainda que não trate especificamente de museus locais, sua perspectiva de protagonismo discente e de reconhecimento das memórias familiares contribui para minha pesquisa ao inspirar metodologias que priorizam a participação ativa dos estudantes e o diálogo com sua realidade. Suas reflexões auxiliam na fundamentação da proposta de elaboração de uma cartilha didática, voltada a articular a História Local com as práticas de ensino.

Aragão (2019) procurou mitigar a falta de interesse dos alunos pelos conteúdos históricos, destacando que essa desmotivação ocorre, em parte, pela ausência de identificação como sujeitos históricos. Utilizando o patrimônio histórico e cultural de seu município, Aragão buscou promover uma abordagem mais envolvente e contextualizada no ensino de História. A pesquisa ressalta a importância de aproximar os estudantes dos conteúdos históricos por meio de uma conexão com sua realidade local, o que poderia aumentar seu interesse e engajamento no processo de ensino-aprendizagem. Essa ideia também está presente em minha pesquisa, ao buscar contribuir para a formação cidadã dos alunos por meio do ensino de História Local.

Dias (2019) desenvolveu atividades que relacionam a História Local com os contextos regional, nacional e global, estabelecendo conexões entre os conteúdos escolares e a realidade dos alunos. Essas atividades têm o objetivo de promover um sentimento de pertencimento, favorecendo a identificação dos estudantes com a disciplina de História e com sua própria comunidade. A integração entre a História Local e o currículo escolar visa aumentar o engajamento dos alunos com a matéria e demonstrar a relevância dos conteúdos históricos para suas vidas e comunidades. Sua pesquisa dialoga diretamente com a minha, pois também busco evidenciar como o reconhecimento das manifestações culturais e do patrimônio de São Gonçalo do Amarante pode contribuir não apenas para fortalecer a identidade dos alunos, mas igualmente para

ampliar sua percepção crítica acerca da importância da História como campo de conhecimento e de formação cidadã.

Além dessas dissertações do ProfHistória, torna-se necessário ampliar o levantamento de estudos realizados em outros programas de pós-graduação e em publicações científicas que tratam do ensino de História Local, do patrimônio cultural e da identidade. Esse alargamento é fundamental para enriquecer a discussão historiográfica e metodológica da pesquisa, pois permite dialogar com perspectivas diversas, identificar experiências exitosas em diferentes contextos e compreender de que forma a História Local tem sido abordada em outras regiões do Brasil.

Um exemplo importante é o artigo de Fonseca (2011), publicado na *Revista Brasileira de História*, em que a autora discute a inserção da História Local no ensino básico como estratégia de construção de vínculos identitários e das memórias comunitárias. Essa reflexão contribui para o presente estudo, pois reforça a necessidade de conectar o ensino formal com os contextos culturais específicos de cada região.

Outro trabalho relevante é o de Schmidt (2009), publicado na *Revista História Hoje*, que problematiza os usos da História Local na educação básica e alerta para os riscos de uma abordagem meramente descritiva ou folclorizada. Sua análise é significativa para esta pesquisa, pois aponta para a necessidade de uma perspectiva crítica que articule as manifestações culturais de São Gonçalo do Amarante não apenas como celebrações, mas como práticas sociais atravessadas por disputas de memória e identidade.

Na *Educação em Revista*, Ribeiro e Silva (2015) apresentaram uma experiência didática em que professores desenvolveram projetos interdisciplinares a partir do patrimônio cultural da comunidade escolar. A pesquisa demonstrou que, quando trabalhada de forma colaborativa e integrada ao currículo, a História Local fortalece o protagonismo discente e amplia a percepção dos alunos sobre seu papel como sujeitos históricos. Essa experiência se aproxima dos objetivos da presente dissertação, especialmente ao propor metodologias que promovam o engajamento ativo dos estudantes.

Por sua vez, Costa (2017), em artigo publicado na *Revista Patrimônio e Memória*, analisa a importância das festas populares e manifestações culturais como espaços de transmissão de saberes e de preservação identitária. Essa abordagem dialoga com os objetivos do trabalho, na medida em que evidencia o potencial pedagógico das manifestações culturais de São Gonçalo do Amarante para o ensino de História.

Esses estudos, somados às dissertações já analisadas do ProfHistória, revelam que o ensino de História Local é um campo de investigação que tem recebido atenção crescente,

especialmente no que se refere à sua contribuição para a formação cidadã e identitária dos estudantes.

Ao reunir essas pesquisas, tanto do ProfHistória quanto de periódicos nacionais especializados, observa-se que o ensino de História Local, articulado ao estudo do patrimônio cultural e das manifestações identitárias, tem se consolidado como um campo relevante de investigação, sobretudo no que se refere à formação cidadã dos estudantes. As experiências analisadas evidenciam a diversidade de caminhos metodológicos adotados, demonstrando que a História Local pode ser trabalhada de forma integrada ao currículo e à realidade sociocultural dos alunos. Nesse sentido, o presente trabalho se insere nesse movimento mais amplo, buscando contribuir por meio da elaboração de uma cartilha voltada ao contexto de São Gonçalo do Amarante, com o objetivo de fortalecer a presença da História Local no currículo escolar e oferecer subsídios pedagógicos aos docentes.

1.2 História local, currículo e manifestações culturais

A ausência de pesquisas específicas sobre São Gonçalo do Amarante no âmbito do ProfHistória e em outras produções acadêmicas evidencia a necessidade de refletir de forma mais aprofundada sobre como a História Local se articula ao currículo escolar e às manifestações culturais do município. Se, por um lado, as dissertações e artigos analisados apontam a relevância do patrimônio, da memória e das experiências comunitárias para fortalecer a identidade dos estudantes, por outro, permanece o desafio de compreender de que modo tais elementos têm sido incorporados – ou negligenciados – nos documentos curriculares e nas práticas docentes. Dessa forma, torna-se fundamental discutir a função da História Local no currículo de História e sua relação com as manifestações culturais de São Gonçalo do Amarante, a fim de evidenciar como esses conteúdos podem contribuir para uma aprendizagem mais significativa.

A ausência do ensino da História Local em São Gonçalo do Amarante configura uma violação à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394/96, que determina, em seu Art. 26, a obrigatoriedade de que os currículos da Educação Básica sejam complementados com uma parte diversificada, contemplando as histórias regionais e locais em suas dimensões sociais, culturais e econômicas. Essa lacuna interfere diretamente no processo de construção identitária dos alunos, pois dificilmente poderão reconhecer-se como sujeitos históricos se não tiverem acesso ao conhecimento acerca de sua própria realidade.

Para Circe Bittencourt (2009), a História Local constitui um campo de estudo essencial, pois oferece uma compreensão mais detalhada dos processos históricos, ao evidenciar as particularidades das comunidades e suas interações com contextos mais amplos, considerando o local como agente ativo da história. Nessa perspectiva, a História Local relaciona-se à contextualização regional e à incorporação da memória, da identidade e das práticas culturais como dimensões fundamentais do ensino de História, mobilizando fontes e metodologias capazes de captar a riqueza das experiências vividas no espaço local.

Essa ausência da história local e, por consequência, das manifestações culturais de São Gonçalo do Amarante nas salas de aula — especialmente na Escola Municipal Maria de Lourdes de Lima — evidencia-se de forma clara em minha experiência docente. Durante dez anos de atuação no município, percebi que a maioria dos estudantes não conhece a história local nem suas manifestações culturais. Em uma atividade recente, ao questioná-los sobre o que sabiam acerca da cultura do município, muitos responderam que não conheciam nada; alguns poucos mencionaram o Galo, símbolo da cidade, mas sem conseguir explicar sua origem ou importância. Esse desconhecimento esteve presente tanto entre alunos do Ensino Médio quanto entre os do Ensino Fundamental II.

Constato, ainda, que a história do município costuma ser lembrada apenas em datas comemorativas, como o Dia da Independência do Brasil e o Dia do Folclore. Já o feriado estadual de 3 de outubro, que celebra os Mártires de Uruaçu e Cunhaú, restringe-se a comemorações de caráter religioso, sem se converter em tema de reflexão e debate na escola. Considero que esse quadro se explica, sobretudo, pela ausência de um currículo próprio para o município e pela falta de materiais didáticos que ofereçam suporte pedagógico aos docentes, dificultando a inserção da História Local de forma sistemática e significativa no processo de ensino-aprendizagem.

De acordo com Schmidt e Cainelli (2009), trabalhar com a História Local facilita a construção de problematizações e a apreensão da história da sociedade a partir de diferentes perspectivas, contemplando, sobretudo, as vozes e experiências dos sujeitos que, muitas vezes, foram silenciados pela história oficial institucionalizada como conhecimento histórico. Esse olhar possibilita que os alunos reconheçam o patrimônio histórico de sua localidade, de seu país e do mundo (Schmidt; Cainelli, 2009, p. 140).

Os autores, contudo, advertem que a História Local não pode ser pensada de forma isolada, devendo ser articulada a uma compreensão mais ampla, visto que compõe um todo histórico. Assim, por exemplo, o Boi Calemba Pintadinho de São Gonçalo do Amarante deve

ser apresentado em diálogo com o Boi de Reis de outras regiões do Brasil e de Portugal, de modo a evidenciar conexões, permanências e ressignificações culturais.

Schmidt e Cainelli (2009, p. 139) destacam que o trabalho com a história local pode:

[...] produzir a inserção do aluno na comunidade da qual faz parte, criar a historicidade e a identidade dele. Ajudar a criar atitudes investigativas, baseadas no cotidiano do aluno, além de ajudá-lo a refletir sobre o sentido da realidade social. Ajudar o aluno a analisar os diferentes níveis da realidade: econômico, político, social e cultural. Facilitar o estabelecimento de continuidades e diferenças com as evidências de mudanças, conflitos e permanências, e ser instrumento idôneo para a construção de uma história mais plural, menos homogênea, que não silencie a multiplicidade de vozes dos diferentes sujeitos da História.

À luz dessas reflexões, esta dissertação busca justamente contribuir para que os estudantes de São Gonçalo do Amarante – em especial da Escola Municipal Maria de Lourdes de Lima – possam conhecer e se identificar com as manifestações culturais locais e, assim, reconhecer-se como sujeitos históricos. O fortalecimento desse vínculo possibilita uma participação mais ativa dos alunos no processo de aprendizagem e uma percepção mais clara de como seu entorno dialoga com os conteúdos curriculares.

São Gonçalo do Amarante é frequentemente referido como um importante polo da cultura popular no Rio Grande do Norte, em razão da diversidade e da vitalidade de suas manifestações culturais. Esse reconhecimento encontra respaldo em reflexões de Luís da Câmara Cascudo (2012) destaca que o folclore não se limita a festas ou brincadeiras, mas abrange um conjunto amplo de saberes, práticas e tradições que estruturam a vida das comunidades. Nesse contexto, o município abriga um expressivo conjunto de manifestações culturais, entre as quais se destacam o Boi Calemba Pintadinho, o Pastoril Dona Joaquina e o Pastoril Jardim das Flores, os Congos de Combate, o Babelô da Alegria e o Coco do Calemba, que serão analisadas no Capítulo 4. Além disso, São Gonçalo do Amarante é marcado por eventos e símbolos de relevância histórica, como a Igreja Matriz, o Monumento do Galo de Dona Neném, o Monumento dos Mártires de Uruaçu e a presença do Aeroporto Internacional do Rio Grande do Norte, configurando-se como um espaço no qual tradição e modernidade coexistem de forma dinâmica.

Nesse contexto, destaca-se a contribuição de Manuel Nazareno Nogueira de Araújo, importante defensor da emancipação política de São Gonçalo do Amarante e um dos primeiros a sistematizar registros sobre a história do município. Sua obra reúne relatos sobre folgedos, filhos ilustres, disputas políticas e manifestações populares – como o Boi Calemba Pintadinho,

os Congos de Combate e a Lapinha –, constituindo uma fonte histórica importante para a preservação da memória local.

Em suas próprias palavras, Araújo defende a necessidade de resguardar o patrimônio imaterial do município, afirmando:

Vamos, porém, arrancar do passado as lendas, os fatos, conservá-los como relíquias que nos foram ofertadas pelos nossos maiores. Não se deve perder nas cinzas do passado aquilo que era realmente algo. Guardemos a apreciável coleção dos fatos relacionados com o pretérito, legado que nos pertence. Quanto é bom saber, lembrar, rever. E só sabemos registrando, guardando nos livros, pois o escrínio de nossa mente é um livro cujas letras se apagam com o tempo" (Araújo, 2015, p. 54).

A perspectiva de Araújo dialoga diretamente com os objetivos desta pesquisa, pois evidencia a urgência de registrar, sistematizar e difundir os elementos culturais e históricos de São Gonçalo do Amarante

O patrimônio cultural possui importância tanto a nível nacional quanto local, mesmo que certos elementos culturais de uma localidade ainda não tenham reconhecimento oficial, sendo, entretanto, de grande relevância no contexto comunitário. Dessa forma, o patrimônio não é apenas um registro do passado, mas um recurso fundamental para a compreensão da identidade e da história de uma população. No Brasil, a discussão sobre o patrimônio histórico e cultural remonta ao período do Estado Novo, com a promulgação do Decreto-Lei nº 25, de 1937, que instituiu o tombamento como instrumento de proteção do patrimônio histórico e artístico nacional.

Constitui o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico. (Brasil, 1937, Art. 1º)

Esse enquadramento legal evidencia que a preservação do patrimônio é uma responsabilidade coletiva, refletindo a importância de proteger tanto os bens de alcance nacional quanto aqueles de relevância local, que configuram a memória e a identidade de comunidades específicas. O artigo 134 do mesmo Decreto reforça que tais monumentos devem ser protegidos pela Nação, e atos danosos contra eles são equiparados a atentados contra o patrimônio nacional.

Art. 134 - Os monumentos históricos, artísticos e naturais, assim como as paisagens ou os locais particularmente dotados pela natureza, gozam da proteção e dos cuidados especiais da Nação, dos Estados e dos Municípios. Os atentados contra eles cometidos serão equiparados aos cometidos contra o patrimônio nacional. (BRASIL, 1937, Art. 134º)

O reconhecimento do patrimônio local de São Gonçalo do Amarante – incluindo manifestações culturais, edificações históricas e símbolos identitários contribuem para a preservação da memória coletiva e oferece suporte para ações educativas, permitindo que os estudantes compreendam a história de sua própria comunidade e se identifiquem com ela. A inclusão desses elementos no ensino de História representa, portanto, uma forma concreta de ligar legislação, memória cultural e prática pedagógica, reforçando o papel da escola como agente de preservação e transmissão da identidade local.

O patrimônio cultural refere-se às ações humanas e à vida em sociedade ao longo do tempo, consolidando a história e a cultura de um povo. As marcas do passado constituem elementos essenciais da memória social e da identidade cultural das localidades, fortalecendo o sentimento de pertencimento e contribuindo para a construção de uma visão de futuro. Nos últimos anos, o conceito de patrimônio cultural expandiu-se, abrangendo não apenas bens materiais, mas também bens imateriais, que refletem valores, práticas e expressões coletivas.

A Constituição Federal Brasileira de 1988, em seu art. 216, define os bens que podem ser compreendidos como patrimônio cultural brasileiro:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (Brasil, 1988, Art. 216º)

Ao analisar o patrimônio na perspectiva cultural, tanto material quanto imaterial, compreendemos como se formam as referências de uma sociedade. As memórias preservadas em variados segmentos – linguagem, criações artísticas, produções culturais, entre outros – permeiam a construção da identidade cultural. Esse entendimento reforça o conceito de patrimônio, seu valor cultural e sua dimensão simbólica, evidenciando como a produção e o uso dos bens culturais estão intimamente ligados à preservação da história e da identidade de um povo.

Nessa perspectiva, Hugues de Varine afirma que “o patrimônio não é apenas um conjunto de objetos herdados do passado, mas um recurso vivo, que ganha sentido a partir do uso social e da participação das comunidades” (VARINE, 2013, p. 27). Essa concepção desloca o patrimônio de uma visão exclusivamente conservacionista para uma abordagem social e educativa, na qual os sujeitos assumem papel central na produção, na preservação e na ressignificação dos bens culturais.

A concepção de patrimônio cultural é resultado do amadurecimento do conhecimento histórico, e as ações das coletividades devem ser respeitadas. Historicamente, apenas os feitos de heróis e das camadas dominantes eram considerados passíveis de preservação para a posteridade, mas a ampliação do conceito de patrimônio permitiu dar visibilidade também as experiências e manifestações culturais de diferentes grupos sociais. Ao tratar dessa discussão, busca-se compreender a formação dos conceitos de patrimônio e suas relações com memória e identidade, aproximando-nos das ações humanas que identificam, registram, salvam e transmitem o conhecimento das manifestações sociais e culturais, garantindo a continuidade e preservação da memória coletiva.

Segundo Pollak (1989), a memória constitui um elemento central na construção do sentimento de identidade, seja individual ou coletiva, funcionando como um fator crucial de continuidade e coerência na reconstrução da própria história:

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (Pollak, 1989, p. 5)

A memória se articula social e historicamente, sendo seletiva e sujeita a modificações ao longo do tempo, construída de forma consciente ou inconsciente. Conforme Pollak (1992) e Araújo (2015), a memória não reproduz fielmente o passado, sofrendo flutuações e transformações. Ela constrói o sentimento de identidade e a relação com algo ou algum lugar, funcionando como um processo contínuo que se organiza e se articula ao longo do tempo.

Para trabalhar as manifestações culturais de São Gonçalo do Amarante no ensino de História, é imprescindível discutir conceitos como patrimônio, memória e identidade. O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) reconheceu o município como cidade histórica, tendo a Igreja Matriz sido tombada em 1964. Além disso, três imagens de madeira dessa igreja também foram tombadas, evidenciando a relevância dos patrimônios

existentes no município, que, infelizmente, muitas vezes não são (re)conhecidos pela comunidade escolar.

Essa proposta dialoga com o campo da História Pública, compreendido como uma prática que amplia o alcance social do conhecimento histórico e fortalece sua circulação para além dos espaços acadêmicos, especialmente no contexto escolar e comunitário.

História pública refere-se a uma prática histórica que se desenvolve em diálogo com públicos diversos, fora dos limites tradicionais da academia. Trata-se de um campo que envolve a produção, a mediação e a circulação do conhecimento histórico em espaços como museus, escolas, comunidades, meios de comunicação e projetos culturais, buscando tornar a história acessível, socialmente relevante e compartilhada com diferentes grupos sociais. (LIDDINGTON, 2011, p. 31–32)

Michael Pollak (1992) enfatiza a estreita relação entre memória e sentimento de identidade, definindo identidade como:

O sentido da imagem de si, para si e para os outros, é a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria e apresenta aos outros e a si mesma, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros. (Pollak, 1992, p. 204)

Nesse contexto, a memória constitui um elemento essencial do sentimento de identidade, tanto individual quanto coletiva, sendo também importante para a continuidade e coerência na construção histórica e social de uma pessoa ou de um grupo.

Os estudantes do Ensino Fundamental – anos finais, estão em processo de construção de sua identidade, conhecendo-se e afirmando-se como cidadãos participativos. No entanto, para que esse processo seja significativo, é necessário que eles sejam estimulados e apresentados à própria história e cultura local, pois não poderão se identificar com tradições que lhes são desconhecidas. Os acontecimentos “vividos por tabela” — aqueles nos quais o indivíduo não participou diretamente, mas que, pela relevância, parecem fazer parte de sua vivência — são fundamentais para a construção da memória e da identidade (Pollak, 1992). Pierre Nora (1993) contribui para esta perspectiva ao afirmar que os lugares de memória são simultaneamente materiais, simbólicos e funcionais, evidenciando que as manifestações culturais possuem não apenas uma dimensão simbólica, mas também social e espacial, sendo locais de encontro e de preservação das tradições. Assim, a integração entre memória individual

e coletiva com os lugares de memória permite que os estudantes se apropriem de sua história local e construam um senso de pertencimento à comunidade.

Jill Liddington (2011) corrobora com esta dissertação ao conceber a História Pública como uma abordagem que busca tornar o conhecimento histórico mais acessível e relevante para o público, utilizando diversos formatos e mídias, promovendo participação, inclusão e relevância social, além de incentivar uma reflexão crítica sobre como o passado é representado e compreendido.

No livro *Espaços que suscitam sonhos: narrativas de memórias e identidade no Museu Comunitário Vivo Olho do Tempo*, de Átila Bezerra Tolentino e Mônica Franch, publicado pela Editora da UFPB em 2017, os autores exploram o papel dos museus comunitários na construção e preservação da memória e da identidade local, ao mesmo tempo em que envolvem a comunidade na construção e interpretação das exposições. Embora o foco principal do livro seja o Museu Comunitário Vivo Olho do Tempo, em João Pessoa, alguns conceitos fundamentais sobre a História Pública e a importância dos museus comunitários são discutidos. Tolentino e Franch (2017) abordam como os museus comunitários, como o Olho do Tempo, servem como espaços onde as memórias coletivas e as identidades locais são preservadas e narradas. Esses museus desempenham um papel crucial na construção da identidade comunitária ao dar voz às histórias e experiências locais.

Assim, os museus comunitários funcionam como instrumentos de educação e participação social, permitindo que os indivíduos compreendam e se reconheçam na história de sua própria comunidade. Essa articulação entre História Pública, memória e museus comunitários oferece subsídios importantes para a proposição de estratégias pedagógicas voltadas ao ensino da História Local em São Gonçalo do Amarante, reforçando o papel das manifestações culturais como elementos centrais na construção da identidade dos estudantes.

1.3 Breve histórico do currículo de História no Rio Grande do Norte

Dando continuidade à discussão sobre a importância da História Local e o reconhecimento das manifestações culturais, é necessário compreender também como se estruturou o currículo de História no Rio Grande do Norte. O currículo estadual constitui o marco formal que orienta o ensino da disciplina nas escolas, definindo conteúdos, habilidades e competências a serem desenvolvidas pelos estudantes. No entanto, ao longo das décadas, ele passou por diversas fases e atualizações, refletindo mudanças nas diretrizes nacionais, nas políticas educacionais e nas concepções de ensino de História. Analisar brevemente esse

percurso permite identificar avanços e lacunas, especialmente no que se refere à inclusão da História Local, tema central desta pesquisa, e ao potencial do currículo em fortalecer a identidade, a memória e a participação cidadã dos alunos, conforme discutido nos tópicos anteriores.

O currículo de História no ensino Fundamental II (ou anos finais) no Rio Grande do Norte passou por diversas fases e atualizações ao longo dos anos, refletindo mudanças nas políticas educacionais nacionais e regionais, bem como nas concepções sobre a função da disciplina na formação cidadã dos alunos.

Em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394/96 trouxe novas diretrizes para o ensino Fundamental, incluindo a disciplina de História. A lei estabeleceu a importância da História no currículo escolar, promovendo uma abordagem que reconheça a formação crítica e a compreensão do passado, reconhecendo seu papel na construção da identidade dos estudantes.

Em 2001, a Secretaria de Estado da Educação e da Cultura (SEEC) do Rio Grande do Norte iniciou a implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental, que passaram a influenciar diretamente a forma como a História era ensinada nas escolas estaduais. Essas diretrizes destacaram a necessidade de um ensino histórico relevante para a formação cidadã, promovendo uma visão crítica e contextualizada dos eventos históricos.

Em 2010, a nova versão das Diretrizes Curriculares Nacionais trouxe maior foco na construção da identidade histórica dos alunos e na compreensão dos processos históricos a partir de múltiplas perspectivas. Nesse período, as escolas passaram a adotar metodologias mais diversificadas e interativas, buscando engajar os estudantes no estudo da História e aproximar os conteúdos do cotidiano e das realidades locais.

A implementação do Plano Nacional de Educação (PNE) em 2013 e a atualização das diretrizes de ensino reforçaram a importância de um currículo de História que integrasse temas contemporâneos e promovesse a reflexão crítica sobre o passado, suas implicações para o presente e os impactos futuros, consolidando a disciplina como instrumento de formação de cidadãos críticos e conscientes de sua identidade social e cultural.

Em 2018, com a adoção da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o ensino de História no ensino Fundamental II passou a integrar explicitamente a dimensão local, nacional e mundial, enfatizando o desenvolvimento de habilidades e competências críticas, como a análise e interpretação de fontes históricas e a compreensão das relações entre diferentes períodos e contextos históricos.

A partir de 2020, a BNCC começou a influenciar de forma mais direta o currículo estadual, promovendo uma abordagem mais inclusiva e diversificada. O ensino de História passou a contemplar explicitamente a história das populações indígenas, africanas e afro-brasileiras, além da história regional do Rio Grande do Norte, reforçando a necessidade de compreender o patrimônio cultural e as manifestações culturais locais como parte essencial da formação dos alunos.

Atualmente, em 2025, o currículo de História para o ensino Fundamental II no Rio Grande do Norte continua alinhado às diretrizes da BNCC, integrando temas locais e nacionais e promovendo metodologias pedagógicas que incentivam pesquisa, debate e análise crítica. Essa abordagem promove a construção do conhecimento histórico de forma contextualizada, conectando teoria e prática, escola e comunidade, passado e presente.

O currículo enfatiza a importância das manifestações culturais locais como parte do ensino de História, buscando promover o conhecimento das tradições e identidades regionais. São abordados aspectos históricos e culturais do Rio Grande do Norte, incluindo colonização portuguesa, resistência indígena e influências africanas e europeias na formação cultural do estado. Além disso, há destaque para manifestações culturais como folclore, festas tradicionais, música e dança, incluindo o Carnaval, festas juninas, forró e coco, incentivando o reconhecimento da diversidade cultural e o respeito pelas diferentes tradições presentes na região.

O currículo também busca integrar a história das comunidades locais, como os potiguaras e outros povos indígenas, além dos afrodescendentes, destacando suas tradições, lutas e influências culturais. Analisa como essas manifestações culturais interagem com as condições sociais e econômicas do estado, considerando seu impacto na economia local, no turismo e na coesão social.

Para estimular a participação ativa dos alunos, o currículo incentiva pesquisas, projetos e atividades práticas sobre manifestações culturais locais. Isso inclui visitas a museus e centros culturais, participação em eventos tradicionais, exposições culturais escolares e outras atividades que possibilitem a experiência direta das tradições e práticas culturais do Rio Grande do Norte.

Além disso, o ensino de História frequentemente se integra a outras disciplinas, como Geografia e Artes, promovendo uma compreensão mais abrangente das manifestações culturais e de seu impacto na vida cotidiana e na formação da identidade regional. O objetivo é proporcionar aos estudantes uma compreensão rica e contextualizada das tradições e da história

local, promovendo o pertencimento e o reconhecimento de sua própria identidade cultural dentro da diversidade que caracteriza a região.

1.4 Currículo e materiais didáticos em São Gonçalo do Amarante-RN

O estudo da História Local em São Gonçalo do Amarante não pode ser dissociado da análise do currículo e dos recursos didáticos disponíveis para o ensino. Embora a legislação educacional, como a LDB/1996, a BNCC/2018 e a Constituição Federal/1988, assegure a obrigatoriedade de contemplar a história e as manifestações culturais locais, a realidade escolar do município ainda apresenta lacunas significativas. Assim, compreender como o currículo de História é estruturado e quais materiais didáticos estão à disposição dos professores é primordial para avaliar as condições de ensino e o potencial de aproximação dos estudantes com sua própria identidade cultural. Este tópico abordará, portanto, a inexistência de um currículo municipal específico, a participação dos educadores na construção coletiva de diretrizes locais, as iniciativas de formação e reconhecimento do patrimônio cultural, bem como a disponibilidade (ou ausência) de materiais didáticos adaptados à realidade de SGA, discutindo suas implicações para a efetivação de um ensino de História significativo e contextualizado.

São Gonçalo do Amarante (SGA) ainda não possui um currículo próprio para a educação municipal, seguindo integralmente o currículo estadual do Rio Grande do Norte. Em 2023, os educadores do município foram convidados a enviar suas contribuições para a construção coletiva do currículo, especialmente no que se refere à parte diversificada, que inclui a história local de São Gonçalo do Amarante e suas manifestações culturais. Até então, essa abordagem era inexistente, uma vez que o currículo vigente seguia apenas o modelo estadual. Em 2024, os educadores ainda não receberam retorno sobre o andamento da construção do currículo, evidenciando a morosidade na implementação de políticas educacionais locais.

Além disso, SGA não dispõe de materiais didáticos específicos sobre sua própria história. A única obra conhecida é a produção de 2002, intitulada Estudos sociais do município de São Gonçalo do Amarante-RN, de Iaponira Peixoto, que foi disponibilizada nas escolas do município.

Atualmente, SGA conta com duas pesquisadoras de destaque sobre as manifestações culturais do município: Maria Tereza de Oliveira e Iaponira Peixoto. Embora possuam importantes obras publicadas, essas publicações ainda não foram adaptadas para uso pedagógico em sala de aula, servindo mais como referência para professores, acadêmicos e pesquisadores. A Prefeitura de SGA não disponibiliza essas obras oficialmente, e as autoras

realizaram algumas doações de exemplares para determinadas escolas. Destaca-se, especialmente, o mapeamento organizado por Oliveira e Sousa (2019), que sistematiza o patrimônio cultural do município e poderia servir como base para a produção de materiais didáticos contextualizados, aproximando a escola das tradições locais.

A ausência de materiais didáticos próprios, aliada à demora na construção de um currículo municipal, evidencia um distanciamento entre a escola e as tradições culturais locais. Se, por um lado, a legislação (LDB/1996, BNCC/2018 e Constituição Federal/1988) garante a obrigatoriedade da História Local no processo formativo, por outro, a realidade educacional de São Gonçalo do Amarante ainda não efetivou essas diretrizes.

Também em 2023, a Prefeitura de São Gonçalo do Amarante (SGA) promoveu um percurso cultural destinado aos professores da rede municipal de ensino, com o objetivo de apresentar os principais patrimônios culturais e históricos da cidade, integrando esses elementos ao processo educativo e ampliando o conhecimento dos docentes sobre a história e a cultura local. A iniciativa permitiu que os professores conhecessem de forma mais aprofundada tanto os monumentos e edifícios históricos quanto aspectos imateriais da cultura local, como tradições, festas e práticas culturais.

O propósito do percurso era possibilitar que os docentes transmitissem aos alunos uma compreensão mais rica e contextualizada da própria cidade, oferecendo uma experiência de formação continuada que não apenas informasse sobre o patrimônio local, mas também incentivasse o uso criativo e pedagógico dessas informações em sala de aula. Espera-se que essa iniciativa tenha um impacto positivo na educação local, capacitando e motivando os professores a ensinar sobre a história e a cultura de São Gonçalo do Amarante.

O percurso cultural configurou-se como uma estratégia significativa para a formação docente, permitindo contato direto com os patrimônios históricos e culturais do município, tanto materiais quanto imateriais. Ao vivenciarem de forma prática e sensível as manifestações culturais — como festas tradicionais, folguedos, música, dança e práticas comunitárias — os professores puderam compreender não apenas o valor simbólico dessas tradições, mas também suas funções sociais e educativas. Essa experiência possibilitou a reflexão sobre maneiras de integrar esses conhecimentos à prática pedagógica, estimulando a criação de estratégias didáticas que promovam a participação ativa dos alunos e de sua própria identidade cultural.

Dessa forma, o percurso cultural constituiu uma oportunidade para consolidar a relação entre ensino, patrimônio e memória local, fortalecendo a construção de uma educação historicamente contextualizada, crítica e engajada com a preservação e divulgação das manifestações culturais de São Gonçalo do Amarante. A iniciativa evidencia que a formação

docente contínua, aliada ao conhecimento direto da cultura local, é essencial para tornar a História Local uma ferramenta de fortalecimento da identidade e da cidadania na escola.

No entanto, essa ação isolada não é suficiente para garantir que os professores dominem ou consigam ensinar adequadamente a História Local de SGA. Torna-se, portanto, necessária a implementação de cursos de formação continuada específicos sobre os diferentes patrimônios históricos do município, consolidando o conhecimento docente e promovendo práticas pedagógicas efetivas.

Nesse contexto, a proposta desta dissertação se justifica: contribuir para o fortalecimento da História Local no currículo escolar de SGA oferecendo subsídios que auxiliem professores e alunos na construção de um conhecimento histórico mais significativo, participativo e contextualizado. As lacunas identificadas no currículo atual evidenciam a necessidade de compreender como os atores sociais percebem e se relacionam com a História Local, tema abordado no capítulo seguinte.

CAPÍTULO 2 – A RELAÇÃO ENTRE OS ATORES SOCIAIS E O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL EM SÃO GONÇALO DO AMARANTE/RN

O ensino de História Local tem se mostrado um campo frutífero para o reconhecimento da identidade, da memória coletiva e da diversidade cultural das comunidades. No município de São Gonçalo do Amarante (SGA), Rio Grande do Norte, essa dimensão ganha especial relevância diante da riqueza e variedade das manifestações culturais locais, que abrangem tradições populares, folguedos, festas religiosas, grupos de dança e teatro, além de expressões artesanais e musicais que se mantêm vivas no cotidiano da população.

Este capítulo tem como objetivo analisar a relação dos diversos atores sociais presentes em São Gonçalo do Amarante – em especial alunos e docentes da Escola Municipal Maria de Lourdes de Lima (EMMLL) – com o conhecimento e o ensino da História Local, evidenciando como essa relação se articula com as manifestações culturais do município e contribui para a construção identitária desses sujeitos. A promoção das expressões culturais enquanto fontes e práticas de conhecimento histórico é um ponto central para compreender como a história é vivida, ensinada e apropriada no espaço escolar.

Neste trabalho, compreende-se a História Local não apenas como um recorte espacial do conhecimento histórico, mas como uma perspectiva metodológica de ensino, e não como um conteúdo específico a ser acrescentado ao currículo. Nessa abordagem, a História Local orienta a seleção de temas, fontes e práticas pedagógicas a partir do território vivido, possibilitando articular as experiências cotidianas dos estudantes, as manifestações culturais da comunidade e os processos históricos mais amplos, conferindo sentido social e formativo ao aprendizado histórico.

Parte-se do entendimento de que as manifestações culturais de São Gonçalo do Amarante constituem práticas sociais historicamente construídas, portadoras de memórias, saberes e identidades, e que, quando apropriadas no contexto escolar, podem atuar como mediadoras do conhecimento histórico e da formação crítica dos estudantes.

Nessa perspectiva, Circe Bittencourt destaca que o ensino da História Local desempenha papel fundamental na formação histórica dos estudantes, ao possibilitar a compreensão do espaço vivido como construção histórica:

O estudo da História Local possibilita aos alunos compreenderem o espaço em que vivem como resultado de processos históricos construídos por diferentes sujeitos sociais. Ao reconhecer o cotidiano, as experiências e as referências culturais da comunidade, o ensino de História contribui para que

os estudantes se percebam como parte da história e compreendam as relações entre o local, o regional e o nacional, superando uma visão fragmentada do conhecimento histórico. (BITTENCOURT, 2008, p. 168).

Ao articular o ensino de História às manifestações culturais no espaço escolar, a escola passa a atuar como mediadora entre o conhecimento histórico e a realidade social vivida pelos alunos. Nessa perspectiva, Schmidt e Cainelli afirmam que “o ensino de História deve possibilitar aos alunos a leitura crítica da realidade social, compreendendo as práticas culturais como produções históricas carregadas de significados” (SCHMIDT; CAINELLI, 2009, p. 32). Dessa forma, as manifestações culturais do município são compreendidas como objetos de reflexão histórica, contribuindo para a formação de sujeitos críticos e conscientes de sua inserção histórica e cultural.

A inserção das manifestações culturais locais no ensino de História também contribui para o reconhecimento da diversidade cultural presente no contexto escolar. Nessa perspectiva, Vera Candau ressalta que “reconhecer a diversidade cultural implica compreender as diferenças como constitutivas das práticas sociais e educativas” (CANDAU, 2012, p. 27). Assim, o trabalho pedagógico com a cultura local favorece o respeito às múltiplas identidades e amplia as possibilidades de diálogo entre os saberes escolares e as experiências culturais dos estudantes.

Neste trabalho, adota-se como referência central a concepção de memória coletiva formulada por Michael Pollak, que compreende a memória como uma construção social marcada por disputas, seleções e silenciamentos. Para o autor, a memória não é um dado fixo nem homogêneo, mas um processo dinâmico, atravessado por relações de poder, no qual determinados acontecimentos, sujeitos e práticas são reconhecidos, enquanto outros são marginalizados ou esquecidos (POLLAK, 1989; 1992). Ele ressalta que “a memória é seletiva. Nem tudo fica gravado, nem tudo fica registrado. A memória sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada” (POLLAK, 1989, p. 9).

Essa perspectiva permite compreender as manifestações culturais como espaços vivos de produção de sentidos, identidade e pertencimento. Dialoga-se, ainda, com a noção de “lugares de memória” de Pierre Nora (1993), utilizada de forma complementar, para refletir sobre os suportes simbólicos nos quais essas memórias se materializa. O ensino de História Local possibilita aproximar o estudante de sua realidade, compreendendo que essas manifestações são constantemente ressignificadas. Para o autor, “a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem e no objeto” (NORA, 1993, p. 9).

A diversidade cultural do município não apenas enriquece o patrimônio imaterial local, mas também fortalece o sentimento de pertencimento e o reconhecimento das múltiplas identidades locais. O desafio, porém, está em integrar essas expressões culturais às práticas pedagógicas de forma sistemática e crítica, possibilitando que a escola atue como espaço de diálogo entre a cultura local e o conhecimento histórico formal.

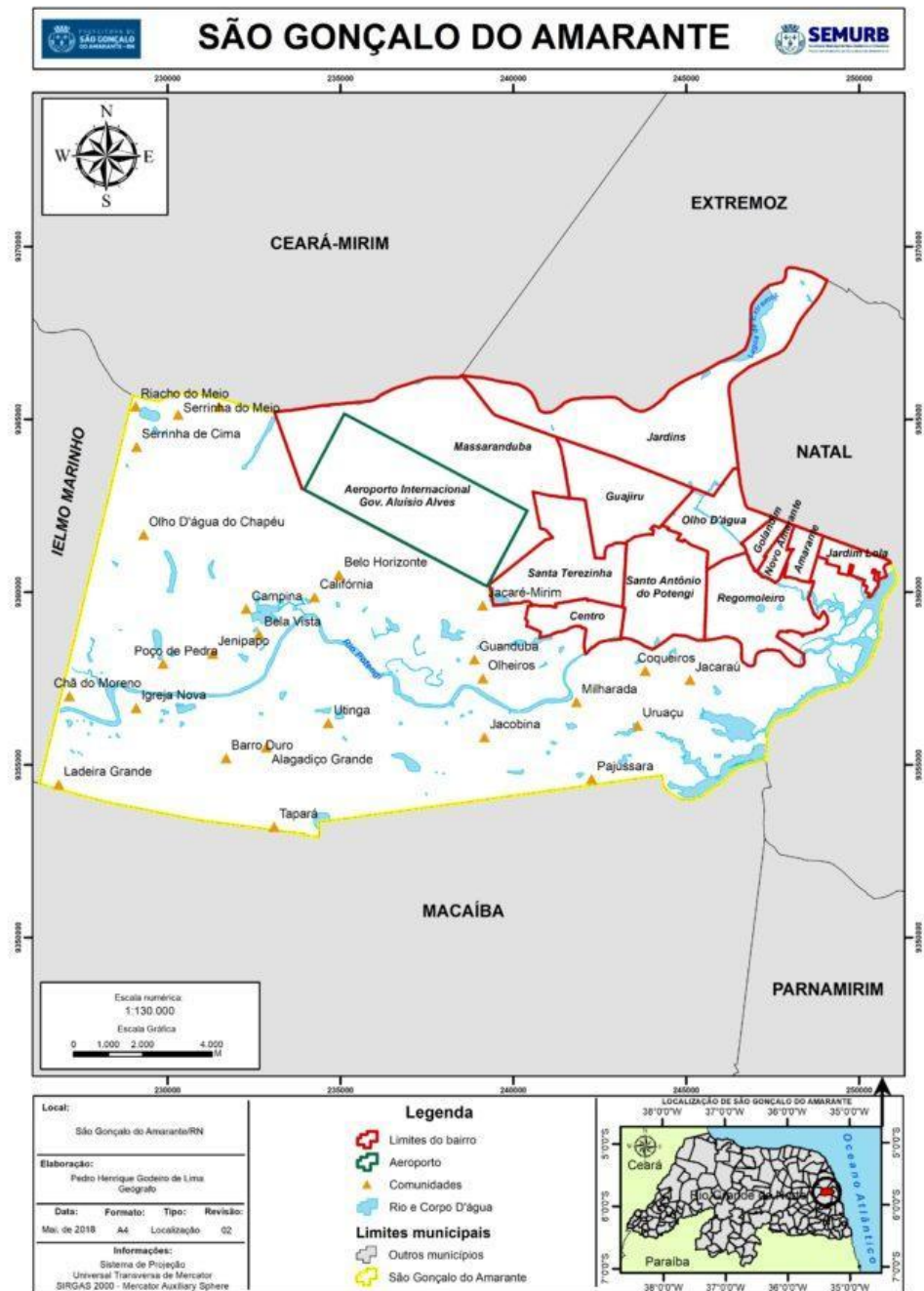
A partir da análise das percepções e práticas dos atores sociais envolvidos, este capítulo busca identificar os sentidos atribuídos à História Local e às manifestações culturais locais, bem como os impactos dessas relações na construção de uma consciência histórica situada e significativa. Espera-se, assim, contribuir para a reflexão sobre a importância de uma educação histórica culturalmente sensível e comprometida com os saberes e as expressões do território, fundamentais para a formação de sujeitos críticos, conscientes de sua história e de seu papel na construção e ressignificação da memória coletiva.

2.1 Contextualização da História Local em São Gonçalo do Amarante

Para compreender a importância do ensino da História Local e seu impacto na construção identitária dos atores sociais da Escola Municipal Maria de Lourdes de Lima (EMMLL), é imprescindível situar o município de São Gonçalo do Amarante (SGA) no seu contexto histórico e cultural. Localizado na Região Metropolitana de Natal, capital do Rio Grande do Norte. Com uma área territorial aproximada de 249,8 km² e uma população estimada em 123.207 habitantes em 2024 (IBGE, 2024), São Gonçalo do Amarante preserva uma rica trajetória marcada por eventos, processos e tradições que configuram sua singularidade dentro do cenário potiguar e combina desenvolvimento socioeconômico recente com tradições culturais que resistem ao tempo.

A formação histórica de São Gonçalo do Amarante está vinculada à colonização portuguesa, iniciada no período colonial com a instalação de engenhos de cana-de-açúcar, que foram o motor da economia local até meados do século XX. A cidade foi oficialmente fundada no século XVIII, mas somente em 1958 conquistou sua emancipação política definitiva, passando a se organizar como município autônomo, após ter sido inicialmente uma vila pertencente a Macaíba (IBGE, 2024).

Figura 1: Mapa de São Gonçalo do Amarante



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2024).

Do ponto de vista demográfico e socioeconômico, São Gonçalo do Amarante apresenta uma densidade populacional de 463,72 habitantes por km² e um Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de 0,661, indicadores que apontam para desafios ainda presentes em setores como educação, saúde e renda (IBGE, 2024). A economia local tem se diversificado, destacando-se as atividades industriais, comerciais e a produção artesanal, com forte tradição

em cerâmica, artesanato em palha de carnaúba, cipó e madeira, elementos que compõem o patrimônio material e imaterial da comunidade

Historicamente, São Gonçalo do Amarante foi palco de importantes acontecimentos sociais e econômicos, cuja memória permanece viva nas narrativas locais. Desde sua fundação até os dias atuais, a cidade desenvolveu uma cultura própria, manifestada tanto nas festas populares quanto nas expressões artísticas e no cotidiano dos seus habitantes. Essas manifestações culturais configuram um espaço de memória e identidade que pode ser articulado à escola, fortalecendo o vínculo dos estudantes com sua comunidade, permitem que eles se reconheçam como sujeitos históricos.

A cultura local manifesta-se intensamente por meio das tradicionais festas juninas, onde os Arraiás promovem a união da comunidade em torno de quadrilhas, danças e música típica, celebrando as raízes nordestinas. Destacam-se também manifestações folclóricas como o Boi de Reis (Boi Calemba Pintadinho), Os Congos de Combate, O Babelô da Alegria e o Pastoril, que unem teatro, música e dança, fortalecendo o sentimento de pertencimento. Ademais, a Festa de Reis no Sítio do Breu¹ representa um dos momentos mais significativos das tradições religiosas do município, congregando a população em procissões e celebrações que mantêm viva a memória coletiva.

Compreender esse panorama é imprescindível para que a escola possa desempenhar seu papel de mediadora entre o conhecimento formal da História e as vivências culturais dos estudantes. Ao situar os conteúdos históricos na realidade local, a escola não apenas desperta interesse pelo aprendizado, mas também promove reconhecimento e das raízes culturais, fortalecendo a identidade dos alunos.

Este tópico oferece uma visão geral da história e cultura de São Gonçalo do Amarante, servindo como base para compreender, nos tópicos seguintes, de que forma os atores sociais da EMMLL se relacionam com essas manifestações culturais. Ao articular os saberes históricos, as práticas culturais e a experiência escolar, torna-se possível perceber como a escola pode atuar como espaço de mediação da identidade local. Essa integração permite que os estudantes se reconheçam como sujeitos históricos e culturais, fortalecendo seu sentimento de pertencimento à comunidade e ampliando a compreensão de seu papel na preservação e vivência do patrimônio cultural do município.

¹ O Sítio do Breu, localizado em São Gonçalo do Amarante/RN, é reconhecido como patrimônio imaterial e berço de importantes manifestações folclóricas do município, como o Boi Calemba Pintadinho.

2.2 A ausência da cultura local no cotidiano escolar: estudo de caso na Escola Municipal Maria de Lourdes de Lima

Figura 2: Fachada atual da Escola Municipal Maria de Lourdes de Lima.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2025)

A Escola Municipal Maria de Lourdes de Lima está localizada na rua das Sempre Vivas, nº 100, no bairro Jardins, em São Gonçalo do Amarante, Rio Grande do Norte. Esse estabelecimento de ensino foi inaugurado no dia 09 de fevereiro de 2008 pelo então prefeito Jarbas Cavalcanti de Oliveira e contava com apenas 6 salas de aula.

Atualmente, esta instituição pública de ensino atende alunos do Ensino Fundamental Anos Iniciais com 23 turmas, no turno matutino; Ensino Fundamental Anos Finais com 22 turmas, no turno vespertino; e a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) no noturno com 4 turmas. De acordo com o Sistema Integrado de Gestão da Educação (SIGEDUC)² a

² Informações atualizadas em 13 de setembro de 2025.

escola possui 1580 alunos matriculados³. Situada na zona urbana de São Gonçalo do Amarante, a escola atende predominantemente alunos provenientes de famílias de classe média baixa e baixa, muitas delas beneficiárias de programas sociais. A realidade socioeconômica dos estudantes apresenta desafios que impactam diretamente no processo de ensino-aprendizagem, exigindo ações pedagógicas diferenciadas e políticas públicas integradas.

A localização da Escola Municipal Maria de Lourdes de Lima no bairro Jardins precisa ser compreendida em articulação com o intenso processo de expansão urbana da região. O crescimento populacional do bairro nas últimas décadas está diretamente ligado à superlotação e às constantes reformas da escola, que passou de apenas seis salas em 2008 para 19 salas atualmente, além de um anexo alugado.

A maioria dos alunos reside nas proximidades da escola no bairro Jardins ou bairros vizinhos como o Guajiru. Aproximadamente metade dos alunos utilizam uma das três rotas de ônibus escolares disponibilizadas pela prefeitura local para chegar a escola.

Dentre os alunos matriculados, destaca-se um número significativo de estudantes com deficiência, os quais são acompanhados por profissionais especializados por meio do Atendimento Educacional Especializado (AEE) em uma Sala de Recursos Multifuncionais. Cerca de 50 alunos com necessidades educacionais específicas são atendidos. Com uma proposta pedagógica voltada para a equidade e inclusão, a Escola Municipal Maria de Lourdes de Lima busca garantir o direito à educação de qualidade para todos os seus alunos, respeitando suas singularidades e potencialidades, e fortalecendo o vínculo entre a escola e a comunidade, em consonância com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que em seu Artigo 3º assegura os princípios da igualdade de condições para o acesso e permanência na escola, pluralismo de ideias e respeito à diversidade (BRASIL, 1996).

Apesar de possuir o maior número de alunos do município, ela apresenta superlotação e limitações físicas significativas. Tais problemas são oriundos de uma falta de planejamento e gestão da oferta anual de matrículas. A exemplo disso, em 2024 e 2025, respectivamente, após o período de matrícula foi formado um número maior de turmas, que excedeu a quantidade de salas de aulas já existente na escola. Esse fenômeno passa a ser compreendido à luz da localização geográfica da escola. Pois, ela está localizada no bairro Jardins que está em constante crescimento imobiliário e populacional. Por esse motivo a estrutura inicial da escola

³ O Sistema Integrado de Gestão da Educação é um sistema informatizado desenvolvido para que os gestores, pais, alunos e professores possam acompanhar notas, boletins e frequências, além do monitoramento da rede escolar como um todo pela secretaria de educação. O sistema é atualizado constantemente.

que era de 6 salas de aula precisou ser constantemente modificada para atender a demanda em expansão do bairro.

A escola passou por uma ampliação inaugurada em 11 de agosto de 2015 pelo prefeito Jaime Calado Pereira dos Santos, na qual foram construídas mais 6 salas de aula, 1 sala para os professores, 1 sala de recursos multimídia, 1 sala de informática, refeitório, cozinha, banheiros e quadra de esportes coberta. Totalizando 12 salas de aula em sua estrutura.

Em 09 de março de 2018 a EMLL foi novamente ampliada com mais 5 salas de aulas totalizando 17 salas de aula. Em 2022 a escola passou por mais ampliações e reformas para atender à crescente demanda. Devido as reformas da escola, os alunos foram prejudicados no decorrer do ano letivo. Pois, ela passou a funcionar em sistema de rodízio devido a 50% de sua estrutura ficar interditada por consequência dessas obras. As turmas realizavam um revezamento, onde comparecia m às aulas em semanas alternadas. Posteriormente, quando uma parte da escola foi concluída, os alunos passaram a ter aula na parte já reformada, enquanto o outro bloco da escola estava em reforma. Foi um período muito difícil para a comunidade escolar, devido as aulas acontecerem em meio a uma obra na escola.

Figura 3: Reforma da Escola Municipal Maria de Lourdes de Lima em 2022.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2025)

Apesar disso tudo, em 2024 a escola teve novamente um grande crescimento de alunos matriculados. Formaram 20 turmas no matutino e 20 turmas no vespertino, enquanto a escola

possuía 17 salas de aula. O ano letivo iniciou com rodízio de 3 turmas. Já que a escola não possuía mais terreno para construção de novas salas de aula, alguns ambientes como a sala de atendimento da Educação Especial, sala dos professores e a biblioteca foram transformados em salas de aula. Um antigo depósito foi ampliado para se tornar a nova sala dos professores, e uma sala bem menor foi construída para atendimento da Educação Especial. O rodízio só terminou no segundo semestre.

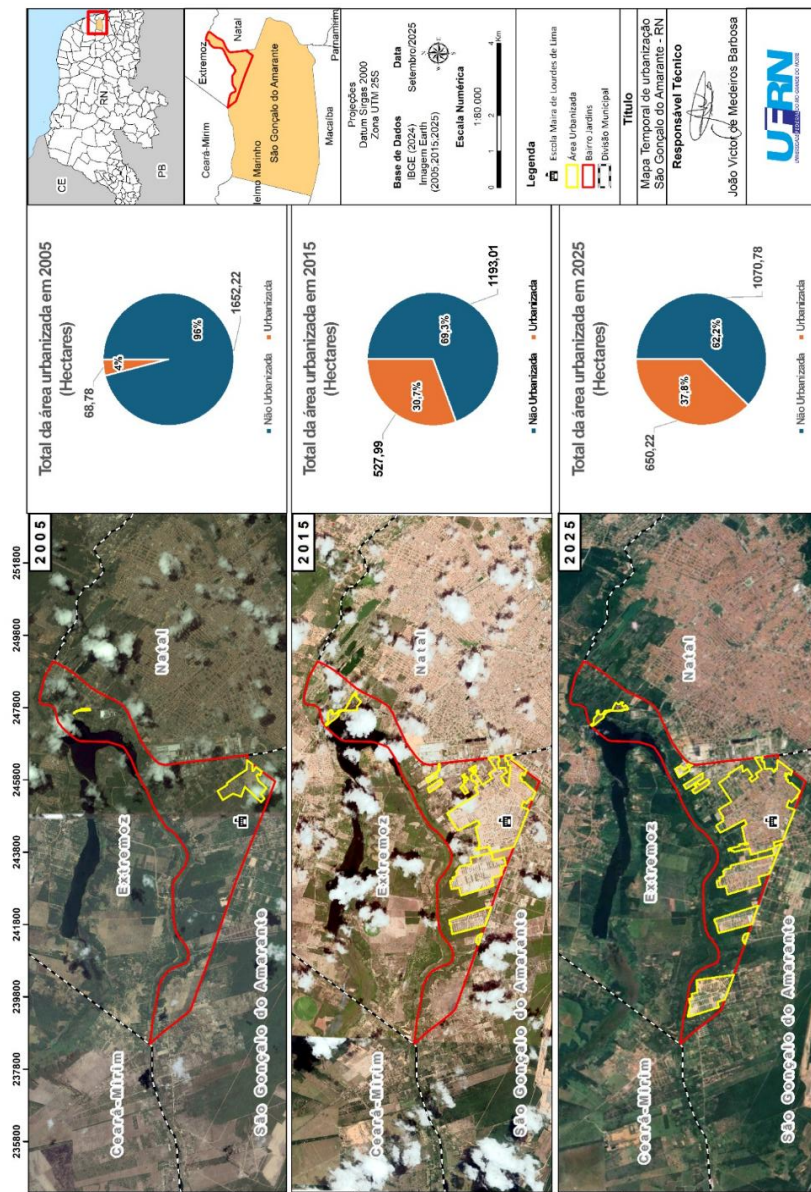
Como já era previsto, em 2025 houve um novo aumento de matrículas, formando 23 turmas no matutino e 22 turmas no vespertino. Mais uma vez a escola iniciou com rodízio de 3 turmas ficando em casa sem aula em cada dia. Como não havia mais nenhum espaço que pudesse ser utilizado como novas salas de aula, um prédio vizinho a escola foi alugado e reformado para mais 4 salas de aula. A reforma do anexo só foi concluída em maio de 2025. Apesar da inauguração do anexo, os alunos e professores precisam se deslocar constantemente entre um prédio e outro para aulas de Educação Física e para lanche, tendo em vista que o anexo conta apenas com salas de aula e banheiros.

A estrutura da escola conta atualmente com 19 salas de aula, 1 direção, 1 secretaria, 1 sala dos professores, 1 cozinha, 1 refeitório, 6 banheiros, 1 pequeno depósito, 1 quadra de esportes coberta, 1 sala de atendimento para a Educação Especial com banheiro integrado, e 1 sala de leitura. Como já mencionamos, possui também um prédio anexo contendo 4 salas de aula e 2 banheiros.

Nas últimas décadas, o bairro Jardins experimentou um crescimento significativo, impulsionado por investimentos em infraestrutura e pela valorização imobiliária. A presença do Aeroporto Internacional Governador Aluizio Alves, inaugurado em 2014, e a proximidade com as BRs 101 e 406, contribuíram para a atração de empreendimentos residenciais e comerciais. Dessa forma, se faz necessário que novas escolas sejam construídas no bairro para atender a demanda que não para de crescer.

Essa expansão pode ser visualizada no mapa temporal de urbanização de São Gonçalo do Amarante e nos gráficos de crescimento referentes ao bairro Jardins, que evidenciam a intensidade da ocupação da área entre 2005 e 2025.

Figura 4: Mapa temporal de urbanização de São Gonçalo do Amarante (2005–2015–2025).



Fonte: João Victor de Medeiros Barbosa, UFRN 2025.

A análise do mapa temporal e dos gráficos referentes ao bairro Jardins demonstra de forma clara o ritmo acelerado de expansão urbana vivido pela região nas últimas décadas. Em 2005, a área apresentava uma ocupação tímida, com pequenos núcleos habitacionais e baixa densidade populacional, o que correspondia a apenas 68,78 hectares urbanizados – aproximadamente 4% da área total projetada para o bairro. Essa realidade refletia um território ainda marcado por características rurais, com poucos serviços públicos e infraestrutura limitada.

O cenário muda de maneira expressiva em 2015. De acordo com os gráficos, o processo de urbanização salta para 527,99 hectares urbanizados, correspondendo a 30,7% da área total.

Esse crescimento coincide com a inauguração da Escola Municipal Maria de Lourdes de Lima (2008) e com a instalação do Aeroporto Internacional Governador Aluizio Alves (2014), fatores que funcionaram como indutores de ocupação do espaço. O mapa revela a multiplicação de loteamentos e o adensamento do entorno imediato da escola, tornando o Jardins um bairro atrativo para famílias em busca de moradia acessível e próximo a eixos de mobilidade (BRs 101 e 406).

Os dados atuais de 2025 reforçam a tendência de consolidação do Jardins como um dos bairros mais populosos de São Gonçalo do Amarante. Os gráficos indicam que a área urbanizada alcançou 650,22 hectares, ou seja, 37,8% do território. Esse dado confirma que a ocupação segue em expansão, embora em ritmo menos explosivo que no período anterior, com a consolidação de empreendimentos residenciais e comerciais e a elevação contínua da densidade populacional.

Além disso, os programas habitacionais do governo municipal, em parceria com a Caixa Econômica Federal, têm impulsionado a construção de novos conjuntos residenciais no bairro, o que agravará ainda mais a pressão sobre a infraestrutura escolar nos próximos anos. Embora existam promessas de construção de uma nova escola no Jardins, até o presente momento nenhuma obra foi iniciada, deixando a comunidade dependente apenas da Escola Municipal Maria de Lourdes de Lima, já marcada pela superlotação e pela insuficiência de espaços adequados.

Quando comparados em conjunto, mapa e gráficos revelam que o Jardins passou de um espaço periférico e pouco habitado para um polo de expansão urbana de grande relevância no município. Essa transformação explica diretamente a pressão crescente sobre a Escola Municipal Maria de Lourdes de Lima: inaugurada com apenas seis salas em 2008, a escola teve que se ampliar sucessivas vezes (2015, 2018, 2022) para atender à demanda, chegando em 2025 à necessidade de funcionamento em regime de rodízio e utilização de prédios anexos.

Assim, o mapa e os gráficos permitem visualizar a estreita relação entre a urbanização acelerada do Jardins e a superlotação escolar: quanto mais o bairro se expandiu, mais a escola foi obrigada a improvisar e se reestruturar. O crescimento desordenado, sem a devida previsão de novas unidades de ensino, produziu um quadro de sobrecarga estrutural que compromete a qualidade do processo educativo, confirmando a necessidade de políticas públicas que integrem planejamento urbano e oferta educacional.

Além de uma proposta pedagógica bem estruturada e práticas educacionais inclusivas, é essencial que a escola conte com uma infraestrutura adequada, que atenda às necessidades

físicas, cognitivas e emocionais dos alunos. A falta de espaços adequados prejudica o engajamento dos alunos e limita atividades pedagógicas diversificadas.

Espaços como salas de aula confortáveis, bibliotecas, laboratórios, áreas de convivência, ambientes esportivos e recursos tecnológicos não apenas favorecem o desenvolvimento das atividades pedagógicas, como também promovem a identificação dos estudantes com a escola. Infelizmente, a Escola Municipal Maria de Lourdes de Lima devido a sua superlotação não conta com espaço acolhedor, apenas com salas de aula aonde os ventiladores não são suficientes para amenizar o calor nordestino. Os professores não possuem nenhum espaço além da sala de aula que possa levar os estudantes para realizar alguma atividade diferenciada. Até mesmo realizar atividades em grupo é uma grande dificuldade para conseguir movimentar as carteiras de lugar devido a falta de espaço. A superlotação e o espaço limitado dificultam a formação de vínculos e reduzem oportunidades de atividades coletivas e culturais.

Quando o estudante se sente acolhido e reconhecido como parte integrante da escola, ele passa a reconhecer o espaço escolar como extensão de sua comunidade e de sua identidade. Portanto, investir em infraestrutura vai muito além da estética ou da funcionalidade: trata-se de criar um ambiente propício à formação cidadã, crítica e participativa dos alunos. A escola não é apenas um espaço de transmissão de conteúdos acadêmicos, mas também um ambiente onde os alunos constroem e afirmam suas identidades pessoais, culturais e sociais.

São Gonçalo do Amarante possui um patrimônio cultural expressivo, entretanto, não são incorporados ao cotidiano da escola de forma sistemática ou pedagógica. Na Escola Municipal Maria de Lourdes de Lima, observa-se que essas manifestações se fazem presentes de maneira esporádica e sem continuidade, geralmente restritas a datas comemorativas, muitas vezes com caráter de espetáculo, realizadas em períodos como a Semana da Consciência Negra, o Dia do Folclore ou as Festas Juninas. No contexto escolar, elas deveriam ser integradas como elementos vivos do currículo, capazes de conectar o conhecimento formal à realidade dos estudantes.

É necessário, portanto, repensar o papel da cultura no currículo escolar, buscando estratégias que promovam uma educação contextualizada e emancipadora. Projetos interdisciplinares contínuos, rodas de conversa com mestres da cultura popular, produção de materiais autorais sobre o bairro e a cidade, além do reconhecimento dos saberes familiares e comunitários, são caminhos possíveis para fortalecer esse vínculo.

A construção de uma escola que reconheça o que é local não significa fechar-se ao mundo, mas sim formar sujeitos mais conscientes de sua origem e, por isso mesmo, mais preparados para dialogar com o global. Reconhecer e integrar as manifestações culturais no

cotidiano da escola é um passo essencial para uma educação mais significativa, crítica e transformadora. As frequentes intervenções estruturais na EMMLL muitas vezes desorganizam o calendário escolar, limitam o uso dos espaços comuns (como pátio, quadra, auditório ou biblioteca), e reduzem o tempo e a energia disponíveis para o desenvolvimento de projetos culturais continuados. Assim, a instabilidade física do ambiente escolar impacta diretamente sua capacidade de integrar práticas culturais ao currículo.

Portanto, o caso da Escola Municipal Maria de Lourdes de Lima revela como o crescimento urbano desordenado do bairro Jardins impacta não apenas a infraestrutura física, mas também o próprio papel cultural da escola, que passa a enfrentar limitações em sua capacidade de integrar a comunidade e de reconhecer e trabalhar as identidades locais no cotidiano escolar. Diante desse cenário, é necessário investigar como os diferentes atores sociais — especialmente professores e alunos — percebem e se relacionam com as manifestações culturais de São Gonçalo do Amarante.

2.3 A Relação dos Atores Sociais com as manifestações culturais locais

Após a análise das condições estruturais e pedagógicas da EMMLL, torna-se pertinente observar também como os sujeitos que compõem esse espaço escolar percebem e se relacionam com a cultura local. O presente tópico apresenta a análise dos resultados obtidos por meio do questionário aplicado aos alunos, com o objetivo de compreender como estes percebem, vivenciam e se relacionam com a História Local e as manifestações culturais do município. Inicialmente, será traçado o perfil dos estudantes — faixa etária, série/ano de escolaridade e participação em atividades culturais — de modo a contextualizar suas respostas.

Em seguida, a análise focará nas percepções dos alunos em relação às manifestações culturais de São Gonçalo do Amarante, investigando o grau de conhecimento, interesse e participação nas tradições locais, bem como a forma como essas experiências influenciam a construção de sua identidade cultural e histórica. O estudo busca, portanto, evidenciar a inter-relação entre cultura, ensino e identidade, identificando lacunas e oportunidades para tornar a aprendizagem histórica mais significativa e conectada à realidade dos estudantes. Essa abordagem permitirá compreender de que forma o contato com as manifestações culturais locais pode contribuir para o fortalecimento do vínculo entre os alunos, a comunidade e o patrimônio cultural, promovendo uma formação cidadã e consciente de sua própria história.

2.3.1 Perfil dos alunos e docentes da Escola Municipal Maria de Lourdes de Lima

A compreensão do perfil dos estudantes e docentes da escola investigada é primordial para contextualizar os desafios enfrentados na construção da identidade discente e na limitação da integração de práticas culturais no ensino de História Local.

Os atores sociais que compõem a realidade da Escola Municipal Maria de Lourdes de Lima, situada na zona urbana do município de São Gonçalo do Amarante, apresentam características diversas que refletem tanto a heterogeneidade social do território quanto os desafios enfrentados pelo sistema público de ensino. A comunidade discente é formada majoritariamente por alunos residentes em bairros vizinhos à unidade escolar. Trata-se de um público diverso, composto por estudantes de diferentes extratos socioeconômicos. Há, entre eles, beneficiários de programas sociais como o Bolsa Família, o que indica a presença de famílias em situação de vulnerabilidade social. Por outro lado, também se identificam alunos oriundos de famílias de classe média, compondo um ambiente escolar marcado pela diversidade.

Contudo, observa-se que a diversidade cultural presente no cotidiano dos alunos não tem sido incorporada de forma significativa ao currículo e às práticas pedagógicas desenvolvidas na escola. As manifestações culturais locais, as tradições das comunidades do entorno, os saberes populares e as experiências de vida dos próprios estudantes são, em grande medida, invisibilizados no espaço da sala de aula. Essa lacuna contribui para um ensino de História Local pouco conectado com a realidade dos alunos, dificultando a construção de uma identidade escolar positiva e o fortalecimento da autoestima estudantil.

A falta de reconhecimento da cultura local e das expressões culturais juvenis contribui para a fragilidade no processo de construção identitária dos alunos, que muitas vezes não se veem representados nos conteúdos escolares ou nas práticas docentes. Essa lacuna pode gerar sentimentos de não pertencimento e distanciamento em relação ao espaço escolar, dificultando a participação ativa dos estudantes e enfraquecendo seu engajamento com o processo educativo.

O funcionamento da escola é dividido em três turnos, organizando-se da seguinte forma: no período da manhã, são atendidas turmas do Ensino Fundamental I; à tarde, funciona o Ensino Fundamental II; e no turno da noite, a escola oferta a modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Essa estrutura atende a diferentes faixas etárias e perfis educacionais, o que exige dos docentes uma constante adaptação metodológica e didático-pedagógica.

Uma característica importante observada especialmente no turno da tarde é a significativa presença de alunos em defasagem idade-série, evidenciada pelo alto número de repetências ao longo da trajetória escolar. Esse fator revela fragilidades no processo de

aprendizagem e contribui para a complexidade da gestão pedagógica, exigindo atenção redobrada às políticas de permanência e recuperação da aprendizagem.

Do ponto de vista do corpo docente, a escola é composta por professores com formação acadêmica adequada às exigências legais para atuação na educação básica. No entanto, esse corpo docente é marcado por uma composição funcional heterogênea, com profissionais efetivos – ingressos por concurso público – atuando ao lado de professores temporários, contratados por processos seletivos simplificados. Essa diferença nos vínculos contratuais repercute diretamente no grau de envolvimento com a escola. De maneira geral, os docentes não efetivos apresentam menor inserção nos projetos pedagógicos da instituição, dado o caráter transitório de sua permanência, o que fragiliza ainda mais a continuidade de propostas que reconheçam a cultura e a identidade dos estudantes.

Adicionalmente, a maioria dos professores não reside nas proximidades da escola, vindo de outras áreas da Grande Natal⁴, o que limita sua vivência com a realidade social e cultural dos alunos. Apenas uma minoria mora no entorno da escola, o que limita o diálogo entre a escola e a comunidade local. Além disso, a quase totalidade dos docentes acumula vínculos com outras escolas ou cumpre jornada dupla na própria unidade, em função da defasagem salarial enfrentada pela categoria, apesar do pagamento do piso nacional do magistério. Essa sobrecarga compromete o tempo disponível para o planejamento pedagógico, a participação em atividades extracurriculares e a implementação de projetos voltados ao fortalecimento das identidades culturais dos alunos.

Dessa forma, o cenário que se desenha é o de uma escola que, embora legalmente estruturada e comprometida com o ensino formal, ainda apresenta fragilidades significativas no que diz respeito à cultura como instrumento de construção identitária e de fortalecimento do vínculo escola-comunidade. A limitação de práticas pedagógicas culturalmente significativas empobrece o currículo e reduz a possibilidade de os alunos se reconhecerem como sujeitos históricos e culturais. Este é um ponto central para a análise desta dissertação, que busca compreender os limites e as possibilidades da escola pública como espaço de afirmação cultural, cidadania e transformação social.

O conjunto desses fatores evidencia tensões entre o currículo formal e as realidades socioculturais dos alunos, negligenciadas no dia a dia escolar. A escola, apesar de representar

⁴ A Grande Natal é uma região metropolitana localizada no estado do Rio Grande do Norte (RN), composta por Natal — capital do estado — e municípios adjacentes, como Parnamirim, São Gonçalo do Amarante, Extremoz, Macaíba, entre outros. Essa região concentra grande parte da população urbana do estado e apresenta forte integração econômica, social e de mobilidade entre os municípios.

um espaço institucional de acesso ao conhecimento, ainda encontra dificuldades em consolidar-se como lugar de escuta, reconhecimento da cultura e dos sujeitos que a constituem.

Este constitui o ponto principal da presente dissertação: analisar criticamente de que modo a ausência das manifestações culturais no ensino de História contribui para a fragilidade na construção identitária dos estudantes, revelando os limites enfrentados pela escola pública em seu compromisso com a afirmação cultural, a formação cidadã e a transformação social.

2.3.2 Percepções e relações dos alunos com a história e as manifestações culturais locais

A escola constitui-se em um espaço privilegiado para a construção de identidades, saberes e sentidos de pertencimento. Nesse contexto, a história e a cultura local desempenham papel central, pois permitem que os estudantes reconheçam a si mesmos e às comunidades de que fazem parte, fortalecendo vínculos sociais e ampliando sua compreensão de mundo. Entretanto, ainda se observa uma distância significativa entre o currículo escolar, geralmente pautado por conteúdos de caráter nacional ou global, e as experiências cotidianas dos alunos relacionadas ao lugar em que vivem.

A presente análise concentra-se nos resultados obtidos a partir da aplicação de um questionário junto aos alunos da Escola Municipal Maria de Lourdes de Lima (EMMLL), tendo como foco as manifestações culturais de São Gonçalo do Amarante. O instrumento de pesquisa buscou levantar dados sobre a percepção dos estudantes do Ensino Fundamental II quanto ao ensino de História e ao papel atribuído às manifestações culturais locais nesse processo, além de identificar possíveis lacunas e oportunidades de aprimoramento na abordagem dessas temáticas no contexto escolar.

A partir dessa contextualização, passamos à análise dos dados coletados. Os resultados do questionário aplicado oferecem um panorama sobre como os estudantes se relacionam com as manifestações culturais de São Gonçalo do Amarante e de que forma reconhecem sua relevância no processo de ensino-aprendizagem de História. Essa leitura possibilita compreender os desafios que ainda se apresentam para que a escola consiga integrá-la de maneira mais efetiva ao currículo. Assim, a interpretação dos resultados que segue busca evidenciar percepções, representações e possíveis caminhos para o fortalecimento do ensino de História em diálogo com a identidade cultural dos sujeitos envolvidos.

O questionário contou com a participação de 150 estudantes da Escola Municipal Maria de Lourdes de Lima, todos matriculados no turno vespertino, abrangendo turmas do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II. A distribuição das respostas revela que a maioria dos

participantes pertence ao 6º ano, representando 40% do total, enquanto os alunos do 9º ano corresponderam a 13,3% da amostra. As demais respostas foram distribuídas entre as turmas intermediárias (7º e 8º anos).

Em relação à faixa etária, observa-se uma predominância de estudantes mais jovens: 77% têm entre 11 e 13 anos, situando-se, portanto, na etapa inicial do Ensino Fundamental II. Já os 23% restantes possuem 14 anos ou mais, caracterizando a presença de alunos em fase mais avançada do percurso escolar.

Esse perfil indica que os resultados obtidos refletem, em grande medida, a percepção de estudantes que estão no início da formação histórica sistematizada no currículo, fase em que o contato com conteúdos de História local pode desempenhar papel decisivo na construção de vínculos identitários e de pertencimento cultural.

Embora o número de turmas do 9º ano seja equivalente ao dos demais anos, verificou-se uma participação significativamente menor desses alunos na pesquisa, mesmo com a aplicação do questionário em todas as salas. Esse dado revela não apenas um baixo interesse em colaborar, mas pode ser interpretado como um indício da ausência ou fragilidade do vínculo identitário das séries finais com a temática da história e da cultura local. Tal distanciamento sugere que o vínculo com essas questões não foi devidamente consolidado ao longo da trajetória escolar, seja pela ausência de um trabalho pedagógico sistemático ou pela ênfase predominante em conteúdos de caráter nacional e global em detrimento do local. A resistência dos alunos do 9º ano em participar da pesquisa pode ser compreendida como reflexo da fragilidade do ensino voltado a difusão da memória, das tradições e das manifestações culturais da comunidade.

Ao serem questionados se já haviam ouvido falar sobre as manifestações culturais de São Gonçalo do Amarante, os 150 estudantes apresentaram respostas que evidenciam diferentes níveis de familiaridade com a temática. Apenas 10% afirmaram ter contato frequente, demonstrando uma aproximação mais significativa com tais manifestações. A maioria, correspondente a 50,7%, declarou já ter ouvido falar, mas sem informações aprofundadas. Por sua vez, 39,3% dos alunos afirmaram nunca ter ouvido falar sobre as manifestações culturais locais.

Esses resultados revelam um cenário preocupante: somados, os estudantes que possuem conhecimento limitado ou inexistente representam 90% do total. Ou seja, mesmo vivendo em uma localidade marcada por manifestações culturais ricas e significativas, a grande maioria dos alunos não reconhece nem se apropria desses elementos como parte de sua formação cultural e histórica.

Quando indagados especificamente se conheciam alguma manifestação cultural do município, os estudantes reforçaram essa percepção de baixo grau de vínculo com a temática. Apenas 5,3% afirmaram conhecer várias manifestações, enquanto 48% declararam conhecer algumas, mas não todas. Um percentual expressivo, correspondente a 46,7%, afirmou não conhecer nenhuma manifestação cultural local.

Essas respostas, somadas à questão anterior, evidenciam uma contradição relevante: embora 50,7% dos alunos tenham relatado já ter ouvido falar das manifestações, quase a mesma proporção (46,7%) reconhece não conhecer nenhuma delas de forma concreta. Ou seja, há uma diferença evidente entre ter um contato superficial com a temática e possuir um conhecimento efetivo, capaz de gerar pertencimento à cultura local.

A reduzida porcentagem de estudantes que afirmam conhecer várias manifestações (5,3%) evidencia uma lacuna significativa na circulação e transmissão desses saberes, tanto no espaço escolar quanto na comunidade. Esse dado reforça a ideia de que o ensino de História e Cultura Local não tem sido suficientemente explorado ou consolidado como eixo estruturante do currículo. Conseqüentemente, grande parte dos alunos permanece alheia às práticas culturais do município, o que fragiliza o processo de construção identitária e o reconhecimento do patrimônio imaterial de São Gonçalo do Amarante.

Portanto, os resultados aqui apresentados reforçam a necessidade de repensar o papel da escola como mediadora da cultura local, de modo a transformar o contato superficial dos estudantes em experiências significativas de pertencimento e identidade.

No que se refere ao conhecimento específico das manifestações culturais de São Gonçalo do Amarante, as respostas revelaram diferenças significativas entre as práticas tradicionais reconhecidas como patrimônio imaterial e aquelas de maior circulação popular. Apenas 22 alunos (14,7%) afirmaram conhecer o “Babelo da Alegria”, enquanto somente 2 estudantes (1,3%) declararam conhecer os “Congos de Combate”. O “Pastoril” foi citado por 12 alunos (8%), e o “Boi Calemba Pintadinho”, manifestação de grande relevância simbólica e oficialmente reconhecida como patrimônio imaterial do município, foi lembrado por apenas 22 estudantes (14,7%).

Em contrapartida, práticas de maior presença no calendário festivo e na vivência cotidiana dos alunos apresentaram índices muito mais elevados de reconhecimento: 112 estudantes (74,7%) mencionaram as quadrilhas juninas e 67 (44,7%) citaram os blocos carnavalescos.

Esses dados evidenciam um contraste importante: enquanto as manifestações de maior apelo midiático e inserção nos festejos populares contemporâneos alcançam ampla visibilidade

entre os estudantes, as expressões culturais tradicionais — muitas delas centenárias e de profundo valor histórico — permanecem pouco conhecidas pelas novas gerações. Tal cenário aponta para a necessidade de estratégias pedagógicas que articulem a preservação do patrimônio imaterial com práticas de ensino que dialoguem com o repertório cultural já presente no cotidiano dos jovens.

No que se refere ao ensino formal, quando questionados se já haviam estudado sobre as manifestações culturais de São Gonçalo do Amarante nas aulas de História, apenas 10,7% afirmaram que sim, de forma aprofundada. Um percentual maior, 30,7%, declarou ter tido contato apenas superficial. Contudo, a maioria absoluta, correspondente a 58,7%, afirmou nunca ter estudado sobre o tema. Esse dado é particularmente significativo, pois reforça a percepção de que o currículo de História, tal como vivenciado pelos estudantes, não tem contemplado de forma consistente a dimensão local.

Ainda sobre a função pedagógica do ensino de História, os estudantes foram convidados a refletir sobre de que maneira a disciplina poderia contribuir para a valorização das manifestações culturais locais. A maioria expressiva, correspondente a 60% dos respondentes, destacou a importância de compreender o valor histórico de cada manifestação. Outros 22% apontaram que uma abordagem mais divertida e interativa poderia facilitar esse processo. Apenas 4,7% declararam não perceber relação entre História e manifestações culturais, enquanto 13,3% afirmaram não saber responder.

Esses resultados sugerem que, para a maioria dos alunos, o ensino de História é percebido como um campo fértil para o fortalecimento da identidade cultural, desde que os conteúdos sejam trabalhados de maneira contextualizada, significativa e metodologicamente diversificada. A valorização do aspecto lúdico e participativo — presente nas respostas de parte dos estudantes — reforça a necessidade de explorar metodologias ativas que rompam com a predominância das aulas expositivas tradicionais.

No tocante à percepção sobre a atuação dos professores, 32% dos alunos consideraram que as manifestações culturais são abordadas de maneira satisfatória nas aulas de História. Contudo, 27,3% afirmaram que o tema é trabalhado apenas de forma parcial, carecendo de maior aprofundamento. Já 10% dos respondentes afirmaram que o assunto não é abordado em nenhuma medida, enquanto 30,7% declararam não saber avaliar.

Esse quadro revela uma percepção ambígua: embora uma parcela dos alunos reconheça o esforço docente, grande parte deles identifica lacunas ou incertezas quanto à efetiva integração da cultura local no conteúdo escolar. Tal constatação indica a necessidade de

fortalecer políticas e práticas pedagógicas que assegurem a presença sistemática da história e da cultura de São Gonçalo do Amarante no currículo de História.

Sobre as formas de aprendizado consideradas mais interessantes para o estudo das manifestações culturais, os estudantes apresentaram preferências diversificadas. Para 24%, as aulas expositivas com recursos audiovisuais seriam mais atrativas. Outros 32,7% manifestaram preferência por aulas práticas, que envolvessem diretamente danças, músicas e oficinas culturais. Já 20% indicaram a pesquisa e a leitura de livros e artigos como o formato mais adequado, enquanto 23,3% destacaram trabalhos em grupo e projetos relacionados ao tema.

Esses resultados revelam que os estudantes reconhecem diferentes estilos de aprendizagem, mas atribuem grande relevância às metodologias práticas e interativas. O dado reforça o potencial de atividades que promovam a vivência cultural, aproximando os alunos das manifestações locais por meio da experiência direta e do envolvimento coletivo.

Por fim, ao serem indagados sobre como acreditam que as manifestações culturais de São Gonçalo do Amarante podem contribuir para sua formação como estudantes, 52% afirmaram que tais manifestações auxiliam na compreensão da história da cidade e da região. Outros 31,3% destacaram a importância de desenvolver maior apreciação pela cultura local e regional. Por outro lado, 16,7% dos respondentes declararam não perceber relação significativa entre sua formação escolar e as manifestações culturais do município.

A análise desse resultado reforça que, para a maioria, o ensino de História em diálogo com as manifestações culturais pode representar um caminho relevante para compreender a realidade em que vivem e fortalecer o senso de pertencimento à comunidade. Entretanto, a existência de uma parcela de alunos que não percebe essa relação revela um desafio a ser enfrentado: tornar o ensino da história e da cultura local mais atrativo, contextualizado e significativo, de modo que os estudantes possam compreender e se apropriar de sua relevância para a formação cidadã.

2.4 Percepções da comunidade sobre a história local e as manifestações culturais

Após a análise das percepções dos alunos da EMMLL, torna-se relevante ampliar o olhar para a comunidade em geral, buscando compreender como diferentes sujeitos se relacionam com a história local e as manifestações culturais de São Gonçalo do Amarante. Para isso, foi aplicado um questionário elaborado no Google Forms, contendo 16 questões objetivas e discursivas abertas. O instrumento foi disponibilizado por meio de link compartilhado em grupos de WhatsApp e contatos pessoais, alcançando 122 respondentes.

Cabe ressaltar que o questionário aplicado à comunidade possui caráter exploratório e não probabilístico, uma vez que foi divulgado por meio de redes sociais e contatos pessoais, configurando uma amostra por adesão. Dessa forma, os dados obtidos não permitem generalizações estatísticas sobre o conjunto da população de São Gonçalo do Amarante, mas oferecem indícios relevantes sobre percepções, níveis de envolvimento e sentidos atribuídos às manifestações culturais por um grupo significativo de moradores. O objetivo, portanto, não é representar a totalidade da comunidade, mas ampliar a compreensão qualitativa das relações entre escola, memória e cultura local.

A análise das respostas permite identificar percepções, níveis de conhecimento e formas de participação dos respondentes nas práticas culturais do município, oferecendo uma visão mais abrangente das relações entre comunidade, escola, memória e identidade. Nos tópicos seguintes, serão apresentados e discutidos os principais resultados obtidos a partir dessa investigação.

2.4.1 Perfil e formas de participação da comunidade

O levantamento realizado junto à comunidade buscou, em primeiro lugar, delinear o perfil dos respondentes e identificar de que modo estes se envolvem com as manifestações culturais de São Gonçalo do Amarante. Essa etapa permite compreender quem são os sujeitos que se pronunciam sobre a cultura local e em que medida estão inseridos nas práticas culturais, seja como participantes ativos, organizadores ou apenas espectadores. Ao mesmo tempo, o perfil etário e o tempo de vínculo com as manifestações ajudam a situar a percepção comunitária dentro de um quadro geracional, revelando diferenças entre aqueles que carregam memórias mais longas e os que passaram a se integrar recentemente ao contexto cultural do município.

A amostra de 122 participantes revela predominância de respondentes adultos em idade economicamente ativa: 31,1% têm entre 26 e 40 anos (40 pessoas) e 32,8% entre 41 e 60 anos (38 pessoas). Juntos, esses dois grupos representam quase dois terços dos respondentes, o que indica que a maior parte das opiniões reflete a visão de respondentes adultos que, além de vivenciarem as manifestações, também desempenham papel decisivo na transmissão cultural às novas gerações e na mediação entre escola, família e comunidade. Os jovens menores de 18 anos somam 23 (18,9%), seguidos por 9 entre 18 e 25 anos (7,4%) e 12 acima de 60 anos (9,8%), segmentos que, embora minoritários, dão amplitude geracional ao conjunto da pesquisa.

No que se refere ao tempo de acompanhamento ou participação nas manifestações culturais, observa-se um contraste entre novos e antigos vínculos: 52 respondentes (42,6%) acompanham há menos de 2 anos, sinalizando que há uma parcela significativa de pessoas que se inseriu recentemente no universo cultural local — fenômeno que pode estar relacionado ao crescimento urbano do município e ao processo de chegada de novos moradores, especialmente no bairro Jardins. Em contrapartida, 38 respondentes (31,1%) afirmaram acompanhar há mais de 10 anos, configurando o grupo que carrega a memória mais enraizada das tradições. Entre os intermediários, 23 (18,9%) têm vínculo de 2 a 5 anos e 9 (7,4%) entre 6 e 10 anos, revelando um mosaico de trajetórias e experiências.

Esse dado evidencia uma dupla dinâmica: de um lado, a força da memória mantida por moradores antigos, que contribuem para a continuidade das práticas; de outro, a entrada de novos sujeitos, que podem tanto reforçar quanto fragilizar o elo com a cultura, a depender da integração das políticas culturais e da mediação da escola.

A questão sobre como os respondentes participam das manifestações culturais mostrou que a maior parte dos respondentes não está inserida diretamente nos grupos: 56 pessoas (45,9%) afirmaram não participar e 33 (27%) declararam-se apenas como público/espectador. Ou seja, mais de 70% dos respondentes estabelecem uma relação passiva ou distanciada com a cultura local, acompanhando os eventos de forma esporádica ou sem qualquer envolvimento.

O núcleo ativo de participação aparece de forma minoritária: 9 brincantes (7,4%), 8 professores (6,6%), 2 organizadores (1,6%), 1 mestre da cultura (0,8%) e 1 representante da Secretaria de Cultura (0,8%). Há ainda 10 respostas abertas que ampliam esse leque, incluindo experiências como pesquisadora, produtora cultural ou participante eventual da organização de atividades.

Essa distribuição sugere que a produção cultural tende a ser sustentada por um grupo pequeno, porém engajado, responsável por contribuir para a manutenção de tradições como o Pastoril, o Boi Calemba Pintadinho e o Coco do Calemba. Contudo, o fato de a maior parte da população limitar-se à condição de público ou de não participação indica um descompasso entre reconhecimento simbólico e engajamento prático, revelando que a cultura, embora tenha sua importância reconhecida, não mobiliza a maioria em termos de pertencimento e atuação cotidiana.

A análise combinada do perfil e das formas de participação sugere que, entre os respondentes, há o reconhecimento de uma identidade cultural local, porém acompanhado de participação restrita. O peso das memórias mais antigas, somado à inserção recente de novos moradores, evidencia o risco de ruptura geracional caso não haja políticas que articulem escola

e comunidade para fortalecer o vínculo dos jovens e recém-chegados com as manifestações locais.

Essa constatação é especialmente relevante no caso da Escola Municipal Maria de Lourdes de Lima, onde o crescimento do bairro Jardins trouxe novos alunos e famílias que muitas vezes não possuem histórico de envolvimento com a cultura local. A escola pode desempenhar papel estratégico de mediação, criando oportunidades de contato e engajamento que ultrapassem a posição de espectador e promovam a inserção ativa dos estudantes e de suas famílias nos grupos culturais.

2.4.2 Cultura, identidade e reconhecimento

Compreender os sentidos atribuídos pela comunidade às manifestações culturais é essencial para avaliar o grau de pertencimento dessas práticas no município. Além de identificar a participação objetiva, importa analisar de que maneira os moradores reconhecem tais expressões como parte de sua identidade, se percebem nelas relevância histórica, simbólica ou afetiva, e como avaliam o envolvimento da coletividade, em especial dos jovens. Esses elementos permitem problematizar a relação entre memória, tradição e renovação cultural, apontando também os desafios de preservação e continuidade das práticas no contexto atual de São Gonçalo do Amarante.

Quando questionados sobre quais manifestações melhor representam a identidade do município, os respondentes destacaram em primeiro lugar as Quadrilhas Juninas (52 respostas; 42,6%), seguidas pelo Boi Calemba Pintadinho (21; 17,2%) e pelo Pastoril (20; 16,4%). Também foram citados, em menor proporção, o Bambelô da Alegria (2), o Coco do Calemba (2), os Congos de Combate (2), os Blocos Carnavalescos (5) e outras expressões isoladas, como o artesanato ou o patrimônio religioso.

A forte presença das quadrilhas evidencia o fortalecimento das festas juninas no imaginário cultural local, enquanto o Boi Calemba e o Pastoril permanecem como símbolos de longa duração, vinculados à identidade histórica do município. Essa configuração sugere que a identidade cultural de São Gonçalo do Amarante é plural e hierarquizada, com certas manifestações desfrutando de maior visibilidade pública, enquanto outras permanecem mais restritas a grupos específicos.

Nas respostas abertas sobre o significado pessoal das manifestações, predominam narrativas de preservação da memória e identidade (“representam a história cultural da cidade”, “forma de manter viva a identidade do meu povo”), associadas a valores de pertencimento,

alegria e socialização (“alegria da população”, “me conectam às minhas raízes”). Muitos participantes enfatizaram a importância da transmissão intergeracional, ressaltando que tais práticas devem ser “passadas de geração em geração e nunca esquecidas”.

Por outro lado, apareceram também vozes dissonantes que atribuem pouca ou nenhuma relevância às manifestações (“não me acrescenta nada”, “não participo e não tenho interesse”), sinalizando um campo de tensões entre reconhecimento cultural e indiferença social. Essa ambivalência reforça a necessidade de estratégias educativas que ampliem a consciência histórica e cultural dos moradores, sobretudo dos mais jovens.

A percepção dos respondentes sobre o grau de reconhecimento das manifestações culturais pela comunidade revelou um quadro de reconhecimento limitado: 54 respondentes (44,3%) consideram que são valorizadas apenas parcialmente, 31 (25,4%) que são pouco valorizadas, contra apenas 29 (23,8%) que acreditam haver valorização efetiva. Outros 8 (6,6%) afirmaram que não há valorização alguma.

Quanto ao papel dos jovens, a avaliação é ainda mais crítica: a maioria dos participantes considera que apenas alguns (65; 53,3%) ou poucos (30; 24,6%) jovens participam ativamente. Apenas 20 (16,4%) reconhecem uma presença expressiva da juventude, enquanto 7 (5,7%) afirmam que não há envolvimento. As sugestões para ampliar essa participação reforçam a importância de incentivos dentro da escola, de maior divulgação em redes sociais e meios comunitários, além de apoio financeiro e logístico para facilitar o acesso e a permanência nos grupos culturais.

Os resultados indicam que, entre os respondentes, as manifestações culturais são reconhecidas como parte de uma identidade histórica e coletiva, mas percebe que o reconhecimento social é insuficiente e que há uma baixa adesão juvenil. Essa combinação revela um risco de fragilidade na transmissão cultural, especialmente em um município que vive intenso crescimento urbano e incorporação de novos moradores, como ocorre no bairro Jardins. A ambivalência entre reconhecimento simbólico e baixa participação prática mostra que a identidade cultural não é homogênea, mas atravessada por contradições e diferentes níveis de engajamento

2.4.3 Escola, poder público e perspectivas de fortalecimento

A análise das percepções da comunidade evidenciou que, embora as manifestações culturais sejam reconhecidas como parte fundamental da identidade local, há lacunas significativas na forma como a escola e o poder público têm atuado em sua difusão. O consenso

sobre o papel da escola foi expressivo: 111 respondentes (91%) afirmaram que é importante trabalhar a cultura local nas aulas de História, contra apenas 8 (6,6%) que consideraram “parcialmente” e 3 (2,4%) que não enxergam essa necessidade. Esse resultado revela a confiança da comunidade na escola como principal espaço de mediação entre tradição e juventude, capaz de articular práticas culturais e conteúdos curriculares.

As sugestões apresentadas para aproximar a escola das manifestações culturais convergiram em torno de algumas estratégias recorrentes: a inserção de oficinas e projetos contínuos nas disciplinas, a promoção de aulas de campo e visitas a grupos culturais, a realização de festivais e semanas temáticas dentro das escolas e o convite a mestres e brincantes para rodas de conversa e apresentações. Muitos participantes enfatizaram ainda a necessidade de que a cultura local esteja formalmente integrada ao currículo, seja como disciplina específica, seja como eixo interdisciplinar. Dessa forma, a comunidade deposita na escola expectativas de preservação e difusão cultural, atribuindo-lhe o papel de garantir a transmissão às novas gerações.

No entanto, a avaliação da atuação do poder público mostra uma percepção de insuficiência. Para 53 respondentes (43,4%), a presença da prefeitura e da Secretaria de Cultura é “presente, mas insuficiente”, enquanto 48 (39,3%) a consideram “pouco presente”. Apenas 14 (11,5%) avaliam como “muito presente” e 7 (5,7%) entendem que a atuação é inexistente. Questionados sobre quais apoios seriam mais necessários para fortalecer a cultura, as respostas se concentraram em quatro aspectos: apoio financeiro, citado por 47 pessoas (38,5%); estrutura e espaços adequados, mencionados por 28 respondentes (23%); divulgação, apontada por 21 participantes (17,2%); e formação para mestres e brincantes, lembrada por 11 respondentes (9%). Embora cada item tenha relevância própria, as falas abertas reforçam que todos esses elementos são indispensáveis e que devem ser acompanhados também de maior segurança nos eventos e de formação de professores, para que a escola se torne parceira efetiva do reconhecimento cultural.

As propostas de integração entre escola, comunidade e manifestações culturais indicaram caminhos práticos, como a criação de calendários culturais integrados, a realização de oficinas culturais dentro das escolas, o fortalecimento de parcerias entre as secretarias de educação e de cultura. Os resultados apontam para uma tensão importante: a comunidade confia na escola como mediadora cultural, mas reconhece que ela não dispõe de condições materiais e institucionais adequadas para cumprir plenamente essa função. Já o poder público é visto como presente, porém insuficiente, o que fragiliza a política cultural e compromete a continuidade das práticas. Esse cenário reforça a necessidade de articulação entre educação e

cultura como políticas complementares: sem apoio institucional, as iniciativas escolares ficam restritas; sem a mediação da escola, a cultura corre o risco de não ser transmitida às novas gerações. Consolidar a presença das manifestações culturais no currículo escolar, ao lado de investimentos públicos em infraestrutura, financiamento e formação, é condição essencial para que São Gonçalo do Amarante assegure a continuidade, a ressignificação e a transmissão de seu patrimônio cultural e fortaleça sua identidade coletiva.

De forma mais ampla, a análise das percepções da comunidade revela um quadro complexo: de um lado, há o reconhecimento da importância das manifestações culturais como elementos constitutivos da identidade local; de outro, observa-se uma participação restrita, marcada pelo distanciamento de grande parte da população e pela fragilidade do apoio institucional. O cruzamento entre perfil, formas de engajamento e sentidos atribuídos mostra que a memória cultural é reconhecida simbolicamente, mas enfrenta desafios de continuidade, sobretudo diante do crescimento urbano recente e da baixa adesão da juventude.

Essa constatação dialoga diretamente com os objetivos desta pesquisa e fundamenta a elaboração do produto educacional — uma cartilha sobre as manifestações culturais de São Gonçalo do Amarante — que busca registrar e sistematizar os saberes locais, ao mesmo tempo em que oferece suporte pedagógico para docentes e estudantes reconhecerem-se como herdeiros e agentes ativos da cultura popular. Assim, a cartilha se apresenta como instrumento de fortalecimento da identidade e de aproximação entre escola, comunidade e território, em sintonia com a proposta de tornar o ensino de História mais significativo, crítico e contextualizado. Esses dados permitem avançar para a análise das respostas dos docentes, cujo olhar sobre o ensino de História e a incorporação das manifestações culturais locais será discutido no Capítulo 3, possibilitando compreender como percepções e práticas docentes influenciam a construção identitária dos alunos.

CAPÍTULO 03 – INTERFACES ENTRE ENSINO DE HISTÓRIA E MANIFESTAÇÕES CULTURAIS: ANÁLISE DAS RESPOSTAS DOCENTES

A presente seção dedica-se à análise das respostas obtidas por meio do questionário aplicado aos docentes que atuam nas escolas do município de São Gonçalo do Amarante/RN. O instrumento foi elaborado com o intuito de compreender como as manifestações culturais locais são conhecidas, vivenciadas e, sobretudo, trabalhadas no contexto escolar, em especial nas aulas de História.

A escolha pelos professores como grupo respondente justifica-se pelo papel central que exercem no processo educativo como agentes que podem promover a difusão das práticas culturais do município. Dessa forma, suas percepções e experiências tornam-se elementos fundamentais para identificar tanto os avanços quanto os desafios relacionados à inserção da cultura local no currículo escolar.

O questionário, composto por 17 questões objetivas, foi elaborado na plataforma Google Forms, cujo link foi inicialmente enviado a grupos de professores via WhatsApp. A partir daí, o instrumento foi também compartilhado por esses docentes com outros colegas, além de ter sido encaminhado diretamente aos professores com os quais a pesquisadora mantém contato.

Ao todo, 46 professores participaram da pesquisa; entretanto, como 5 deles não lecionam em escolas do município, suas respostas foram consideradas apenas para a questão inicial de delimitação do público da pesquisa, não sendo validadas para a análise das demais. Assim, os resultados apresentados a seguir referem-se ao conjunto de docentes que efetivamente atuam em São Gonçalo do Amarante.

A análise desses resultados possibilita delinear um panorama mais consistente sobre o lugar ocupado pelas manifestações culturais locais no ensino de História, ao mesmo tempo em que contribui para a reflexão acerca de práticas educativas mais contextualizadas e significativas. Essa perspectiva dialoga com o que defende Circe Bittencourt (2004, 2011), ao enfatizar que o ensino de História deve incorporar as experiências culturais dos sujeitos e reconhecer a diversidade de memórias sociais.

A seguir, apresentam-se os resultados obtidos, organizados em subtemas que favorecem a compreensão das tendências, convergências e divergências nas respostas dos professores, permitindo aprofundar a discussão acerca da interface entre ensino de História e manifestações culturais do município.

3.1 Perfil dos docentes respondentes

Antes de analisar as percepções docentes acerca das manifestações culturais de São Gonçalo do Amarante, faz-se necessário caracterizar o perfil dos professores participantes da pesquisa. A descrição desse perfil permite compreender aspectos como gênero, faixa etária, tempo de experiência, formação acadêmica, local e nível de atuação, elementos que constituem referenciais importantes para interpretar as respostas apresentadas.

Entre os professores participantes da pesquisa, observou-se uma distribuição equilibrada em relação ao gênero, sendo 48,8% do sexo feminino e 51,2% do sexo masculino.

No que se refere à faixa etária, não houve respondentes com menos de 25 anos. A maioria situa-se entre 25 e 34 anos (43,9%), seguida por 35 a 44 anos (31,7%), enquanto 14,6% têm entre 45 e 54 anos. Esses dados revelam uma predominância de professores jovens, mas também contemplam profissionais em faixas etárias mais elevadas, o que contribui para uma composição diversificada do grupo. Essa tendência se confirma quando analisamos o tempo de atuação no magistério. Entre os respondentes, 31,7% possuem até 5 anos de experiência, e 17,1% entre 6 e 10 anos, o que reforça a presença de uma geração mais recente de professores em atividade. Por outro lado, um número expressivo — 39% — já acumula 11 a 20 anos de docência, enquanto 12,2% atuam há mais de 20 anos. Essa distribuição evidencia um equilíbrio entre profissionais em processo de consolidação de sua prática e docentes mais experientes, cuja vivência contribui para o enriquecimento das reflexões sobre o ensino.

No que se refere à formação inicial dos docentes participantes, observa-se que 19,5% possuem licenciatura em História, constituindo o grupo mais diretamente vinculado ao objeto desta pesquisa. Contudo, a maioria dos respondentes é formada em outras áreas, como Pedagogia (12,2%), Ciências Biológicas (9,8%), Geografia (9,8%), Letras/Língua Portuguesa (9,8%), Matemática (7,3%), além de formações em Artes, Música e Língua Inglesa, entre outras. Esse dado evidencia que o debate sobre as manifestações culturais locais não está circunscrito apenas ao campo da História, mas atravessa diversas áreas do conhecimento, configurando um espaço fértil para abordagens interdisciplinares.

Tal diversidade de formações dialoga com a perspectiva da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, 1996), que estabelece a importância do reconhecimento da pluralidade cultural brasileira e do desenvolvimento de competências que ultrapassem a fragmentação disciplinar. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) também ressaltam a relevância da interdisciplinaridade como eixo estruturante do trabalho pedagógico, orientando que os conteúdos escolares estejam articulados a temas de relevância social e cultural. De modo

mais recente, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reforça essa concepção ao propor competências gerais que contemplam o reconhecimento da diversidade cultural, o exercício da cidadania e o desenvolvimento do pensamento crítico, atribuindo ao ensino de História um papel central na compreensão das identidades locais e nacionais, mas incentivando igualmente que outros componentes curriculares dialoguem com esses objetivos.

A participação de professores de múltiplas áreas, ainda que em número expressivo, não representa um afastamento do foco da pesquisa, mas antes um enriquecimento analítico, pois permite identificar como diferentes formações docentes se apropriam — ou deixam de se apropriar — da história e das manifestações culturais de São Gonçalo do Amarante em suas práticas pedagógicas. Essa heterogeneidade corrobora a necessidade de políticas de formação continuada que favoreçam não apenas os professores de História, mas todo o corpo docente, de modo a consolidar práticas educativas mais contextualizadas, significativas e coerentes com os documentos normativos da educação básica brasileira.

Em relação ao local de atuação principal, 85,4% dos docentes lecionam em escolas situadas na zona urbana, enquanto 14,6% estão vinculados a instituições localizadas na zona rural. Essa diferença expressiva revela a concentração da prática docente em espaços urbanos, o que pode refletir tanto a distribuição demográfica do município quanto a maior presença de unidades escolares nessa área.

No entanto, a presença de professores na zona rural é especialmente significativa para esta pesquisa, uma vez que esses espaços frequentemente guardam práticas culturais, memórias coletivas e tradições que se relacionam de forma direta com a história local. A análise desse dado, indica a necessidade de refletir sobre como as manifestações culturais de São Gonçalo do Amarante são trabalhadas em contextos distintos — urbano e rural — e em que medida as condições estruturais e sociais de cada realidade interferem na forma como a história local é incorporada ao ensino de História e a outras áreas do conhecimento.

No que se refere ao nível de escolaridade em que os docentes atuam, 22% ministram aulas no Ensino Fundamental – séries iniciais, 78% no Ensino Fundamental – séries finais, 14,6% no Ensino Médio e apenas 2,4% no Ensino Superior. Essa distribuição indica uma predominância significativa da atuação no Ensino Fundamental, especialmente nos anos finais, etapa em que o ensino de História adquire maior relevância no currículo escolar e em que se ampliam as possibilidades de abordagem da história local em diálogo com os conteúdos previstos pela BNCC.

A presença de docentes nos anos iniciais também se revela relevante, visto que, nessa fase, são construídas as primeiras noções de identidade, pertencimento e memória coletiva. Já

no Ensino Médio, ainda que em menor número, a inserção das manifestações culturais e da história do município contribui para aprofundar o pensamento crítico e estabelecer conexões entre os conteúdos de História do Brasil e da História Geral com a realidade vivida pelos estudantes.

A baixa incidência de docentes atuando no Ensino Superior (2,4%) mostra que a pesquisa se concentra, de fato, no universo da Educação Básica, corroborando a pertinência do estudo frente às diretrizes da LDB e da BNCC, que reforçam o reconhecimento das identidades culturais e a articulação entre saberes escolares e a experiência histórica dos sujeitos.

Assim, a caracterização do perfil docente não apenas contextualiza a pesquisa, mas também ilumina os diferentes caminhos pelos quais a história e as manifestações culturais de São Gonçalo do Amarante podem ser integradas ao ensino, seja pela especificidade disciplinar da História, seja pela interdisciplinaridade das demais áreas. A partir dessa caracterização inicial, torna-se possível avançar para a análise das percepções docentes sobre as manifestações culturais locais, considerando suas experiências formativas, práticas e desafios enfrentados no cotidiano escolar.

3.2 Percepções docentes sobre as manifestações culturais: formação e experiências

Dando continuidade a caracterização do perfil docente apresentada na seção anterior, torna-se necessário compreender de que maneira os docentes percebem e atribuem sentido às manifestações culturais de São Gonçalo do Amarante no contexto do ensino e aprendizagem. As manifestações culturais, entendidas como expressões da memória, da identidade e das práticas sociais de uma comunidade, constituem-se em importantes referenciais para a prática pedagógica.

As respostas obtidas permitem identificar não apenas o grau dessas manifestações, mas também os desafios e as possibilidades de sua inserção no processo educativo. A análise busca evidenciar como tais percepções refletem concepções de cultura, de história e de pertencimento local, ao mesmo tempo em que ressaltam o papel da escola na preservação e dinamização do patrimônio cultural de São Gonçalo do Amarante.

Nesta seção, buscou-se identificar como os professores se relacionam com as manifestações culturais de São Gonçalo do Amarante a partir de sua formação e de suas vivências. Foram consideradas questões como a participação em formações específicas, a disponibilidade de materiais didáticos sobre a cultura local nas escolas, o conhecimento que possuem dessas manifestações e o grau de envolvimento em atividades culturais, seja como espectadores ou organizadores. Esses elementos permitem compreender em que medida os

docentes têm acesso a referenciais que possam subsidiar a inserção das manifestações culturais no processo de ensino e aprendizagem, bem como sua contribuição para o reconhecimento da identidade e da memória comunitária.

A análise das respostas evidencia um cenário marcado pela fragilidade no que diz respeito à formação e ao acesso a recursos pedagógicos relacionados às manifestações culturais locais. Constatou-se que 36,6% dos docentes nunca participaram de formações voltadas para essa temática, o que demonstra a ausência de políticas continuadas de capacitação capazes de preparar o professor para trabalhar com a história e a cultura do município. Conforme Candau (2012), a formação docente precisa considerar as dimensões culturais da prática educativa, reconhecendo a escola como espaço de mediação entre diferentes saberes e identidades. Nesse caso, a ausência de iniciativas formativas voltadas para o patrimônio cultural de São Gonçalo do Amarante fragiliza a atuação dos professores, que ficam restritos a um repertório limitado e pouco sistematizado.

Esse dado se soma ao fato de que apenas 22% afirmaram dispor de materiais didáticos em suas escolas que abordem diretamente as manifestações culturais locais, revelando um contexto em que o educador atua sem apoio institucional consistente. Segundo Bittencourt (2008), o ensino de História depende fortemente dos materiais didáticos, que funcionam como mediadores entre o conhecimento acadêmico, as políticas educacionais e a prática escolar. A ausência de recursos específicos sobre a cultura local contribui, portanto, para que o trabalho docente permaneça fragmentado e pouco articulado à realidade do aluno.

Essa carência de formação e de materiais reflete-se diretamente no nível de conhecimento dos professores sobre as manifestações culturais locais. Nenhum docente declarou conhecê-las profundamente; 51,2% afirmaram conhecê-las apenas de forma geral, enquanto 41,5% relataram ter apenas ouvido falar e 0,3% admitiram não conhecer. Tal panorama revela que, embora a cultura popular esteja presente no cotidiano da cidade e seja parte constitutiva da identidade da comunidade, sua inserção no espaço escolar ocorre de forma superficial, fragmentada ou mesmo inexistente. Candau (2012) destaca que a prática educativa deve partir do reconhecimento da diversidade cultural, uma vez que, conforme afirma a autora:

Uma educação intercultural parte do reconhecimento da diversidade cultural como constitutiva dos processos educativos e busca promover o diálogo entre os diferentes saberes, articulando o conhecimento escolar às experiências culturais dos sujeitos. (CANDAUI, 2012, p. 239).

Dessa forma, torna-se possível estabelecer relações mais significativas entre o saber escolar e os saberes da comunidade.

Esse quadro de limitações reforça o descompasso entre a importância das manifestações culturais para a memória e a identidade local e a sua presença restrita nas práticas escolares. O professor, diante da falta de formação específica e da escassez de recursos, acaba recorrendo à experiência pessoal ou a informações pontuais, o que fragiliza a abordagem do tema em sala de aula.

Diante desse contexto, torna-se ainda mais evidente a necessidade de criação de instrumentos que possam apoiar o trabalho docente, como a cartilha proposta nesta pesquisa, que se apresenta como um recurso pedagógico e formativo voltado para o reconhecimento das manifestações culturais de São Gonçalo do Amarante no ensino de História.

Outro dado relevante refere-se à experiência prática dos docentes em relação às manifestações culturais do município. Questionados sobre a participação em eventos dessa natureza, 56,1% afirmaram já ter participado mais de uma vez, enquanto 22% relataram ter participado apenas uma vez e outros 22% disseram nunca ter participado. Esse quadro sugere que, embora a maioria dos professores possua alguma vivência com tais manifestações, ainda há um percentual significativo que permanece distante delas, o que limita a possibilidade de estabelecer conexões mais profundas entre a experiência cultural e o trabalho pedagógico.

Apesar das fragilidades no campo da formação docente e da ausência de materiais didáticos específicos, os professores reconhecem amplamente a importância das manifestações culturais para a constituição da identidade local. Quando indagados sobre sua relevância, 65,9% avaliaram como “muito relevante” e 29,3% como “relevante”, enquanto apenas 4,9% atribuíram pouca relevância. Esses números revelam um consenso em torno da função identitária e educativa dessas práticas, mesmo entre aqueles que possuem pouco contato direto com elas ou que não dispõem de recursos pedagógicos suficientes para trabalhá-las em sala de aula.

Essa contradição — entre o reconhecimento atribuído às manifestações culturais e a baixa formação docente para abordá-las — revela um desafio central para o ensino de História local em São Gonçalo do Amarante. Conforme Candau (2012), a educação deve articular a diversidade cultural ao cotidiano escolar, de modo a tornar o conhecimento mais significativo e conectado às identidades coletivas.

Dessa forma, a análise das percepções docentes evidencia que, embora os professores reconheçam a importância das manifestações culturais como elemento fundamental da identidade local, esse reconhecimento não se traduz de forma consistente em práticas

pedagógicas, em virtude da falta de formação específica, de recursos didáticos e de apoio institucional. Tal constatação reforça a pertinência de se pensar em instrumentos formativos e pedagógicos — como a cartilha sobre as manifestações culturais de São Gonçalo do Amarante, proposta como produto desta pesquisa — capazes de aproximar o professor das expressões culturais do município e de potencializar o ensino de História local.

3.3 Manifestações culturais no ensino e aprendizagem: práticas, currículos, desafios e contribuições

A partir das percepções, formações e experiências docentes discutidas na seção anterior, torna-se pertinente analisar como os elementos da cultura local são efetivamente incorporados ao processo de ensino e aprendizagem. Neste eixo, buscou-se compreender de que maneira os professores têm trabalhado tais conteúdos em sala de aula, bem como sua visão acerca da presença — ou ausência — dessas temáticas nos documentos curriculares, como a BNCC e o currículo estadual. No caso do município de São Gonçalo do Amarante, observa-se que o currículo ainda se encontra em fase de construção, processo retardado em virtude da mudança de gestão e da reorganização da equipe responsável por sua elaboração, o que gera lacunas quanto às orientações locais para o ensino da cultura.

Além disso, este tópico abrange a análise das principais dificuldades relatadas pelos docentes para a inclusão da dimensão cultural em suas práticas pedagógicas, como a carência de formações específicas, a escassez de materiais didáticos e as limitações estruturais das escolas. Também se buscou identificar, a partir das respostas, as contribuições atribuídas ao estudo da cultura local no desenvolvimento do senso de pertencimento da identidade comunitária e na formação cidadã dos estudantes

No que se refere à presença da cultura de São Gonçalo do Amarante nas práticas pedagógicas, os dados revelam que 48,8% dos docentes afirmaram nunca ter trabalhado o tema em sala de aula, enquanto apenas 17,1% disseram trabalhar frequentemente e outros 17,1% ocasionalmente. Essa distribuição indica que, embora exista uma parcela de professores que já incorpora aspectos culturais em suas aulas, quase metade ainda não estabelece nenhuma relação entre tais conteúdos e o ensino de História, o que reforça o distanciamento identificado em outras dimensões do questionário.

Entre os que já exploram ou consideram explorar a temática, os recursos didáticos mais mencionados foram as fotografias e registros visuais (73,3%), seguidos por textos acadêmicos ou literários (43,3%) e fontes orais, como entrevistas (30%). Em contrapartida, ferramentas

como visitas de campo (6,6%) e o uso de vídeos de plataformas digitais, como o YouTube (1%), aparecem de forma residual, sugerindo que a prática docente tende a se limitar a materiais de mais fácil acesso ou que exigem menor articulação logística. Apenas 3% dos professores declararam nunca ter utilizado nenhum recurso nesse contexto.

Essa preferência por registros visuais e textos escritos demonstra, por um lado, uma preocupação em ancorar o trabalho pedagógico em fontes concretas e acessíveis, mas também revela certa resistência ou dificuldade em utilizar metodologias mais dinâmicas, como atividades de campo e entrevistas com membros da comunidade — práticas que poderiam favorecer uma maior aproximação entre os estudantes e o patrimônio cultural local. Bittencourt (2008) observa que a escolha dos recursos didáticos não é neutra: ela reflete tanto as possibilidades materiais da escola quanto a formação do professor, que muitas vezes não dispõe de subsídios metodológicos para transformar o patrimônio cultural em conteúdo significativo de aprendizagem.

Quando questionados sobre os principais obstáculos para a inserção da cultura de São Gonçalo do Amarante no ensino, os docentes destacaram majoritariamente a falta de material didático específico (68,3%) e a escassez de formação sobre o tema (61%). Esses dados reforçam a análise anterior, em que se evidenciou que a exploração cultural em sala de aula, quando ocorre, é feita de modo limitado, com forte dependência de registros visuais e textos de fácil acesso. A ausência de materiais sistematizados dificulta o planejamento das aulas e restringe a ampliação das metodologias utilizadas.

Outro ponto de destaque refere-se à falta de tempo na grade curricular (48,8%), o que evidencia como a organização do currículo escolar contribui para invisibilizar as expressões locais, priorizando conteúdos tradicionais e de caráter nacional em detrimento das experiências da comunidade. Essa constatação dialoga com Candau (2012), ao afirmar que o currículo escolar frequentemente silencia saberes locais e populares, reproduzindo hierarquias culturais que marginalizam a pluralidade de identidades.

Embora em menor escala, foram também mencionados fatores como o desinteresse dos alunos (26,8%), a falta de tempo para pesquisa (2,4%) e o pouco tempo para planejamento (2,4%). Esses números, mesmo pouco expressivos, sugerem que o desafio não se limita à ausência de recursos materiais e formação docente, mas envolve também dimensões pedagógicas mais amplas, como o engajamento estudantil e a sobrecarga das tarefas do professor.

Dessa forma, a análise evidencia que a integração da cultura local no ensino de História enfrenta barreiras estruturais e formativas, mas também aponta para possibilidades de

superação, desde que se invista na produção de materiais específicos, em formações continuadas e em políticas curriculares que colocam os saberes da comunidade como eixo estruturante do conhecimento histórico escolar. Como observa Bittencourt (2008), a prática docente se fortalece quando o professor dispõe de instrumentos pedagógicos que o auxiliem a articular o patrimônio cultural com as experiências cotidianas dos alunos, transformando o estudo da história em um processo mais próximo, crítico e significativo.

Quando indagados sobre a presença das manifestações culturais nos documentos curriculares oficiais (BNCC, currículo estadual ou municipal), os docentes se mostraram divididos: apenas 14,6% afirmaram que esses conteúdos estão plenamente contemplados, enquanto 36,6% percebem um atendimento apenas parcial. Outros 17,1% entendem que não há contemplação e 31,7% não souberam responder. Esse quadro revela a existência de uma lacuna significativa na percepção e utilização das orientações curriculares, seja por ausência de clareza nos documentos, seja pela dificuldade de tradução pedagógica de seus princípios no cotidiano escolar.

Apesar dessas limitações, os docentes reconhecem de forma quase unânime o potencial pedagógico do estudo da cultura local. A grande maioria destaca que esse trabalho pode fortalecer a identidade comunitária (95,1%), ampliar a compreensão histórica (78%), integrar diferentes áreas do conhecimento (70,7%) e desenvolver o pensamento crítico (61%). Apenas uma parcela mínima (2,4%) declarou não perceber contribuição significativa nesse processo.

Esses resultados reforçam que, embora as práticas ainda sejam limitadas por falta de material didático, formação continuada e apoio curricular, há uma consciência coletiva da importância da cultura local como recurso pedagógico. O desafio, portanto, não está na ausência de reconhecimento, mas em transformar essa percepção em prática sistematizada, o que exige investimentos em políticas públicas educacionais, formações específicas e a elaboração de materiais contextualizados.

A análise das respostas docentes evidencia uma contradição importante: de um lado, as dificuldades estruturais e formativas que dificultam a inserção da cultura no ensino; de outro, a forte convicção de que esses elementos desempenham um papel importante na construção da identidade, no fortalecimento da memória coletiva e na ampliação da compreensão histórica dos estudantes.

O ensino de História em São Gonçalo do Amarante apresenta um campo fértil de possibilidades ainda pouco explorado. Como ressalta Bittencourt (2008), a aprendizagem histórica se torna mais significativa quando consegue articular os conteúdos curriculares às

experiências culturais do contexto local. No caso estudado, essa articulação encontra respaldo no reconhecimento docente, mas ainda carece de condições pedagógicas para se consolidar.

3.4 Percepções de alunos, professores e a comunidade sobre as manifestações culturais locais.

A análise conjunta das respostas de alunos e professores e membros da comunidade evidencia tanto convergências quanto divergências em relação ao lugar ocupado pelas manifestações culturais de São Gonçalo do Amarante no processo educativo.

Do ponto de vista da convergência, observa-se que todos os grupos reconhecem a importância das práticas culturais como elemento constitutivo da identidade comunitária e como recurso pedagógico capaz de tornar o ensino de História mais significativo. Entre os estudantes, 60% destacaram que a disciplina pode contribuir para o reconhecimento das manifestações culturais ao evidenciar sua relevância histórica, enquanto entre os professores 95,1% afirmaram que tais conteúdos fortalecem a identidade local e ampliam a compreensão histórica. Na comunidade, embora muitos não participem ativamente das manifestações, prevalece a percepção de que elas são fundamentais para a preservação da memória coletiva e para o fortalecimento da identidade local. Essa sintonia demonstra que há um consenso sobre a relevância das manifestações culturais, ainda que sua efetiva presença no currículo seja limitada.

Contudo, emergem também divergências importantes. Do lado discente, a pesquisa revelou que 90% dos alunos têm conhecimento limitado ou inexistente sobre as manifestações culturais locais, e quase 60% afirmaram nunca ter estudado sobre o tema nas aulas de História. Já entre os professores, embora nenhum tenha declarado conhecer profundamente essas práticas, a maioria as avalia como muito relevantes e relata já ter participado, em maior ou menor medida, de eventos culturais. Essa diferença sugere que, enquanto os estudantes vivenciam uma lacuna efetiva de aprendizagem e contato, os docentes possuem um nível de reconhecimento que não se traduz, entretanto, em práticas sistematizadas de ensino. Já na comunidade, a pesquisa revelou um quadro de participação restrita, em que quase metade dos respondentes afirmaram acompanhar as manifestações apenas como espectadores, enquanto uma parcela significativa declarou não participar. Isso indica que, fora da escola, o contato com a cultura também é frágil, reforçando a necessidade de mediações institucionais.

Outro ponto de contraste está na explicação para esse distanciamento. Os alunos percebem o tema como pouco presente no cotidiano escolar, o que fragiliza seus vínculos

identitários. Já os professores atribuem a ausência de um trabalho mais consistente a fatores estruturais, como a falta de materiais didáticos específicos (68,3%), a escassez de formações continuadas (61%) e o tempo reduzido na grade curricular (48,8%). Assim, enquanto os discentes expressam os efeitos dessa ausência, os docentes explicitam suas causas.

Por fim, a análise articulada permite compreender que o descompasso entre expectativas discentes e limitações docentes constitui um dos principais entraves para a consolidação da cultura local como eixo formativo. Há, de um lado, estudantes que desejam vivências culturais mais concretas e metodologias participativas, e, de outro, professores que reconhecem a importância do tema, mas carecem de condições pedagógicas para efetivá-lo.

A leitura integrada dos resultados de alunos, professores e comunidade reforça a urgência de propostas que aproximem a escola da sociedade local, incentivando metodologias ativas, a produção de materiais contextualizados e políticas de formação docente. Ao mesmo tempo, evidencia-se que o distanciamento entre escola e manifestações culturais não é um problema restrito ao espaço educativo, mas reflete uma marginalização mais ampla da cultura nos diferentes espaços sociais.

Dessa forma, conclui-se que o capítulo 3 evidenciou tanto os obstáculos estruturais e formativos quanto as potencialidades pedagógicas relacionadas ao ensino das manifestações culturais locais. A articulação entre percepções discentes e docentes associadas com a comunidade, revela um campo fértil de possibilidades ainda pouco explorado, cujo fortalecimento depende de iniciativas que integrem currículo, formação docente, materiais didáticos. Nesse contexto, o produto educacional constitui um passo inicial no processo de superação dessas lacunas, mas sua consolidação requer também uma reflexão mais ampla sobre as relações entre cultura, identidade e conhecimento histórico.

Essa reflexão será aprofundada no Capítulo 4, no qual se discutirá de que maneira as manifestações culturais de São Gonçalo do Amarante podem ser compreendidas como patrimônios de memória e de identidade, articulando-se ao ensino de História como prática social e formativa.

CAPÍTULO 04 - MANIFESTAÇÕES CULTURAIS, IDENTIDADE E PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO EM SÃO GONÇALO DO AMARANTE

A cultura popular constitui uma das formas mais significativas de expressão social de um povo. Em São Gonçalo do Amarante, ela se manifesta por meio de práticas, saberes e celebrações que atravessam gerações e estruturam a vida social da comunidade.

Entre as expressões mais emblemáticas estão os folguedos populares, como o Pastoril Dona Joaquina e o Pastoril Jardim das Flores, o Boi Calemba Pintadinho, os Congos de Combate, o Bambelô da Alegria e o Coco do Calemba. Esses grupos combinam música, dança, oralidade e religiosidade. Também se destacam os festejos juninos, que mobilizam escolas e bairros com quadrilhas, danças, comidas típicas e ornamentações.

O município abriga ainda patrimônios materiais de grande relevância, como a Igreja Matriz de São Gonçalo do Amarante, o Monumento aos Mártires de Uruaçu, o Monumento do Galo Branco de Dona Neném, o Mercado de Artesanato e o Museu Municipal Professora Séphora Débora. Esses espaços, junto aos bens imateriais, constituem lugares de memória que articulam fé, identidade, resistência e pertencimento.

Essas manifestações, tanto imateriais quanto materiais, não apenas preservam tradições, mas também ajudam a formar uma consciência histórica e territorial nos sujeitos que delas participam. Como enfatiza Bittencourt (2008), o ensino de História deve promover o diálogo entre o conhecimento escolar e as experiências culturais dos estudantes, de modo que se percebam como agentes de sua própria história.

Inseridas no espaço escolar, especialmente na Escola Municipal Maria de Lourdes de Lima (EMMLL), essas expressões podem ampliar as possibilidades de aprendizagem significativa. Ao reconhecer suas raízes culturais como parte legítima do currículo, os estudantes fortalecem o sentimento de pertencimento e constroem uma identidade social que integra passado, presente e futuro.

4.1 Manifestações culturais e identidade local

A partir das manifestações culturais locais, o processo educativo deixa de ser uma simples transmissão de fatos históricos distantes para se tornar uma mediação que reconhece o estudante como sujeito histórico ativo, com vivências e saberes próprios. Assim, o ensino que dialoga com as experiências culturais dos estudantes promove um aprendizado mais significativo e contribui para o fortalecimento da identidade e do sentimento de pertencimento.

No município de São Gonçalo do Amarante (RN), essa articulação ganha contornos ainda mais significativos, dada a riqueza e diversidade das manifestações culturais que permeiam o cotidiano da população. Como visto, expressões como o Boi Calemba Pintadinho, os Congos de Combate, o Pastoril Dona Joaquina, o Babelô da Alegria e o Coco do Calemba são não apenas eventos festivos, mas verdadeiros veículos de transmissão de memórias e histórias que atravessam gerações, construindo e reafirmando a identidade coletiva local.

Segundo Stuart Hall (1997), a identidade cultural é um processo dinâmico, em constante construção e reconstrução, marcado por rupturas e continuidades históricas. As manifestações culturais locais funcionam como espaços simbólicos onde a comunidade se reconhece e se refaz, estabelecendo vínculos afetivos com seu passado e reafirmando sua existência no presente. Essa compreensão é crucial para o ensino de História, que deve se afastar da visão tradicional que trata o conhecimento histórico como algo abstrato e desvinculado da vida do aluno.

A reflexão de Paul Ricœur (1994) sobre identidade e narrativa oferece uma importante contribuição para compreender a relevância do ensino da História Local na construção da identidade social dos estudantes. Para Ricœur, a identidade se constitui por meio das narrativas que os indivíduos e coletividades constroem para dar sentido à sua existência e ao seu passado, uma vez que “a identidade de uma pessoa ou de uma coletividade se constrói na e pela narrativa” (RICOEUR, 1994, p. 85). Assim, as manifestações culturais de São Gonçalo do Amarante, como o Boi Calemba e o Pastoril, podem ser compreendidas como narrativas simbólicas que articulam memória, história e identidade coletiva. Quando a escola integra essas expressões culturais em sua prática pedagógica, possibilita que os alunos elaborem suas próprias histórias, fortalecendo seu pertencimento e reconhecimento enquanto sujeitos históricos. Na ausência dessa mediação, a construção identitária dos estudantes fica fragilizada, limitando o desenvolvimento de uma consciência crítica e de um vínculo afetivo com sua comunidade.

Bittencourt destaca que o ensino de História precisa romper com paradigmas eurocêntricos e incorporar narrativas plurais, dando voz aos sujeitos historicamente marginalizados. No caso de São Gonçalo do Amarante, isso significa reconhecer a importância das raízes afro-indígenas, das práticas rurais e das expressões culturais populares como conteúdos legítimos e indispensáveis para a formação histórica dos estudantes. A apropriação desses saberes no contexto escolar contribui para o fortalecimento da autoestima, do respeito à diversidade cultural e para o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre as múltiplas dimensões da identidade social.

A Escola Municipal Maria de Lourdes de Lima (EMMLL), embora esteja inserida em um contexto cultural rico, apresenta, na prática cotidiana, uma lacuna significativa na incorporação dos saberes e tradições culturais locais em suas atividades pedagógicas. Projetos que envolvam a participação de mestres da cultura popular, oficinas de música, dança e dramatizações do Boi Calemba e do Pastoril ainda são pouco explorados, o que limita a possibilidade de os alunos se perceberem como protagonistas de sua própria história.

Essa desconexão entre escola e comunidade contribui para a baixa participação familiar e fragiliza os vínculos sociais, dificultando a construção de um ambiente educativo acolhedor e significativo.

Para Freire (1996), a educação deve ser um ato de liberdade, no qual o diálogo e a problematização do contexto social são centrais para o desenvolvimento da consciência crítica. O ensino de História Local, apoiado nas manifestações culturais tradicionais, atua possibilitando que os estudantes questionem, compreendam sua trajetória e a de seu povo, promovendo uma educação transformadora.

Além disso, Carvalho (2008) ressalta que o conhecimento histórico deve ser um instrumento para a construção da cidadania crítica, na medida em que ajuda o aluno a compreender as relações de poder, as desigualdades e os processos de transformação social. O contato com a cultura local, por meio das práticas artísticas, religiosas e festivas, oferece uma perspectiva plural e situacional do passado, permitindo a problematização dos conceitos de identidade, memória e história.

Essa abordagem contribui também para a preservação do patrimônio cultural imaterial, que muitas vezes está ameaçado pelo avanço da globalização e pela homogeneização cultural. Ao incorporar as tradições do Boi Calemba Pintadinho, dos Congos de Combate, do Pastoril Dona Joaquina, do Babelô da Alegria e do Coco do Calemba nas atividades escolares, amplia-se a possibilidade de reconhecimento dessas práticas como fontes históricas vivas e elementos formadores da identidade local.

Por fim, vale destacar que o processo de ensino-aprendizagem, ao trabalhar com a história e a cultura locais, deve ser pensado de forma interdisciplinar, integrando diferentes linguagens e formas de expressão. Essa abordagem amplia o repertório cultural dos estudantes e fortalece a construção de identidades complexas, que dialogam com a pluralidade e a riqueza do contexto de São Gonçalo do Amarante.

Assim, ao compreender as manifestações culturais como elementos centrais da construção identitária, torna-se necessário observar de que forma elas se configuram como patrimônio cultural. O próximo tópico analisa o patrimônio imaterial de São Gonçalo do

Amarante, destacando suas práticas, tensões e permanências como expressões vivas da memória coletiva.

4.2 Patrimônio Imaterial e Memória Coletiva: Conexões, Tensões e Permanências

A relação entre patrimônio imaterial e memória coletiva é central para a compreensão das dinâmicas culturais que estruturam a identidade de grupos sociais. Este tópico analisa essa relação sob uma perspectiva teórica e crítica, considerando a importância do patrimônio imaterial como veículo da memória social e da vivência coletiva, e os desafios que envolvem sua preservação, reconhecimento e transmissão na contemporaneidade.

O conceito de patrimônio cultural imaterial consolidou-se a partir de um olhar mais ampliado sobre as expressões culturais, especialmente após a Convenção da UNESCO para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, em 2003. Segundo o documento, o patrimônio imaterial é composto por "as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas [...] que os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural", transmitidos de geração em geração e constantemente recriados por comunidades e indivíduos em função de seu ambiente, sua interação com a natureza e sua história (UNESCO, 2003).

No Brasil, a criação do Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI) e os Registros de Bens Culturais de Natureza Imaterial pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 2000 foram passos decisivos na institucionalização do reconhecimento das manifestações culturais vivas, como o samba de roda da Bahia, o ofício das baianas de acarajé, o frevo de Pernambuco e o Círio de Nazaré, no Pará.

O antropólogo francês Marcel Mauss (2003), com seu conceito de "fato social total", já demonstrava como certos rituais, trocas simbólicas e saberes populares mobilizam diferentes dimensões da vida coletiva: econômica, religiosa, política, estética. Para Mauss, essas práticas não podem ser compreendidas isoladamente, pois expressam o funcionamento de toda a sociedade.

Néstor García Canclini (1997), por sua vez, argumenta que a cultura contemporânea é marcada por processos de hibridização, nos quais elementos tradicionais e modernos se misturam. O autor aponta que o patrimônio imaterial não é uma herança fixa, mas uma construção dinâmica, constantemente reinventada pelas comunidades em diálogo com o presente e com as pressões externas, como a globalização, o turismo e as políticas culturais.

Paul Ricoeur (2007), ao tratar da relação entre memória, história e esquecimento, ressalta o caráter seletivo e conflituoso da memória coletiva. Para o autor, a memória não é apenas um registro passivo do passado, mas um ato interpretativo, que envolve disputas, omissões e ressignificações. A memória coletiva, tal como o patrimônio imaterial, está sujeita a tensões sociais e políticas.

Michael Pollak (1989), ao estudar os processos de silenciamento e esquecimento em contextos de repressão política, mostra que a memória é um campo de disputa simbólica. Para ele, determinadas narrativas são marginalizadas ou esquecidas em prol de uma memória oficial ou hegemônica, revelando que o que se recorda e o que se patrimonializa está intrinsecamente ligado a relações de poder.

O patrimônio imaterial constitui, de forma privilegiada, um espaço de expressão da memória coletiva. As festas populares, as danças tradicionais, os saberes culinários, os ofícios manuais e os ritos religiosos são práticas que encarnam valores, crenças e modos de vida que estruturam a identidade de um povo. Ao serem transmitidas oralmente e por meio da experiência direta, essas práticas funcionam como mecanismos de preservação da memória social.

Pierre Nora (1993) afirma que, na modernidade, os “lugares de memória” substituem os meios espontâneos de lembrança, funcionando como dispositivos conscientes de rememoração. Embora Nora tenha centrado sua análise nos marcos materiais da memória, como monumentos e arquivos, é possível estender seu conceito às práticas imateriais — que também funcionam como “lugares” simbólicos de memória. A festa do Círio de Nazaré, por exemplo, além de sua dimensão religiosa, constitui um poderoso lugar de memória coletiva para o povo paraense, mobilizando recordações familiares, identidade regional e sentimento de pertencimento.

O reconhecimento institucional dessas práticas, contudo, não é um processo neutro. Ao serem patrimonializadas, muitas manifestações passam por dinâmicas de formalização, espetacularização e, em alguns casos, mercantilização, como aponta Canclini (1997). A patrimonialização, embora desempenhe papel relevante na salvaguarda das culturas populares, pode também submeter essas práticas a lógicas externas às comunidades que as originaram, convertendo tradições vivas em produtos culturais formatados para o turismo ou para o mercado.

Por outro lado, o patrimônio imaterial também é espaço de resistência e recriação. Mesmo diante de pressões externas, as comunidades reinterpretam, atualizam e ressignificam suas práticas, reafirmando sua memória coletiva e sua identidade. Assim, o patrimônio imaterial

deve ser compreendido como um processo em constante construção, onde passado e presente dialogam de forma contínua.

A educação patrimonial por sua vez, é compreendida como um processo pedagógico voltado à construção de valores de identidade, pertencimento e cidadania, por meio da reflexão e da apropriação crítica do patrimônio cultural. Conforme define o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2014), trata-se de uma prática educativa que visa promover o reconhecimento do patrimônio cultural – material e imaterial – como elemento fundamental na formação de sujeitos conscientes de sua história, inseridos em seu território e engajados na preservação da diversidade cultural.

O patrimônio imaterial e a memória coletiva são dimensões interligadas da experiência cultural. Enquanto o primeiro representa formas simbólicas, práticas e saberes transmitidos entre gerações, a segunda constitui os alicerces que conferem sentido a essas práticas. Juntos, moldam a identidade dos grupos sociais, sustentam a coesão comunitária e atuam como formas de resistência diante das transformações do mundo contemporâneo.

Com base nos aportes teóricos de Mauss, Canclini, Nora, Pollak e Ricoeur, torna-se possível compreender que a memória coletiva não apenas sustenta o patrimônio imaterial, como também é por ele sustentada, em um processo mútuo de construção e reconstrução social.

4.2.1 Pastoril Dona Joaquina e Jardim das Flores

O Pastoril é um dos folguedos populares mais emblemáticos de São Gonçalo do Amarante, reunindo música, dança, oralidade e religiosidade em torno da encenação da natividade e da disputa simbólica entre os cordões azul e encarnado. Sua trajetória no município revela uma tradição de longa duração, marcada pela atuação de mestras que transmitiram o saber de geração em geração, assegurando a permanência e a renovação dessa prática cultural.

A história do Pastoril em São Gonçalo está diretamente vinculada à atuação de mulheres como Dona Zulmira, falecida em 1991, e sua filha, Maria Nazaré de Moura (Nazu), que manteve viva a tradição até 2006. Após elas, outras figuras, como Maria Etelvina do Nascimento e Raimunda Melquiades de Brito — acompanhada de seu esposo, João Batista Brito Alves, o “Soldado Brito” — assumiram a condução do grupo, evidenciando a importância da liderança feminina e familiar na preservação do folguedo. Mais tarde, a continuidade se deu por meio de Nina, filha de Dona Raimunda, que reativou o Pastoril em 1981, demonstrando como a transmissão intergeracional garantiu vitalidade à manifestação, mesmo em períodos de descontinuidade.

Figura 5: Integrantes do pastoril Dona Joaquina após o Desfile Cívico de 2025.



Fonte: Página do Pastoril Dona Joaquina no Instagram.

O Pastoril Estrela do Norte consolidou-se como um importante folguedo em São Gonçalo do Amarante. Criado na primeira metade do século XX e fortalecido especialmente a partir das décadas de 1960 a 1980, o grupo foi beneficiado em 1986 por projetos de incentivo cultural desenvolvidos pela Fundação José Augusto em parceria com o Ministério da Cultura.

Esse Pastoril preservava duas características centrais: o bailado e a dramatização do episódio da natividade, em sua dimensão religiosa e apologética, e a presença do personagem do palhaço — figura profana responsável pelo humor, pela improvisação e pela interação com o público. Entre os palhaços, destacou-se Arlindo Ribeiro da Silva, o “Preá”, que interpretava o “Velho Faceta”. Suas intervenções irreverentes, gestos jocosos e canções de duplo sentido faziam parte da performance e constituíam um dos elementos de maior reconhecimento do grupo.

Ao longo de sua trajetória, o Pastoril Estrela do Norte foi conduzido por diferentes mestres e mestras, com destaque para Dona Novo, que atuou como cigana, contramestra do cordão azul e, posteriormente, mestra do grupo. Sob sua liderança, o Pastoril passou a se reunir no distrito de Santo Antônio do Potengi, com grande participação de senhoras idosas, transformando os encontros em espaços de convivência e memória. Além das apresentações em festas religiosas e populares no município, o grupo se apresentou em diversos estados brasileiros, como São Paulo, Pernambuco, Alagoas, Maranhão e Bahia, divulgando a cultura

são-gonçalense e contribuindo para o reconhecimento de São Gonçalo do Amarante como um importante polo da cultura popular potiguar.

O Pastoril Dona Joaquina representa a continuidade e a renovação da tradição pastoril em São Gonçalo do Amarante. Seu surgimento remonta a 2003, quando a pesquisadora e mestra Séphora Maria Alves Bezerra, junto a seus irmãos, iniciou um processo de resgate e sistematização da memória dos folguedos locais. Inspirada pela vivência familiar e pelas histórias transmitidas oralmente por antigas pastoras, Séphora fundou em 2004 o Grupo Folclórico Pastoril Dona Joaquina e o Balé Popular Dona Joaquina, ambos dedicados ao fortalecimento da cultura popular e à formação de novas gerações de brincantes.

O grupo buscou integrar diferentes vertentes herdadas da tradição familiar: de um lado, a matriz religiosa, que encenava episódios ligados à natividade; de outro, a matriz profana, marcada pela presença do palhaço e pelo caráter lúdico e humorístico das apresentações. Essa combinação possibilitou ao Pastoril Dona Joaquina alcançar projeção nacional em diferentes contextos culturais no cenário nacional, atraindo jovens para a experiência com as danças e jornadas, mas mantendo o vínculo com a memória coletiva e com o legado das mestras mais antigas.

Ao longo de sua trajetória, o Pastoril Dona Joaquina destacou-se não apenas pela preservação das tradições, mas também pela inovação nas coreografias, na utilização de instrumentos musicais e na elaboração dos figurinos. Essa renovação não descaracterizou o folguedo, mas o tornou mais dinâmico e atrativo, garantindo-lhe espaço em festivais, mostras culturais e eventos educativos dentro e fora do estado.

A trajetória de Séphora Maria Alves Bezerra é indissociável da consolidação do Pastoril Dona Joaquina como patrimônio imaterial de São Gonçalo do Amarante. Nascida em 1961, Séphora cresceu em uma família marcada pelo envolvimento com a cultura popular, herdando da avó paterna, da mãe e do tio-avô a ligação com os pastoris locais. Desde cedo, destacou-se pelas aptidões artísticas e pelo interesse em teatro, poesia e dança, inserindo-se em grupos culturais e de evangelização comunitária ainda na juventude.

Formada em Filosofia e posteriormente mestra pela UFRN, Séphora construiu uma carreira acadêmica sólida, ao mesmo tempo em que aprofundava suas pesquisas sobre a cultura popular potiguar. Sua atuação uniu rigor intelectual e compromisso comunitário: além de publicar textos e participar de congressos, esteve presente em seminários, festivais e órgãos de cultura, sempre enfatizando a importância de preservar e difundir os folguedos tradicionais.

No campo artístico e pedagógico, Séphora foi responsável por integrar o Pastoril às escolas, promovendo oficinas, apresentações e pesquisas que garantiram visibilidade ao grupo.

O reconhecimento de sua atuação ultrapassou os limites do município, levando o Pastoril Dona Joaquina a participar de eventos estaduais e nacionais. Por sua dedicação, recebeu prêmios e homenagens, como o Prêmio Cornélio Campina de Culturas Populares (2009).

Após seu falecimento, Séphora Maria Alves Bezerra recebeu diversas homenagens póstumas que reforçam a dimensão de seu legado como pesquisadora, mestra e agente cultural. Seu nome foi associado à preservação do patrimônio imaterial do município.

Entre as homenagens destacam-se o reconhecimento público promovido pela Fundação de Cultura Dona Militana, que relembra sua atuação como pesquisadora e produtora cultural, e as citações em trabalhos acadêmicos que tomam sua trajetória como exemplo da interseção entre pesquisa e prática comunitária. Além disso, o grupo Pastoril Dona Joaquina segue apresentando-se em sua memória, reafirmando a continuidade de seu projeto de vida e o compromisso com a formação cultural das novas gerações.

Essas homenagens revelam que Séphora ultrapassou a condição de pesquisadora e brincante, tornando-se símbolo da resistência cultural de São Gonçalo do Amarante. Sua memória permanece viva nos espaços escolares, nas apresentações do Pastoril e nos registros históricos, consolidando-a como uma das figuras centrais da cultura potiguar contemporânea. Sua obra e seu legado demonstram que a preservação da tradição não implica estagnação: ao contrário, significam recriação e transmissão crítica às novas gerações. Séphora tornou-se símbolo da resistência cultural e da capacidade de articulação entre memória, identidade e práticas educativas.

Já o Pastoril Jardim das Flores constitui um exemplo contemporâneo de como os folguedos populares podem ser ressignificados em diálogo com demandas sociais e educativas atuais. Fundado pela psicóloga Alexsandra Alves e pelo professor Felipe Erick, o grupo não se limita às apresentações culturais, mas assume uma proposta de formação integral, unindo educação, arte, tradição e compromisso social. Além de encantar o público com suas apresentações, o grupo realiza oficinas em escolas e comunidades, muitas delas em situação de vulnerabilidade social. Nessas atividades, os brincantes não apenas aprendem a dançar e cantar as jornadas do pastoril, mas também participam ativamente do processo criativo, confeccionando seus próprios figurinos e compreendendo a relevância histórica e cultural do folgado. Essa abordagem pedagógica transforma o pastoril em um espaço de aprendizagem inclusiva, no qual crianças e jovens desenvolvem criatividade, senso de pertencimento e autoestima.

Figura 6: Integrantes do Pastoril Jardim das Flores pousando para uma foto.



Fonte: Página do Pastoril Dona Joaquina no Instagram.

Segundo Alexandra, a experiência de vivenciar o pastoril atua também no desenvolvimento social, emocional e cognitivo dos participantes, reforçando a ideia de que as manifestações culturais não são apenas patrimônio do passado, mas instrumentos vivos para a formação de cidadãos mais conscientes e críticos. Assim, o Pastoril Jardim das Flores cumpre uma dupla função: preservar a memória cultural do município e, ao mesmo tempo, promover a transformação social, tornando-se um exemplo da potência educativa e comunitária das tradições populares.

A análise das trajetórias do Pastoril Dona Joaquina e do Pastoril Jardim das Flores evidencia duas faces complementares da permanência e da renovação cultural em São Gonçalo do Amarante. Enquanto o primeiro resgata e atualiza uma tradição secular transmitida por famílias e mestras, reafirmando a importância da memória coletiva e da herança simbólica do município, o segundo demonstra a capacidade de reinvenção do folguedo como prática pedagógica e social, aproximando-o de novos públicos e contextos de vulnerabilidade. Juntos, os dois grupos revelam que o Pastoril não é apenas um vestígio do passado, mas um patrimônio vivo, capaz de dialogar com diferentes gerações, integrar escola e comunidade e contribuir para a formação cidadã e identitária, conforme defende Varine (2013). Ao serem incorporados ao debate educacional e ao ensino de História, tornam-se ferramentas privilegiadas para articular memória, identidade e prática pedagógica, reforçando a importância de consolidar a cultura local como eixo formativo no município.

Seguindo essa linha de análise, o próximo subtópico aborda outra manifestação igualmente emblemática: o Boi Calemba Pintadinho, expressão que combina teatro, música e religiosidade, constituindo-se como um dos símbolos mais antigos da tradição popular de São

4.2.2 Boi Calemba Pintadinho

Figura 7: Apresentação do Boi Calemba Pintadinho na Igreja Matriz de São Gonçalo do Amarante/RN



Fonte: Página do Boi Calemba Pintadinho no Instagram.

O Boi Calemba Pintadinho é uma das expressões culturais mais antigas e emblemáticas de São Gonçalo do Amarante, reconhecido como patrimônio imaterial que sintetiza música, dança, teatro e religiosidade popular. Trata-se de uma variante do Bumba-meu-boi, tradição presente em diferentes regiões do Brasil, mas que, segundo Cascudo (2012), no Rio Grande do Norte assume características próprias, resultando no Calemba. Em São Gonçalo do Amarante, o grupo “Pintadinho” ganhou força e projeção por articular elementos tradicionais a processos de renovação.

Segundo Maria Tereza de Oliveira 2023, a trajetória do Boi Calemba Pintadinho demonstra como os folguedos se constituem como espaços de memória coletiva, marcados pela transmissão oral, pela recriação permanente e pela resistência diante da homogeneização cultural.

O Boi Calemba Pintadinho apresenta uma estrutura rica em personagens simbólicos, que combinam elementos dramáticos, musicais e humorísticos. O grupo reúne cerca de 27 brincantes, incluindo mestres, músicos e figurantes que dão vida à narrativa central: a morte e ressurreição do boi. Essa encenação articula dimensões sagradas e profanas, mantendo-se como espetáculo popular de grande impacto estético e social.

Figura 8: Personagens do Boi Calemba Pintadinho em apresentação no Teatro de São Gonçalo do Amarante RN.



Fonte: Página do grupo Boi Calemba Pintadinho no Instagram.

Entre os personagens principais destacam-se o Mestre e o Contramestre, responsáveis por conduzir o ritmo e organizar a apresentação; os Galantes, trajados de forma colorida e performática, que representam a bravura e a beleza; as Damas, que equilibram a disputa entre o sagrado e o profano; além de figuras cômicas como a Burrinha e o Jaraguá, que intensificam o caráter lúdico da festa.

Um dos aspectos mais marcantes é a presença do palhaço, personagem irreverente que improvisa versos, interage com o público e insere comicidade ao auto. Essa figura não apenas garante o riso, mas simboliza a tensão entre religiosidade e profanidade, entre a ordem e a transgressão, elemento característico dos folguedos nordestinos. Essa diversidade de papéis garante ao Boi Calemba Pintadinho um caráter “total”, no sentido maussiano do termo: um fato social que mobiliza dimensões econômicas, estéticas, políticas e religiosas.

A trajetória do Boi Calemba Pintadinho em São Gonçalo do Amarante é marcada pela atuação de mestres que, ao longo de décadas, mantiveram viva a tradição e transmitiram saberes às novas gerações. Entre os nomes de maior destaque está o Mestre José Veríssimo Pereira Filho. Nascido em 1948, Veríssimo dedicou sua vida ao Boi, formando brincantes, organizando apresentações e garantindo que o Calemba permanecesse ativo mesmo diante das dificuldades estruturais e do enfraquecimento do interesse juvenil.

Outro nome de relevância foi o Mestre Atanásio, que também se destacou pela habilidade musical e pela capacidade de liderar o grupo em diferentes contextos. A sucessão de mestres demonstra que o Boi Calemba Pintadinho, longe de ser uma manifestação estática, constitui um processo vivo de transmissão cultural, em que a liderança é fundamental para manter o equilíbrio entre tradição e renovação. Para Maria Tereza de Oliveira 2023, o registro da memória desses mestres não deve se restringir ao campo biográfico, mas ser compreendido como parte da memória coletiva da comunidade, pois suas trajetórias individuais estão profundamente ligadas à identidade do grupo e à própria história cultural de São Gonçalo do Amarante.

Michael Pollak (1989) corrobora diretamente com esse pensamento de Maria Tereza de Oliveira. Para ele, a memória não é apenas individual, mas coletiva e socialmente construída, atravessada por relações de poder, silenciamentos e seleções do que deve ou não ser lembrado. As trajetórias dos mestres do Boi Calemba Pintadinho deixam um legado que ultrapassam a experiência pessoal e se inserem no campo simbólico da comunidade.

Assim, quando Maria Tereza de Oliveira afirma que o registro da memória desses mestres não deve se restringir ao biográfico, ela está em sintonia com a visão de Pollak, para quem a memória é sempre um espaço de disputa simbólica, atravessado por relações de poder e reconhecimento. Reconhecer esses mestres significa também legitimar a própria história de São Gonçalo do Amarante como parte integrante da cultura popular do Rio Grande do Norte e do Brasil.

O Boi Calemba Pintadinho, além de sua relevância como expressão local de São Gonçalo do Amarante, alcançou reconhecimento para além das fronteiras municipais. A partir da segunda metade do século XX, especialmente com os incentivos culturais das décadas de 1980 e 1990, o grupo passou a participar de festivais estaduais e nacionais, projetando-se como símbolo da cultura popular potiguar. Nesse processo, como lembra Maria Tereza de Oliveira, o Boi Calemba foi incluído em projetos institucionais de reconhecimento e difusão do folclore, promovidos tanto pela Fundação José Augusto quanto pelo Ministério da Cultura, o que

garantiu visibilidade institucional e apoio logístico para apresentações em diferentes estados brasileiros.

Essa expansão também foi marcada por viagens significativas, nas quais o grupo foi importante para o reconhecimento da cultura popular. Já apresentou em eventos de grande porte, como festivais culturais no Maranhão, Pernambuco e São Paulo, chegando a participar de celebrações simbólicas como os 500 anos do Brasil, em Porto Seguro (2000).

Além disso, o grupo recebeu prêmios e homenagens que atestam sua relevância. Destaca-se o reconhecimento dado por meio de editais culturais e iniciativas de salvaguarda do patrimônio imaterial, nos quais o Boi Calemba foi contemplado como prática tradicional a ser preservada. Esses incentivos reforçam a importância do apoio institucional para a continuidade de manifestações populares que, sem tais políticas, correm o risco de enfraquecimento diante das pressões econômicas e da perda de mestres.

Por meio dessas conquistas, o Boi Calemba Pintadinho deixou de ser apenas um folguedo de dimensão comunitária para se tornar um patrimônio cultural reconhecido em âmbito regional e nacional, articulando a tradição oral transmitida pelos mestres com as demandas contemporâneas de circulação, reconhecimento institucional e ressignificação cultural.

O reconhecimento institucional do Boi Calemba Pintadinho, especialmente por meio de editais, festivais e políticas públicas de incentivo, constituiu um marco importante no processo de inserção da manifestação nos circuitos culturais oficiais de São Gonçalo do Amarante. Esse movimento trouxe avanços significativos, como a ampliação da visibilidade do grupo, o apoio financeiro para a manutenção de figurinos e instrumentos e a participação em circuitos culturais estaduais e nacionais. Dessa forma, o folguedo passou a dialogar com novos públicos, ao mesmo tempo em que contribuiu para o fortalecimento da imagem de São Gonçalo do Amarante como um polo de produção cultural no Rio Grande do Norte.

No entanto, como alerta Maria Tereza de Oliveira, essa institucionalização também trouxe desafios significativos. Ao entrar em espaços mais amplos e formais, o Boi Calemba corre o risco de ser espetacularizado, transformando-se em produto cultural formatado para o turismo ou para atender a demandas externas à comunidade que o originou. Nessa lógica, aspectos centrais da prática, como a oralidade espontânea, o improviso e o caráter comunitário da brincadeira, podem ser enfraquecidos ou até descaracterizados.

Esse dilema é discutido também por Néstor García Canclini (1997), ao tratar da hibridização cultural. Para o autor, quando as tradições populares passam a circular em mercados e circuitos institucionais, sofrem tensões entre preservação e adaptação. No caso do

Boi Calemba Pintadinho, essa tensão se manifesta no equilíbrio entre manter a autenticidade comunitária e atender às exigências de editais e eventos oficiais, que muitas vezes demandam formatos mais curtos, roteiros fixos ou figurinos padronizados.

Assim, a institucionalização do grupo deve ser vista em sua dupla dimensão: ao mesmo tempo em que garante a sobrevivência material e a difusão da manifestação, ela também desafia a comunidade a reafirmar o sentido original do folguedo, resistindo à mercantilização e preservando sua função como espaço de memória, identidade e convivência. O desafio, portanto, não está em rejeitar o apoio institucional, mas em construir políticas culturais sensíveis à lógica das tradições populares, de modo que o Boi Calemba Pintadinho continue a ser reconhecido não apenas como espetáculo, mas como patrimônio vivo da coletividade.

Essa compreensão das manifestações culturais como “patrimônio vivo” aproxima-se da perspectiva de Hugues de Varine (2013), para quem o patrimônio não se restringe a bens herdados do passado, mas constitui um recurso social dinâmico, produzido, vivido e ressignificado pelas comunidades em seu cotidiano. Ao enfatizar o protagonismo comunitário na atribuição de sentidos ao patrimônio, o autor contribui para uma abordagem educativa e social do patrimônio cultural, na qual memória, identidade e desenvolvimento local se articulam de forma indissociável.

A trajetória do Boi Calemba Pintadinho em São Gonçalo do Amarante expressa, de forma exemplar, a força das manifestações populares como patrimônio imaterial e como espaço de memória coletiva. Desde suas origens, sustentadas por mestres e mestras que transmitiram oralmente cantos, gestos e narrativas, até o reconhecimento institucional e as apresentações em nível nacional, o grupo reafirma a capacidade das tradições de resistir, se adaptar e dialogar com diferentes contextos históricos. Conforme lembra Maria Tereza de Oliveira 2023, registrar a memória desses mestres não é apenas reconhecer suas trajetórias individuais, mas reconhecer que elas são partes indissociáveis da história.

A obra de Luís da Câmara Cascudo, embora fundamental para o registro das tradições populares do Rio Grande do Norte, deve ser lida à luz de seus limites historiográficos. Sua abordagem se insere no paradigma folclorista do início do século XX, marcada por uma visão hierarquizante entre cultura erudita e cultura popular, e por interpretações que, embora pioneiras, não dialogam com os estudos contemporâneos do patrimônio cultural, memória e identidade. Neste trabalho, Cascudo é mobilizado como fonte descritiva das práticas tradicionais, sendo articulado sobretudo às contribuições de Michael Pollak e Pierre Nora, que permitem compreender o patrimônio e as manifestações culturais como construções sociais atravessadas por disputas de memória, silenciamentos e processos de significação coletiva.

4.2.3 Congos de Combate

O Congos de Combate constitui uma das manifestações mais expressivas da cultura popular de São Gonçalo do Amarante, articulando tradição afro-brasileira, religiosidade católica e memória coletiva. Reconhecido como um dos quatro principais autos populares do Brasil, o Congos tem origem no período colonial, com raízes que remontam à devoção a São Benedito, santo católico venerado pelas populações negras escravizadas. A festa, desde suas primeiras formas, integrou cantos, danças e rituais que celebravam a fé, ao mesmo tempo em que preservavam elementos de resistência cultural africana.

Figura 9: Arte de divulgação dos Congos de Combate de São Gonçalo do Amarante/RN.



Fonte: Página do grupo Congos de Combate no Instagram.

Na versão de São Gonçalo do Amarante, o auto popular recria a luta simbólica entre cristãos e mouros, articulada na narrativa da Rainha Ginga de Angola e do Rei Congo, figuras que representam tanto a memória africana quanto a adaptação ao contexto brasileiro.

De acordo com a descrição folclorista realizada por Cascudo (2012) — autor cuja obra é marcada por uma perspectiva clássica e por vezes elitista sobre a cultura popular — a chamada ‘embaixada’ constitui o núcleo dramático da encenação. Embora suas análises tenham grande importância documental, é necessário reconhecer seus limites interpretativos, situados em uma tradição que enfatiza a catalogação das manifestações, mas não contempla as abordagens contemporâneas do patrimônio imaterial enquanto processo social. Assim, utiliza-se aqui sua

contribuição apenas como registro descritivo, complementada por autores atuais que ampliam o entendimento das dinâmicas culturais e de memória.

Figura 10: Apresentação dos Congos de Combate no Museu de SGA/RN.



Congos - Prefeitura de São Gonçalo do Amarante

Fonte: Página do grupo Coco do Calemba no Instagram.

Ao longo de sua trajetória, o Congos de Combate recebeu diferentes denominações e passou por fases de interrupção e retomada. Inicialmente chamado de Congos de Calçola, o grupo teve como primeiro mestre João Fábio Bandeira, o “João Menino”, natural da comunidade Sombra, próximo ao Sítio Breu. Após seu falecimento, em 1978, a manifestação ficou por anos desativada, até ser reativada em 1997 pela atuação de Paula Maria de Amorim Leite, com apoio da Prefeitura Municipal e da Comissão Norte-Rio-Grandense de Folclore. Nesse processo de reorganização, o mestre Lucas Teixeira de Moura assumiu a liderança, seguido por seu irmão Servolo Teixeira de Moura, e, posteriormente, por Gláucio Teixeira da Câmara, consolidando a terceira geração de mestres à frente do grupo.

O reconhecimento institucional do Congos de Combate como Patrimônio Cultural e Imaterial de São Gonçalo do Amarante, pela Lei Municipal nº 1960, de 10 de novembro de 2021, assegura visibilidade e condições mínimas para sua continuidade. Isso é fruto tanto do trabalho das lideranças locais quanto do esforço de pesquisadores e instituições culturais, como lembra Maria Tereza de Oliveira (2023), ao destacar que tais folguedos constituem parte essencial do patrimônio vivo do município, transmitindo saberes, memórias e identidades de geração em geração.

A estrutura do Congos de Combate é marcada pela presença de personagens fixos que organizam a narrativa: o Rei Congo e a Rainha Ginga, acompanhados por seus príncipes, ministros, secretários e guardas de honra, todos ricamente ornamentados com trajes coloridos e elaborados. A corte, enfeitada com coroas, capas e cetros, constitui a representação da realeza africana reinterpretada no contexto brasileiro

O núcleo dramático do auto é a embaixada, isto é, o confronto ritualizado entre cristãos e mouros, que, na versão local, assume a forma de diálogos entre o Rei Congo, a Rainha Ginga e seus embaixadores. A dramatização culmina no chamado combate das espadas, em que os figurantes reproduzem, por meio de coreografias e movimentos marcados, o entrechoque de forças que simboliza a luta entre culturas, crenças e mundos distintos.

Musicalmente, o Congos de Combate conserva forte influência africana na rítmica, no canto responsorial e no uso de instrumentos como rabeca, violão, triângulo, agogô, tambores, ganzá e puíta. Esses elementos não apenas acompanham a dança, mas estruturam o sentido coletivo da festa, articulando devoção religiosa e celebração profana. Segundo Gurgel (2008), os cânticos funcionam como narrativas orais que preservam a memória do grupo, transmitindo valores de fé, resistência e identidade cultural.

O ponto alto do ritual é a coroação do Rei Congo e da Rainha Ginga, momento que sintetiza a dimensão simbólica da manifestação. Para além da encenação, a coroação representa a vitória da comunidade, a reafirmação da ancestralidade africana e o fortalecimento do sentimento de pertencimento coletivo. Como lembra Maria Tereza de Oliveira, trata-se de um “espetáculo da memória”, no qual a comunidade não apenas assiste, mas se reconhece como herdeira de uma história viva que conecta passado e presente.

Assim, o Congos de Combate é mais do que um folguedo: é um espaço de preservação da memória afro-brasileira, de transmissão de valores culturais e de reafirmação identitária. Sua permanência, mesmo diante das interrupções e retomadas, revela a força da tradição comunitária e a capacidade de ressignificação frente às transformações sociais.

Contudo, como observa Maria Tereza de Oliveira 2023, a permanência desses grupos não se dá sem tensões. A patrimonialização, por exemplo, garantiu maior visibilidade e reconhecimento institucional — como o registro em lei municipal em 2021 —, mas também trouxe desafios relacionados à formalização excessiva, à dependência de editais e à adequação às lógicas de mercado e turismo cultural. O risco é que a prática, ao buscar sustentabilidade financeira, se descole de sua dimensão comunitária, perdendo parte da espontaneidade e do enraizamento social.

Além disso, a transmissão geracional constitui um ponto crítico. Se em décadas passadas a tradição era mantida de forma orgânica, hoje há dificuldades em envolver a juventude, que muitas vezes se distancia das práticas folclóricas devido à influência de culturas midiáticas globais. Nesse aspecto, iniciativas de inserção do Congos no espaço escolar — por meio de projetos pedagógicos, oficinas e apresentações — revelam-se fundamentais para garantir a continuidade da manifestação como patrimônio vivo.

Outro desafio refere-se ao reconhecimento da matriz afro-brasileira como parte essencial da identidade potiguar. Em muitos casos, a memória da escravidão e das lutas de resistência permanece silenciada, dificultando a compreensão histórica dos Congos.

Assim, o grupo se situa em um campo de tensão entre tradição e modernidade, entre preservação e inovação. A análise crítica permite compreender que sua força não está em permanecer intocado, mas em recriar-se continuamente, mantendo vivos os símbolos e significados que estruturam a identidade coletiva. Nesse processo, escola, comunidade e poder público têm papel decisivo: enquanto a escola atua como mediadora da memória, a comunidade assegura a vitalidade do folguedo, e o poder público oferece as condições materiais e institucionais para sua continuidade.

4.2.4 Babelô da Alegria

Figura 11: Integrantes do Babelô da Alegria pousando para foto em frente a Igreja Matriz de São Gonçalo do Amarante/RN.



Fonte: Página do Babelô da Alegria no Instagram.

Conforme registra Maria Tereza de Oliveira, 2023, o Babelô constitui uma importante manifestação cultural local, associada à herança africana e às práticas festivas das comunidades rurais. Sua origem remonta aos engenhos de cana-de-açúcar e às senzalas, onde homens e mulheres, em noites de lua cheia, reuniam-se para cantar, dançar e improvisar versos em roda. O termo “quebrar o coco”, que inicialmente remetia à atividade agrícola, passou a designar a dança coletiva marcada pela batida rítmica das palmas, dos tambores e dos ganzás, transformando o trabalho em celebração.

Ainda segundo os registros da autora, o Babelô esteve presente em diferentes comunidades do município, como Bela Vista e o povoado de Santo Antônio dos Barreiros (atual Santo Antônio do Potengi). Grupos formados por trabalhadores e moradores locais realizavam apresentações em festas de Natal, Ano Novo, Reisado e, posteriormente, até mesmo durante o carnaval. A estrutura do folguedo era simples: de um lado, os músicos, que tocavam ganzás, barris e outros instrumentos de percussão; de outro, a roda de dançantes, que se revezavam no centro do círculo improvisando movimentos corporais, ora lentos, ora mais acelerados, em sintonia com o ritmo das canções.

Foi nesse contexto que se destacou a figura de “Seu Turzinho”, responsável pela brincadeira conhecida como Babelô do Pau-Furado, em Santo Antônio do Potengi. Dessa tradição nasceu o Babelô da Alegria, conduzido pelo mestre Servolo Teixeira de Moura, cuja trajetória foi marcada pelo compromisso em manter viva a prática do folguedo. Servolo, além de bambeloeiro, participou de outros grupos populares, como o Boi de Reis, a Chegança e o Fandango, sempre ao lado de mestres e brincantes.

Assim, o Babelô da Alegria simboliza a resistência cultural, a sociabilidade comunitária e a preservação da memória coletiva. Em suas apresentações, estão reunidos elementos coreográficos de origem africana, como a umbigada, combinados ao improviso poético do coco de embolada, revelando a força criativa e a capacidade de reinvenção das tradições populares frente às transformações sociais.

Do ponto de vista coreográfico, o Babelô mantém um dos traços mais característicos das danças de linhagem africana: a umbigada, gesto simbólico que funciona como convite para que outro participante entre na roda. Esse movimento, simultaneamente lúdico e provocativo, reforça a ideia de continuidade, já que cada dançador convoca o próximo, assegurando que a roda permaneça viva e dinâmica. Trata-se de um convite inclusivo, que simboliza tanto a integração coletiva quanto a renovação do folguedo a cada apresentação.

A improvisação poética é outro elemento central. Conforme registram os pesquisadores da Fundação José Augusto (1982), os versos entoados durante o Babelô muitas vezes

assumem a forma de coco de embolada, em que solistas puxam estrofes curtas e rimadas, respondidas em coro pelos demais integrantes. Essa estrutura responsorial, também presente em outras manifestações afro-brasileiras, reforça a dimensão comunitária da performance: ninguém dança ou canta sozinho, todos participam do fluxo da criação.

No plano musical, a base rítmica é construída por instrumentos de percussão, como barris, tambores, ganzás, agogôs e atabaques, que se combinam às palmas e ao canto coletivo. O compasso predominante, em 2/4, imprime velocidade à dança, que pode alternar entre momentos mais lentos e outros mais acelerados, desafiando os dançadores a seguirem o ritmo com gingados, meneios e passos característicos — como o travessão, o cavalo manco e o tropel repartido.

Câmara Cascudo (2012) define o Babelô como “samba, coco de roda, dança em círculo, cantada e acompanhada por instrumentos de percussão”, ressaltando sua origem nas senzalas e sua permanência como espaço de sociabilidade. Já Horta (2000) lembra que essa dança circular remete às mais antigas formas de expressão coletiva, presentes desde os povos indígenas, reafirmando valores de pertencimento e solidariedade. Articula memória, identidade e resistência cultural, funcionando como um elo entre o passado das senzalas e o presente das comunidades que ainda o cultivam. Ao mesmo tempo em que preserva gestos, músicas e versos herdados de matrizes africanas e indígenas, o folguedo também se reinventa, dialogando com novas gerações e com as transformações sociais. Como observa Maria Tereza de Oliveira 2023, essa manifestação é um patrimônio imaterial vivo, reforça vínculos comunitários e afirma a identidade afro-brasileira no Rio Grande do Norte.

Nesse processo de continuidade, destaca-se a atuação de mestres como Servolo Teixeira de Moura, que transformou o tradicional Babelô do Pau-Furado, praticado nas noites de lua cheia nos engenhos de cana-de-açúcar, no atual Babelô da Alegria. Ao lado de outros folguedos, como o Boi de Reis, a Chegança e os Caboclinhos, o mestre Servolo tornou-se uma figura importante na preservação da memória cultural local, reforçando a vitalidade da tradição e sua circulação no calendário festivo e educativo do município. Sua frase — “Nasci para brincar e só vou deixar essa brincadeira quando morrer” — sintetiza não apenas sua devoção pessoal, mas também o espírito de resistência e entrega que caracteriza os mestres da cultura popular. Ao transformar a brincadeira em missão de vida, Servolo afirma que cada roda dançada se converte em gesto de preservação, de afirmação da identidade e de transmissão do patrimônio imaterial do município.

4.2.5 Coco do Calemba

Figura 12: Integrantes do Coco do Calemba pousando para fotos.



Fonte: Página do grupo Coco do Calemba no Instagram

O Coco do Calemba, muitas vezes associado ao Bambelô, é uma das expressões mais antigas e representativas da cultura popular em São Gonçalo do Amarante. Sua prática aparece de forma integrada às rodas de Bambelô, sobretudo nas festas de Natal, Ano Novo e Reis, quando a dança se expandia e todos os presentes eram convidados a participar. Conforme lembra Maria Tereza de Oliveira, essas manifestações nasceram no seio das comunidades negras e rurais, articulando trabalho coletivo, lazer festivo e resistência cultural diante das adversidades históricas.

A roda do Coco caracteriza-se pela oralidade e pela improvisação poética. Os cantadores puxam versos que são respondidos em coro, num diálogo musical que articula ritmo, criatividade e pertencimento. Esse diálogo não é apenas artístico, mas também social, pois envolve a coletividade em um processo de construção de memória compartilhada. Os instrumentos de percussão — como ganzá, tambores, atabaques, pandeiros e triângulos — reforçam a cadência e sustentam o compasso binário característico do folguedo, conferindo à roda um caráter vibrante e comunitário.

Segundo Cascudo (2012), o Coco de Roda é “o mais popular de todos os folguedos”, justamente por sua simplicidade e pela capacidade de integrar homens, mulheres e crianças em um mesmo espaço de celebração, sem hierarquias rígidas. Essa dimensão comunitária explica

sua permanência até os dias atuais, mesmo diante das pressões homogeneizadoras da cultura de massa.

A improvisação, seja nas rimas cantadas ou nos movimentos coreográficos, assegura que cada roda seja única, mantendo vivo o espírito de recriação que caracteriza as tradições populares. Essa vitalidade está diretamente ligada ao caráter de resistência do Coco, que se firmou como uma prática cultural de longa duração, transmitida oralmente e recriada a cada nova geração. Em São Gonçalo do Amarante, a fusão entre o Babelô e o Coco de Roda reforça essa dimensão, evidenciando tanto a herança africana presente no batuque, na umbigada e na poética improvisada, quanto a ressignificação local que transforma a dança em espaço de memória, lazer e afirmação identitária. A experiência de mestres como Servolo, que afirmava “nasci para brincar e só vou deixar essa brincadeira quando morrer”, traduz o sentimento de pertencimento que sustenta a continuidade do folguedo. Mais do que simples entretenimento, o Coco constitui um campo de resistência cultural, no qual se reafirmam valores de coletividade e se transmite um modo de ser e viver enraizado na comunidade.

Do ponto de vista pedagógico, o Coco de Roda oferece ao ensino de História Local uma oportunidade privilegiada de articular corpo, música, oralidade e memória coletiva. Ao ser inserido nas escolas, pode ser trabalhado como fonte histórica viva, permitindo que os estudantes compreendam a historicidade das culturas afro-brasileiras e indígenas, bem como os processos de colonização, escravidão e resistência. Nesse contexto, a roda de se torna capaz de estimular a consciência crítica, a diversidade cultural e o fortalecimento da identidade local, demonstrando que a tradição não é estática, mas dinâmica, recriada continuamente pelo povo que a vive e a celebra.

4.2.6 Dona Militana: guardiã da tradição oral e da identidade cultural

Dona Militana Salustino do Nascimento (1925–2010), conhecida nacionalmente como a maior romancista do Brasil, nasceu no povoado de Barreiros, município de São Gonçalo do Amarante/RN, em uma família profundamente marcada pela cultura popular. Filha do mestre Atanásio Salustino do Nascimento — cantador, artesão e fundador de grupos de folguedos locais — e de Maria Militânia do Nascimento, aprendeu desde cedo a tradição da oralidade, convivendo com cantorias, aboios, fandangos e a tradição de trançar o cipó para a produção de artefatos utilitários. Criada no Sítio Oiteiro, zona rural do município, Dona Militana desenvolveu uma memória privilegiada, capaz de reter e reproduzir centenas de romances medievais ibéricos, transmitidos oralmente ao longo de gerações.

Figura 13: Dona Militana segurando sua Comenda Máxima da Cultura Popular (ou Ordem do Mérito Cultural), recebida em 2005.



Fonte: Secretaria Municipal de Cultura de São Gonçalo do Amarante (2024).

Sua obra representa um elo fundamental entre o romanceiro ibérico e a cultura nordestina, evidenciando como tradições transplantadas da Península Ibérica durante a colonização portuguesa foram apropriadas, recriadas e ressignificadas no contexto brasileiro. Conforme observa Maria Tereza de Oliveira (2023), Dona Militana tornou-se uma “guardiã da memória coletiva”, pois sua voz não apenas reproduzia versos antigos, mas atualizava sentidos, permitindo que uma tradição secular permanecesse viva em pleno século XXI.

A trajetória de Dona Militana ganhou visibilidade a partir da década de 1970, quando o folclorista e pesquisador Deífilo Gurgel registrou suas performances de cantoria no Sítio Oiteiro. O trabalho sistemático de gravações permitiu revelar ao Brasil a dimensão de sua memória poética, composta por um repertório de mais de mil romances — número que a consagrou como a maior romanceira do país.

Essas gravações tornaram-se fundamentais para os estudos sobre o Romanceiro Nordestino, revelando como narrativas de origem medieval europeia — ligadas a temas de cavalaria, religiosidade, amor, tragédia e resistência — foram preservadas pela oralidade popular no sertão potiguar. Segundo Maria Tereza de Oliveira (2023), o encontro entre Deífilo e Dona Militana representou não apenas a preservação de um acervo imensurável, mas também a consagração de uma mulher sertaneja como protagonista da história cultural do Rio Grande do Norte.

Seu talento levou-a a se apresentar em palcos nacionais e internacionais, participando de festivais, encontros culturais e programas de rádio e televisão. Recebeu homenagens em

universidades e instituições culturais. Em 2005, foi agraciada com a Ordem do Mérito Cultural, maior honraria concedida pelo Ministério da Cultura, que a reconheceu oficialmente como Tesouro Vivo da Cultura Popular Brasileira.

A obra de Dona Militana ultrapassa o campo da performance individual e se inscreve como patrimônio imaterial coletivo, cuja relevância está em transmitir às novas gerações um repertório que articula história, religiosidade e resistência cultural. Diferente dos folguedos coreografados, seu canto se apoia na oralidade pura, evidenciando a força da palavra como memória e instrumento pedagógico.

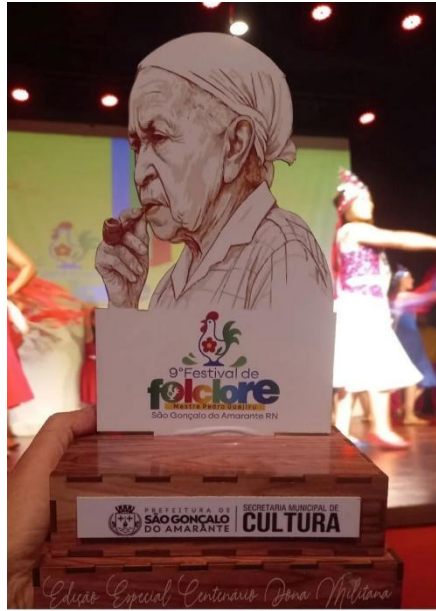
No espaço escolar, seus romances permitem trabalhar história e literatura em perspectiva interdisciplinar, abordando desde a circulação das tradições ibéricas até os processos de ressignificação no contexto nordestino. A oralidade funciona como recurso didático para discutir colonização, escravidão, religiosidade popular e identidade cultural, possibilitando que os estudantes reconheçam a cultura local como parte de narrativas históricas mais amplas.

Além disso, a trajetória de Dona Militana evidencia o protagonismo feminino na preservação da cultura, tema essencial para reflexões contemporâneas sobre gênero, memória e representatividade. Sua voz, ao mesmo tempo individual e coletiva, reafirma a ideia de que o patrimônio cultural não é estático, mas constantemente recriado pela comunidade. Nesse contexto, trabalhar a figura da romanceira em sala de aula contribui não apenas para a preservação de seu legado, mas também para a formação cidadã, incentivando o respeito à diversidade cultural como parte constitutiva da história nacional.

A presença de Dona Militana no cenário cultural de São Gonçalo do Amarante reafirma o espaço da oralidade como patrimônio imaterial e evidencia como a memória coletiva é sustentada por sujeitos que se tornam guardiões de tradições. Sua trajetória, marcada pela transmissão dos romances medievais e populares, não apenas projeta o município no mapa cultural do Brasil, mas também revela a potência das manifestações locais na constituição da identidade nacional.

Ao lado de outros patrimônios materiais e imateriais do município — como os folguedos, os monumentos e os espaços de memória —, a obra da romanceira integra um mosaico cultural híbrido, onde se cruzam influências ibéricas, africanas e indígenas, ressignificadas no contexto potiguar. Seu canto, ao mesmo tempo simples e erudito, conecta passado e presente, projetando a tradição oral como prática de resistência e de ensino.

Figura 14: Troféu do 9º Festival de Folclore de São Gonçalo do Amarante/RN homenageando o centenário de Dona Militana.



Fonte: Página da Secretaria Municipal de Cultura de São Gonçalo do Amarante (2025).

Em 2025, ano do seu centenário de nascimento, Dona Militana recebeu várias homenagens póstumas. Ela foi homenageada no 9º Festival de Folclore do município e teve um livro sobre a sua biografia lançado pela autora Maria Tereza de Oliveira. Além disso, foi escolhida como tema do desfile cívico do município de São Gonçalo do Amarante, reafirmando seu lugar como patrimônio imaterial e símbolo da identidade local. A homenagem reuniu escolas, grupos culturais e instituições, que, por meio de apresentações artísticas e educativas, destacaram a importância da romanceira para a preservação da memória popular e para o reconhecimento da cidade como espaço de resistência cultural. Dessa forma, Dona Militana deve ser lembrada como símbolo da permanência e da recriação cultural.

As manifestações culturais de São Gonçalo do Amarante — Pastoril, Boi Calemba Pintadinho, Congos de Combate, Babelô da Alegria, Coco do Calemba e a Romanceira Dona Militana — constituem um conjunto de práticas que, embora distintas em suas formas, compartilham elementos estruturantes comuns: a oralidade, a música, a dança e a transmissão dos saberes. Cada uma delas traz marcas de ancestralidade, ressignificação histórica e resistência cultural, atuando como importantes veículos da memória coletiva do município.

O Pastoril, em suas versões tradicionais e contemporâneas, demonstra o protagonismo feminino na preservação e renovação da tradição, articulando religiosidade e ludicidade. Os Congos de Combate, com sua narrativa de reis, rainhas e embaixadas, revelam a memória

africana ressignificada no Brasil e evidenciam a dimensão política e pedagógica da devoção popular. O Boi Calemba Pintadinho, por sua vez, simboliza a força da oralidade e da performance coletiva, combinando teatro popular, música e religiosidade em um enredo que celebra tanto a fé quanto a ludicidade, funcionando como espaço de resistência e transmissão cultural. Já o Babelô da Alegria, com sua circularidade, improvisação e gestualidade, traduz a potência do corpo como linguagem coletiva de identidade, aproximando-se do Coco do Calemba, no qual a cadência dos instrumentos e a poesia improvisada reafirmam o caráter comunitário da tradição. A Romanceira Dona Militana amplia esse repertório como guardiã da oralidade, cuja voz projetou São Gonçalo do Amarante para além das fronteiras locais.

Tomadas em conjunto, essas manifestações demonstram que o patrimônio imaterial não é apenas um legado do passado, mas um processo vivo, recriado continuamente pelas comunidades que o praticam. Como lembra Maria Tereza de Oliveira, ao mapear e registrar a memória desses folguedos, compreende-se que eles não pertencem apenas a mestres ou brincantes, mas à coletividade, pois funcionam como “espetáculos da memória” que articulam identidade, resistência e pertencimento.

Ao mesmo tempo, o estudo evidencia que a patrimonialização e o reconhecimento institucional — como ocorreu com o registro dos Congos de Combate em lei municipal —, embora fundamentais, trazem também desafios, como a mercantilização e a espetacularização. A permanência desses grupos depende, portanto, do equilíbrio entre tradição e inovação, da transmissão às novas gerações e da integração entre comunidade, escola e poder público.

Assim, o patrimônio imaterial de São Gonçalo do Amarante deve ser entendido como um campo de tensões, mas também de possibilidades. Sua vitalidade expressa a capacidade da cultura popular de resistir, reinventar-se e educar, tornando-se um elemento indispensável não apenas para a preservação da memória, mas também para a formação cidadã e para o ensino de História Local.

4.3 Patrimônio material e espaços de memória em São Gonçalo do Amarante

Se, por um lado, o patrimônio imaterial de São Gonçalo do Amarante se manifesta em danças, folguedos, festejos e saberes transmitidos de geração em geração, por outro, o patrimônio material dá concretude à memória coletiva por meio de edificações, monumentos e espaços públicos que possuem grande relevância simbólica para a comunidade. Esses bens representam não apenas marcos históricos, religiosos e culturais, mas também funcionam como lugares de encontro, celebração e afirmação da identidade local.

O conceito de patrimônio cultural material está associado a bens tangíveis, ou seja, àqueles que possuem uma dimensão física e concreta, como edificações, monumentos, praças, objetos e artefatos que representam a história, a memória e a identidade de uma coletividade. Para a UNESCO (1972), o patrimônio material abrange “monumentos, conjuntos arquitetônicos e sítios que possuem valor histórico, artístico ou científico”, enquanto a Constituição Federal de 1988 (art. 216) amplia essa noção ao considerar bens de natureza material portadores de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos que compõem a sociedade brasileira.

A materialidade da cultura, visível em igrejas, museus, praças e mercados, cumpre um papel duplo: de um lado, preserva fisicamente a história; de outro, oferece suporte à vivência de práticas culturais contemporâneas. Pierre Nora (1993) nos lembra que os “lugares de memória” surgem justamente quando a memória viva se fragiliza, sendo necessária sua inscrição em suportes materiais. Esses espaços, portanto, não são apenas construções, mas territórios simbólicos que articulam passado e presente.

Já Michael Pollak (1989; 1992) chama atenção para o caráter seletivo das memórias, marcado por disputas, silêncios e esquecimentos. Ao se transformar um bem em patrimônio, elegem-se determinadas narrativas a serem preservadas, enquanto outras são silenciadas ou relegadas ao esquecimento. Desse modo, monumentos, edificações e espaços públicos não apenas conservam aquilo que se deseja lembrar, mas também expressam escolhas sociais e políticas sobre o que deve ser legitimado como herança cultural. Em São Gonçalo do Amarante, cada igreja, praça ou museu carrega, portanto, não apenas a função de preservar a memória coletiva, mas também de afirmar determinadas versões da história em detrimento de outras.

Além disso, como observa Néstor García Canclini (1997), a materialidade cultural deve ser compreendida no contexto das hibridizações, em que elementos herdados do passado se entrelaçam com práticas contemporâneas, criando novos sentidos. Assim, a preservação de patrimônios materiais em São Gonçalo do Amarante não apenas conserva formas tradicionais de expressão, mas também possibilita ressignificações, transformando o uso e a percepção desses bens ao longo do tempo.

Em São Gonçalo do Amarante, destacam-se espaços e edificações que, ao longo dos anos, consolidaram-se como símbolos da cidade: a Igreja Matriz de São Gonçalo do Amarante, o Monumento e Praça do Galo Branco de Dona Neném, o Monumento aos Mártires de Uruaçu, o Mercado de Artesanato Dona Neném Felipe, o Museu Municipal Professora Séphora Débora e o Teatro Municipal Prefeito Poti Cavalcante. Cada um desses lugares, a seu modo, guarda

memórias, produz narrativas e reafirma a identidade cultural do município, funcionando como pilares de preservação e transmissão da história local.

Dessa forma, ao analisar o patrimônio material de São Gonçalo do Amarante, é possível compreender como esses bens ultrapassam a dimensão arquitetônica ou funcional e se convertem em espaços de memória e identidade. Cada monumento, praça, igreja ou museu não apenas conserva vestígios do passado, mas se projeta como território vivo de disputas, celebrações e aprendizagens, oferecendo à comunidade oportunidades de reforçar vínculos e aos pesquisadores e educadores a possibilidade de trabalhar a história local em diálogo com a cultura material

4.3.1 Igreja Matriz de São Gonçalo do Amarante

A Igreja Matriz de São Gonçalo do Amarante é um dos marcos mais significativos do patrimônio material do município, configurando-se como espaço de memória e de devoção que atravessa séculos. Sua construção remonta ao final do século XVIII, quando famílias oriundas de Portugal, como os irmãos Pascoal Gomes de Lima e Ambrósio Miguel de Siqueira, fixaram-se na região e contribuíram para a edificação de templos religiosos que expressavam a fé católica e, ao mesmo tempo, consolidavam o núcleo urbano da localidade (ARAÚJO, 2015).

Erguida em homenagem a São Gonçalo, santo português cuja devoção se expandiu no Brasil colonial, a Matriz tornou-se, desde o início, espaço de celebrações comunitárias, marcadas pela religiosidade popular e pela articulação entre práticas litúrgicas e manifestações culturais. Ao longo do tempo, passou por diferentes ampliações e reformas, mantendo, porém, características arquitetônicas coloniais que lhe conferem importância histórica e artística, como a fachada simétrica, as torres sineiras e o altar-mor em talha barroca.

De acordo com registros municipais, a Matriz de São Gonçalo foi palco de momentos centrais da vida comunitária, como festejos religiosos, novenas e autos populares. Como observa Maria Tereza de Oliveira (2019), os templos de São Gonçalo não devem ser compreendidos apenas como edifícios de culto, mas como lugares de memória coletiva, nos quais se entrelaçam dimensões espirituais, históricas e sociais.

Figura 15: Integrantes do Coco do Calemba em frente à Igreja Matriz de São Gonçalo do Amarante/RN.



Fonte: Lenilton Lima Fotografia (Instagram).

Ela foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em junho de 1964, reconhecendo tanto sua edificação quanto o acervo ligado à devoção sacra como bens culturais de importância nacional. O acervo da Matriz inclui altares laterais dedicados a santos como São José, Santo Antônio e Nossa Senhora, imagens sacras de séculos passados (entre elas uma imagem de Cristo Morto, utilizada nas celebrações religiosas), bem como peças litúrgicas, ornamentos e objetos ritualísticos que remontam aos séculos XVII a XIX. Esse conjunto não apenas enriquece o valor artístico e histórico do templo, mas configura-se como memória material viva da comunidade: suas peças servem tanto para culto quanto para pesquisa, visitação e preservação cultural no Memorial da Matriz.

Do ponto de vista educativo, a Igreja Matriz pode ser trabalhada no ensino de História como um espaço de memória que articula dimensões religiosas, sociais e culturais. Ao explorá-la em sala de aula, os estudantes podem compreender como a religiosidade católica moldou práticas sociais e identitárias no município, bem como identificar permanências e transformações nas manifestações de fé ao longo do tempo. A análise de sua arquitetura, de suas festas e de seus usos sociais possibilita discutir temas como colonização, religiosidade popular, patrimônio cultural e identidade local. Além disso, visitas pedagógicas à Matriz podem estimular a percepção da materialidade da história, permitindo aos alunos reconhecerem-se como herdeiros e protagonistas de uma tradição viva. Dessa forma, a Matriz, para além de templo religioso, revela-se como fonte histórica e recurso didático fundamental para o fortalecimento da consciência histórica do patrimônio cultural de São Gonçalo do Amarante.

4.3.2 Monumento e Praça do Galo Branco de Dona Neném

Figura 16: Monumento e Praça do Galo Branco de Dona Neném



Fonte: Prefeitura Municipal de São Gonçalo do Amarante (2024)

O Galo Branco une a tradição artesanal à memória coletiva do município. Idealizado pelo artesão popular Antônio Soares (in memoriam), o galo teve sua origem como peça utilitária: uma bilha de cerâmica destinada ao armazenamento de água. Com o passar do tempo, essa função prática foi ressignificada, e o objeto ganhou importância simbólica e estética.

A continuidade dessa tradição esteve sob a responsabilidade da ceramista Maria das Neves Fernandes, a Dona Neném (in memoriam), que, juntamente com sua filha Francisca

Felipe Antunes, a Dona Chiquinha, perpetuou a confecção e a disseminação do Galo Branco. A peça, originalmente moldada com características singelas, foi sendo adaptada ao longo dos anos, recebendo diferentes formas e reproduções em baixo relevo, sem perder o vínculo com a herança artesanal transmitida de geração em geração.

O Galo Branco de São Gonçalo do Amarante tem raízes que dialogam diretamente com a tradição do Galo de Barcelos, de Portugal, símbolo da fé e da cultura popular portuguesa. Esse vínculo remete ao processo de colonização e às trocas culturais que marcaram a formação do Brasil. Assim, o Galo Branco, embora ressignificado em São Gonçalo do Amarante como peça de cerâmica utilitária e, depois, como símbolo identitário, carrega em sua origem uma herança luso-brasileira. Ao ser recriado pelos artesãos locais, como Antônio Soares e posteriormente Dona Neném, o galo deixou de ser apenas um ícone da religiosidade popular portuguesa e passou a assumir um sentido novo: o de marca cultural singular do município, apropriada e transmitida pela comunidade.

Esse processo evidencia o que Néstor García Canclini (1997) denomina de hibridização cultural, no qual elementos herdados da cultura europeia são apropriados, transformados e ressignificados pelas práticas locais. A passagem da bilha utilitária ao símbolo coletivo, reconfigurado pela ação de mestres ceramistas como Dona Neném e Dona Chiquinha, ilustra a capacidade de a comunidade reinterpretar influências externas, incorporando-as ao seu repertório cultural e atribuindo-lhes novos sentidos. Nesse movimento, o Galo Branco transcende sua origem para tornar-se um patrimônio híbrido, simultaneamente enraizado na tradição portuguesa e reinventado como expressão singular da identidade são-gonçalense, transformando-se em patrimônio imaterial e material ao mesmo tempo, pois é objeto artístico e também narrativa coletiva

O reconhecimento oficial do Galo Branco como patrimônio simbólico deu-se em etapas. Em 1975, a Comissão Nacional de Folclore o declarou peça-símbolo do artesanato potiguar. No mesmo período, São Gonçalo do Amarante recebeu, do Departamento de Assuntos Culturais do Ministério da Educação e Cultura, o título de Capital Nacional do Folclore. Décadas mais tarde, em 2012, por meio do Decreto nº 453, assinado pelo prefeito Jaime Calado, o Galo Branco foi instituído como símbolo oficial da cultura popular de São Gonçalo do Amarante, consolidando seu lugar na memória coletiva do município e reafirmando sua importância como ícone cultural e identitário. Representa um exemplo claro de como a política pública pode transformar uma prática artesanal em patrimônio cultural reconhecido. Esse processo é didaticamente relevante porque mostra aos estudantes que o patrimônio não é algo “natural”, mas sim socialmente construído e institucionalmente legitimado e amplia o campo

da aprendizagem histórica ao articular arte, cultura e identidade, revelando aos alunos que a História não se restringe a grandes acontecimentos políticos, mas se constrói também a partir das práticas cotidianas e da criatividade popular.

Para dar visibilidade a esse patrimônio simbólico, foi inaugurada, em 2015, a Praça do Galo Branco de Dona Neném, localizada em Santo Antônio do Potengi. O espaço, além de homenagear a artesã responsável por manter viva a tradição, funciona como ponto de encontro cultural e comunitário, recebendo eventos ligados à Semana do Folclore e feiras de artesanato. Assim, a praça se configura como um lugar de memória, nos termos de Pierre Nora (1993), pois materializa, em espaço público, a herança cultural transmitida pela prática artesanal.

Oferece ao ensino de História e Cultura Local uma oportunidade singular de articular materialidade e simbolismo. Diferente dos folguedos — que mobilizam música, dança e performance —, o Galo Branco insere-se no campo do artesanato e da cultura visual, permitindo ao estudante compreender como objetos aparentemente simples podem se tornar símbolos identitários coletivos. Ao ser trabalhado em sala de aula, possibilita explorar temas como colonização e hibridização cultural (a partir do diálogo com o Galo de Barcelos, de Portugal), patrimônio material e imaterial (uma peça utilitária que se transformou em ícone cultural) e memória comunitária (a trajetória de mestres artesãos como Antônio Soares, Dona Neném e Dona Chiquinha).

A análise do Galo Branco também favorece atividades práticas e interdisciplinares, como oficinas de artesanato, estudos comparativos entre símbolos culturais locais e internacionais ou debates sobre o papel das políticas de patrimonialização.

4.3.3 Monumento aos Mártires de Uruaçu

O Monumento dos Santos Mártires de Cunhaú e Uruaçu, mais conhecido como Monumento dos Mártires de Uruaçu, está localizado na Estrada dos Junqueiras, em São Gonçalo do Amarante/RN, e foi inaugurado em 2 de dezembro de 2000. O espaço foi concebido para preservar a memória e o culto aos mártires, tornando-se palco de celebrações religiosas, festas do Padroeiro do Rio Grande do Norte, shows religiosos, apresentações teatrais, caminhadas, romarias, motopasseios, batizados, casamentos e retiros espirituais.

Figura 17: Capela do Monumento dos Mártires de Uruaçu.



Fonte: Prefeitura Municipal de São Gonçalo do Amarante (2024)

O monumento foi erguido em memória aos mártires de Cunhaú e Uruaçu, vítimas da invasão holandesa ocorrida no Rio Grande do Norte no século XVII. Esses episódios marcaram profundamente a história religiosa da região, pois homens, mulheres e crianças foram assassinados por professarem a fé cristã e se recusarem a renegar sua devoção. O espaço monumental, além de resgatar essa memória de resistência e fé, também simboliza a identidade coletiva do povo potiguar, fortalecendo o sentimento de pertencimento das tradições religiosas locais.

Do ponto de vista arquitetônico, o monumento apresenta linhas modernas que dialogam com a monumentalidade do espaço. A edificação principal é composta por uma igreja de grandes proporções, concebida para receber multidões em eventos de fé, além de áreas abertas destinadas a celebrações coletivas. Os elementos visuais e simbólicos buscam traduzir a espiritualidade do martírio, evidenciada nas esculturas, vitrais e painéis que representam a cena do sacrifício dos fiéis. O conjunto arquitetônico não apenas acolhe práticas litúrgicas, mas também transmite uma mensagem de testemunho cristão, reafirmando valores de coragem, fé e resistência que se perpetuam na memória social.

Além de sua relevância religiosa, o Monumento dos Mártires de Uruaçu tornou-se também um importante polo cultural e turístico do Rio Grande do Norte. O local atrai

peregrinos e visitantes de diversas regiões do Brasil e do exterior, movimentando o setor de serviços e fortalecendo a economia local, especialmente em datas festivas. Mais do que um espaço de culto, trata-se de um marco de memória social que integra fé, cultura e turismo, consolidando São Gonçalo do Amarante como referência nacional na preservação da história e do patrimônio religioso (OLIVEIRA, 2019).

Figura 18: Monumento dos Mártires de Uruaçu.



Fonte: Prefeitura Municipal de São Gonçalo do Amarante (2024)

Ao rememorar episódios de resistência religiosa e de enfrentamento às invasões estrangeiras, o espaço oferece possibilidades de trabalhar a memória, a identidade e a cultura potiguar de maneira concreta, aproximando os estudantes de sua própria realidade histórica. Visitas técnicas, projetos interdisciplinares e atividades de pesquisa no local podem favorecer a aprendizagem significativa, permitindo que os discentes compreendam os mártires não apenas como personagens do passado, mas como símbolos de valores, crenças e práticas que ainda se refletem no presente. Assim, o monumento transcende a função religiosa e turística, assumindo também papel formativo na construção do pensamento crítico e da consciência histórica.

4.3.4 Espaços culturais e educativos: Mercado de Artesanato, Museu e Teatro Municipal

O município de São Gonçalo do Amarante dispõe de diferentes equipamentos culturais que, embora exerçam funções distintas, apresentam relevância para a preservação da memória e para o ensino de História. Entre eles destacam-se o Mercado de Artesanato Dona Neném Felipe e o Museu Municipal Professora Séphora Débora e o Teatro Municipal Prefeito Poti Cavalcante, espaços que contribuem para a difusão de saberes históricos e culturais e possibilitam o diálogo entre a história local e as práticas educativas.

Figura 19: Divulgação do Mercado do Artesanato Dona Neném Felipe



Fonte: Prefeitura Municipal de São Gonçalo do Amarante (2024)

O Mercado de Artesanato Dona Neném Felipe, fundado em 1990, durante a gestão do prefeito José Targino da Silva, recebeu essa denominação em homenagem à artesã Dona Neném, que dedicou sua vida à cerâmica e à transmissão de saberes populares. Desde então, o espaço se consolidou como ambiente de produção, exposição e comercialização de peças artesanais, com destaque para o tradicional Galo Branco, símbolo cultural do município. Além dele, o mercado reúne uma diversidade de objetos como panelas de barro, bilhas, moringas, filtros, esculturas, imagens sacras e utensílios de palha, que permanecem entre os itens mais procurados pela população e visitantes. A prática da cerâmica, cuja ancestralidade remonta à Pré-História, conecta passado e presente, evidenciando que cada objeto produzido carrega não apenas utilidade, mas também memória coletiva e identidade cultural. Para o ensino de História, o mercado oferece um espaço privilegiado de aprendizagem, permitindo que os estudantes compreendam o artesanato como testemunho de processos históricos e sociais e como expressão da continuidade de práticas culturais.

Figura 20: Fachada do Museu Municipal Professora Séphora Débora



Fonte: Prefeitura Municipal de São Gonçalo do Amarante (2024).

O Museu Municipal Professora Séphora Débora, por sua vez, constitui um espaço voltado à preservação de objetos históricos, documentos, fotografias e peças ligadas ao cotidiano local. Homenageia a professora Sinhá, figura de destaque na educação do município, cujo legado reforça a importância da cultura e da memória. O museu possui potencial pedagógico significativo ao aproximar os estudantes de fontes históricas materiais e imateriais, contribuindo para a construção da consciência histórica e para o reconhecimento do patrimônio local. Entretanto, os resultados desta pesquisa revelam que ainda existe uma distância entre a instituição e a comunidade, já que grande parte da população desconhece ou não frequenta o espaço. Tal situação limita seu impacto social e educativo, reforçando a necessidade de políticas públicas e práticas escolares que aproximem a comunidade do museu e consolidem sua função cultural (OLIVEIRA, 2019).

Figura 21: Fachada do Teatro Municipal Prefeito Poti Cavalcanti.



Fonte: Prefeitura Municipal de São Gonçalo do Amarante (2024).

O Teatro Municipal Prefeito Poti Cavalcanti, inaugurado em 2003, recebeu esse nome em homenagem ao ex-prefeito Francisco Potiguar Cavalcanti, gestor municipal entre 1965 e 1970 e lembrado pelo incentivo à cultura. Criado para ser palco das artes cênicas e musicais, o teatro tornou-se espaço de apresentações teatrais, musicais e festivais, configurando-se como um dos principais equipamentos culturais da cidade. Seu potencial educativo é evidente, pois possibilita que a arte seja explorada como linguagem de interpretação do passado e do presente, aproximando os estudantes de práticas culturais que dialogam com a História e a identidade local. Contudo, assim como o museu, o teatro enfrenta desafios quanto ao engajamento comunitário. Os dados desta pesquisa indicam que a ausência de programação contínua e de maior integração com as escolas contribui para que parte da população o perceba como espaço distante de seu cotidiano, o que compromete seu papel de democratização cultural e de fortalecimento da identidade coletiva.

A análise integrada desses equipamentos evidencia que, embora representem patrimônios significativos para São Gonçalo do Amarante, o Mercado, o Museu e o Teatro apresentam diferentes níveis de apropriação comunitária. Enquanto o mercado se mantém vivo no cotidiano e na economia local, o museu e o teatro revelam fragilidades na articulação com a população.

4.4 História local e cultura local: conceitos e interfaces no ensino de História

A delimitação conceitual entre História local e cultura local apresenta-se como um ponto fundamental para esta pesquisa, visto que ambos os termos, embora relacionados, não são sinônimos e assumem significados distintos no campo educacional.

A História local refere-se à produção de conhecimento histórico sobre uma comunidade, cidade ou região específica. Essa abordagem busca compreender os processos históricos em escala reduzida, utilizando documentos, fontes orais, narrativas de memória e registros diversos que evidenciem a dinâmica histórica de determinado espaço. Conforme destaca Barros (2004), a História local constitui um “ponto de partida para a aprendizagem histórica”, uma vez que aproxima o aluno de seu universo social mais imediato, estabelecendo vínculos entre as vivências cotidianas e processos mais amplos da História nacional e global.

A cultura local, por sua vez, diz respeito ao conjunto de manifestações, práticas e expressões simbólicas que compõem a identidade de uma comunidade. Incluem-se aqui festas populares, folguedos, religiosidade, danças, culinária, saberes tradicionais e demais formas de expressão cultural transmitidas e ressignificadas no cotidiano. Candau (2012) ressalta que compreender a cultura local na escola significa reconhecer as identidades culturais em sua diversidade e dinamicidade. A cultura local possui um escopo mais amplo do que a História local, pois abarca práticas sociais que nem sempre são formalizadas como “história”, mas que integram a memória coletiva e a formação identitária.

As diferenças entre os dois conceitos são evidentes: enquanto a História local lida com a produção e interpretação histórica sobre o espaço vivido, a cultura local envolve as manifestações culturais e identitárias que caracterizam esse mesmo espaço. Contudo, no ensino de História, ambos se inter-relacionam. As manifestações culturais podem ser mobilizadas como fontes históricas, permitindo que o estudante compreenda a historicidade dessas práticas e sua inserção em processos sociais mais amplos.

Circe Bittencourt (2011) enfatiza que o ensino de História deve considerar as experiências culturais dos sujeitos e as múltiplas memórias sociais, pois é nesse movimento que os alunos constroem significados sobre o passado e o presente. Assim, a articulação entre História local e cultura local no espaço escolar contribui para práticas educativas contextualizadas, favorecendo a construção da consciência histórica e o fortalecimento da identidade dos estudantes em diálogo com seu território.

Conectando-se às análises anteriores sobre o patrimônio imaterial (4.2) e material (4.3), esta reflexão conceitual oferece o suporte teórico para compreender como as manifestações

culturais de São Gonçalo do Amarante podem ser trabalhadas pedagogicamente. Essa integração abre caminho para discutir os principais estudiosos da cultura local (4.5), cujas pesquisas contribuem para consolidar e interpretar a riqueza cultural do município.

4.5 Principais estudiosos sobre a História e a Cultura de São Gonçalo do Amarante

Compreender a trajetória cultural e histórica de São Gonçalo do Amarante, município do Rio Grande do Norte, exige o reconhecimento dos pesquisadores e pesquisadoras que, ao longo do tempo, dedicaram-se à produção de conhecimento sobre sua memória, identidade e expressões populares. Tais estudiosos exercem um papel fundamental no fortalecimento do sentimento de pertencimento da população local. Suas contribuições, oriundas tanto da pesquisa acadêmica quanto da vivência comunitária, resultam em obras que documentam, interpretam e difundem elementos fundamentais da tradição são-gonçalense.

Este capítulo busca apresentar uma leitura crítica dos principais autores que se destacam nesse campo, com especial atenção àqueles que associam história, cultura e educação patrimonial. Destacam-se nomes como Manoel Nazareno Nogueira de Araújo, pioneiro na sistematização histórica do município; Deífilo Gurgel, cuja atuação etnográfica revelou a relevância das manifestações populares; Iaponira Peixoto de Brito, responsável por importantes estudos socioeconômicos e culturais da cidade; e Maria Tereza de Oliveira, que alia pesquisa e ação comunitária em sua produção sobre os folguedos e tradições locais.

Esses pesquisadores e agentes culturais, embora atuando em momentos históricos distintos e sob perspectivas variadas, compartilham o compromisso com a cultura local e a construção de uma identidade coletiva sólida. Sua produção conjuga pesquisa, memória e ação, contribuindo para a visibilidade e o fortalecimento do patrimônio imaterial de São Gonçalo do Amarante, reafirmando o município como um espaço cultural singular no contexto potiguar.

4.5.1 Manoel Nazareno Nogueira de Araújo: literatura, política e identidade cultural

A história cultural de São Gonçalo do Amarante, no estado do Rio Grande do Norte, é marcada por figuras que, ao longo do tempo, contribuíram significativamente para a preservação da memória coletiva e para a construção de uma identidade local. Entre essas personalidades, destaca-se Manoel Nazareno Nogueira de Araújo, cuja atuação como escritor, poeta e agente político se constituiu em um elo vital entre a história escrita e a tradição oral do município. Sua contribuição mais conhecida é a obra *História de São Gonçalo*, publicada

originalmente em 1933, em comemoração ao centenário de emancipação do município, e posteriormente reeditada, tornando-se uma base nos estudos sobre a cidade.

Pouco se sabe sobre os detalhes biográficos de Manoel Nazareno, o que reforça a importância de sua produção escrita como fonte primária para o entendimento não apenas dos acontecimentos históricos de São Gonçalo, mas também da sensibilidade poética e da visão crítica de um autor enraizado em seu tempo. Sua obra, embora sucinta, possui um valor simbólico relevante, pois constitui uma das primeiras tentativas de sistematizar em linguagem escrita a memória de um povo, suas origens, suas lutas e seus elementos formadores.

O caráter pioneiro da publicação *História de São Gonçalo* deve ser compreendido dentro do contexto do início do século XX, período em que a historiografia local brasileira ainda era marcada por uma abordagem memorialista e factual, mas que, paradoxalmente, servia como ferramenta de afirmação identitária. A iniciativa de Manoel Nazareno se insere nesse panorama como um gesto de afirmação da história local frente à hegemonia das narrativas centradas nas capitais e grandes cidades. Ao escrever sobre São Gonçalo do Amarante, ele transforma o espaço simbólico da cidade em objeto de orgulho e pertencimento coletivo, contribuindo de forma decisiva para a consciência histórica de seus habitantes.

Sua produção não se limitou à escrita. Manoel Nazareno também desempenhou papel político no município, o que ampliou sua influência na promoção da cultura e da memória como dimensões essenciais da gestão pública. Sua dupla atuação como homem de letras e agente político revela uma compreensão ampla do papel da cultura como instrumento de desenvolvimento social e identidade. Em reconhecimento a essa trajetória, ele foi homenageado pela Fundação Cultural Dona Militana em 2009, sendo nomeado como “Personalidade XXII” em uma série dedicada a figuras marcantes da história do município. Tal reconhecimento institucional confirma a perenidade de sua obra e o respeito por sua contribuição para a vida cultural local.

Outro indicativo da permanência de seu legado é o fato de seu nome ter sido atribuído a uma rua do município — a Rua Manoel Nazareno Nogueira, localizada no bairro Jardins — como forma de fixar sua memória na cartografia urbana da cidade. Essa prática de nomear logradouros com nomes de figuras culturais e políticas evidencia a maneira como os espaços urbanos também funcionam como lugares de memória, reforçando vínculos entre passado e presente.

A atuação de Manoel Nazareno Nogueira de Araújo pode ser entendida, portanto, como um marco inaugural na constituição da consciência histórica de São Gonçalo do Amarante. Sua obra se antecipou aos projetos contemporâneos de educação patrimonial funcionando como

uma semente lançada que, décadas depois, germinaria em pesquisas acadêmicas, publicações e políticas culturais no município. Autores como Iaponira Peixoto de Brito e Maria Tereza de Oliveira, ao desenvolverem trabalhos recentes sobre a cultura e história da cidade, reconhecem a importância das primeiras narrativas fundadoras, das quais a obra de Manoel Nazareno é um dos exemplos mais emblemáticos.

Conclui-se que Manoel Nazareno foi mais do que um escritor local: foi um agente da memória coletiva, um construtor de pontes entre o passado e o presente, entre o registro histórico e a poética da identidade. Seu gesto de escrever a história de sua terra natal em um período em que poucas vozes do interior potiguar eram ouvidas evidencia um compromisso visionário com a cultura. Por isso, sua presença permanece viva, não apenas nas páginas de um livro, mas no imaginário e na memória ativa de São Gonçalo do Amarante.

4.5.2 Deífilo Gurgel e a Cultura Popular de São Gonçalo do Amarante: Memória, Pesquisa e Reconhecimento do Patrimônio Imaterial

O poeta, pesquisador e professor Deífilo Gurgel (1926–2012) é reconhecido como uma das figuras mais importantes na salvaguarda da cultura popular do Rio Grande do Norte. Natural de Areia Branca, formou-se em Direito pela Faculdade de Direito de Natal, mas sua vocação emergiu no campo das artes e das tradições populares. A partir dos anos 1970, iniciou uma trajetória intensa de registro e institucionalização das manifestações folclóricas potiguares, o que o levou a ocupar cargos de relevância como a direção de Cultura da Prefeitura de Natal, a coordenação de Promoções Culturais da Fundação José Augusto (FJA), além de atuar como professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) na área de folclore e cultura popular.

Seu trabalho, inicialmente influenciado por Luís da Câmara Cascudo — com quem manteve diálogo intelectual —, ampliou-se para diversas regiões do estado, com especial atenção a São Gonçalo do Amarante, município que se destaca pela diversidade e pela vitalidade de suas manifestações culturais. Gurgel identificou, nesse contexto, a relevância de São Gonçalo do Amarante no cenário da cultura tradicional nordestina, sendo responsável pela documentação, registro e difusão de diferentes grupos e práticas culturais locais, como o Boi de Reis Pintadinho, o Congo de Calçolas, o Babelô, os Pastoris e, sobretudo, o trabalho da romancista Militana Salustino, conhecida como Dona Militana.

Foi por meio de Deífilo que Dona Militana ganhou visibilidade nacional. Ele a descobriu em um evento local na década de 1980 e, desde então, passou a gravar seus romances e

promover a sua obra como patrimônio imaterial. A iniciativa resultou na publicação de CDs, entrevistas, reportagens e estudos que levaram a voz da romancelira para além das fronteiras potiguares, inclusive para eventos fora do país. Sua pesquisa culminou no fortalecimento da identidade oral de São Gonçalo do Amarante como “terra dos romanceiros”, título reforçado em projetos culturais e educacionais desde então.

De forma emblemática, Deífilo Gurgel lançou o livro *São Gonçalo do Amarante – O País do Folclore*, em homenagem aos 300 anos do município, por volta de 2011. Nesta obra, ele reuniu registros fotográficos, entrevistas, descrições de manifestações culturais e reflexões sobre o simbolismo das práticas tradicionais, reafirmando a importância de São Gonçalo como guardião da memória cultural do estado. Para Deífilo, o folclore não era um fenômeno exótico a ser exibido em festas cívicas, mas sim uma expressão viva e dinâmica da identidade coletiva — um elo entre gerações, territórios e saberes.

Entre suas obras mais relevantes, destacam-se ainda *Danças Folclóricas do Rio Grande do Norte*, *Manual do Boi Calemba*, *Espaço e Tempo do Folclore Potiguar* e *João Redondo – Teatro de Bonecos do Nordeste*, todas resultado de pesquisa empírica, escuta atenta dos mestres populares e profunda sensibilidade estética. Seus textos evitam o folclorismo reducionista e se aproximam de uma etnografia poética, combinando rigor acadêmico e respeito pelo saber popular.

O impacto de sua atuação em São Gonçalo do Amarante se reflete ainda hoje em projetos como a Fundação Dona Militana, nos festivais de cultura popular e nas ações de educação patrimonial. Em 2023, a UFRN organizou o evento “Agosto de Deífilo”, com exposições, oficinas e homenagens, e em 2024, o documentário *Alumbramentos* reafirmou sua figura como símbolo da resistência cultural e da poesia do povo.

Deífilo Gurgel faleceu em fevereiro de 2012, mas sua memória se mantém viva na oralidade das comunidades que ele ajudou a documentar e proteger. Sua atuação em São Gonçalo do Amarante transcende o papel de pesquisador: ele foi articulador entre o popular e o acadêmico, entre o vivido e o registrado. Por isso, seu legado continua sendo fonte fundamental para todos os que desejam compreender a riqueza do patrimônio imaterial brasileiro e, especialmente, a cultura do povo potiguar.

4.5.3 Iaponira Peixoto de Brito: memória, história e identidade cultural

A pesquisadora e escritora Iaponira Peixoto de Brito ocupa papel central no campo dos estudos culturais e históricos voltados ao município de São Gonçalo do Amarante (RN).

Atuando de forma contínua na documentação, no registro e na análise da memória local, sua produção insere-se na interseção entre história social, cultura popular e educação patrimonial. Nascida na região metropolitana de Natal, Iaponira é reconhecida como uma das principais estudiosas dos aspectos socioeconômicos e culturais do município, contribuindo significativamente para a compreensão do território como espaço de construção simbólica e de identidade regional.

Sua pesquisa aborda, entre outros temas, o Massacre de Uruaçu (1645) — episódio central na história do Rio Grande do Norte e na religiosidade local —, bem como a análise das formas pelas quais a cultura pode atuar como elemento de transformação social. Para além do viés estritamente histórico, sua produção dedica-se ao estudo e ao registro de manifestações populares como o Boi Calemba Pintadinho, o Pastoril, o Congo de Combate, o Bambelô e o grupo parafolclórico Coco do Calemba, situando São Gonçalo do Amarante como um espaço de forte densidade cultural no contexto potiguar.

Entre suas publicações mais significativas, destaca-se o livro *O Galo Branco de São Gonçalo do Amarante* (2022), concebido como um material didático voltado à formação de professores e à educação patrimonial nas escolas da rede pública municipal e estadual. A obra oferece uma narrativa acessível, porém fundamentada, sobre personagens históricos, práticas culturais e transformações sociais no município, funcionando como instrumento de ensino e preservação da memória.

Já em *Aspectos Socioeconômicos do Município de São Gonçalo do Amarante* (2012), a autora analisa fatores estruturais do desenvolvimento local, como a urbanização, o crescimento populacional, a migração rural-urbana e os impactos socioeconômicos do aeroporto Aluizio Alves. Trata-se de uma obra de caráter interdisciplinar, onde história, geografia e economia dialogam com a cultura, evidenciando a dinâmica territorial e os desafios da identidade local diante da modernização.

Ao promover o reconhecimento dos sujeitos da cultura — mestres, brincantes, mulheres bordadeiras, lideranças comunitárias —, Iaponira adota uma abordagem que privilegia o protagonismo popular. Suas contribuições dialogam com a concepção de cultura como processo (HALL, 2003), com ênfase na memória viva e nos saberes compartilhados. Além disso, sua escrita reforça a ideia de que a educação patrimonial não deve ser apenas instrumento de preservação, mas também um ato político e pedagógico de resistência cultural (CANCLINI, 1997).

Portanto, sua produção cumpre um duplo papel: de um lado, preserva e registra memórias e práticas que correm o risco de invisibilização; de outro, reativa sentidos coletivos

e contribui para que novas gerações reconheçam-se como herdeiras de uma tradição cultural rica, diversa e profundamente enraizada no cotidiano da comunidade.

4.5.4 Maria Tereza de Oliveira: pesquisa e pertencimento na cultura popular

Maria Tereza de Oliveira, nascida em Natal (RN), cresceu profundamente imersa nas práticas culturais, tradições e hábitos populares de São Gonçalo do Amarante, município situado na Região Metropolitana de Natal e reconhecido por sua riqueza folclórica. Desde a infância, sua vivência em contato direto com as manifestações artísticas locais moldou não apenas sua visão de mundo, mas também seu compromisso profissional e intelectual com a cultura popular.

Atuando como pesquisadora, articuladora cultural e escritora, Maria Tereza se destaca na cena são-gonçalense como uma das principais vozes em defesa da memória coletiva, dos folguedos tradicionais e das expressões orais da região. Seu trabalho se insere tanto na esfera comunitária quanto institucional, por meio de políticas públicas culturais apoiadas pela Prefeitura Municipal, pela Fundação Dona Militana e, mais recentemente, através dos mecanismos de fomento da Lei Aldir Blanc.

Seu papel ultrapassa o de mera pesquisadora: Maria Tereza é também uma ponte entre o saber popular e a produção de conhecimento formal. Sua metodologia envolve vivência, escuta ativa e presença constante em ensaios, festividades, rodas de conversa e oficinas com mestres e brincantes de grupos como o Boi Calemba Pintadinho, o Pastoril Dona Joaquina e o Pastoril Das Flores, o Congo de Combate, o Coco do Calemba e o Babelô da Alegria. Essa prática resulta numa produção cultural que nasce da comunidade, torna-se pesquisa e retorna ao povo por meio de livros, eventos, festivais e políticas públicas de preservação cultural.

Em 2019, publicou a obra *Mapeamento do Patrimônio Cultural de São Gonçalo do Amarante: berço da cultura popular*, onde registra não apenas bens materiais e imateriais do município, mas também os sujeitos da cultura: brincantes, músicos, bordadeiras, mestres e mestras da tradição oral. Este trabalho serviu de base para ações de educação patrimonial e reconhecimento dos saberes locais como parte da identidade do território.

Figura 22: Convite de lançamento do livro de Maria Tereza de oliveira, *Tecendo a Cultura popular em São Gonçalo do Amarante/RN*.



Fonte: Instagram da autora Iaponira Peixoto.

Em agosto de 2023, lançou o livro *Tecendo a Cultura Popular em São Gonçalo do Amarante RN*, fruto de uma pesquisa aprofundada apoiada pela Fundação Dona Militana e pela Prefeitura. O lançamento ocorreu na sede do Instituto de Arte, Cultura e Educação Popular Maurício Fernandes, espaço simbólico de resistência e produção comunitária. A obra documenta as experiências, narrativas e visões de mundo dos mestres populares que dão vida ao ciclo festivo da cidade. Com base em entrevistas, observações e análise das performances tradicionais, o livro registra as expressões orais e gestuais dos folguedos, propondo uma reflexão crítica sobre a construção coletiva dos saberes culturais.

Figura 23: Convite de lançamento do livro *Militana Salustino, romanceira centenária: almanaque histórico*, escrito por Maria Tereza de Oliveira.



Fonte: Instagram da autora Maria Tereza de Oliveira.

Em março de 2025, por ocasião do centenário daquela que é reconhecida como a maior romanceira do Brasil, foi lançado o livro *Militana Salustino, romanceira centenária: almanaque histórico*. A obra surge como uma homenagem à sua trajetória e ao legado artístico-cultural que construiu ao longo de um século. É também um registro histórico fundamental, reunindo memórias, narrativas e reflexões sobre sua importância para a preservação da cultura popular nordestina.

A atuação de Maria Tereza evidencia o potencial das políticas culturais locais quando articuladas ao protagonismo popular. Sua presença ativa nos circuitos de pesquisa, educação e celebração comunitária reforça o elo entre memória e futuro, bem como entre a tradição e os processos de reinvenção das manifestações culturais. Ao documentar e compartilhar as vozes dos sujeitos da cultura popular, sua produção contribui para o registro histórico e para a compreensão e afirmação de uma identidade local em constante transformação.

Sua trajetória destaca a relevância de pesquisadores enraizados nos próprios territórios culturais que estudam, capazes de articular tradição, política cultural e cidadania. Em tempos

de apagamento simbólico e ameaça ao patrimônio imaterial, o trabalho de Maria Tereza de Oliveira se apresenta como uma forma de resistência poética e política.

4.6 O produto educacional: cartilha sobre as manifestações culturais de São Gonçalo do Amarante

Como desdobramento prático da pesquisa, elaborou-se uma cartilha educativa destinada a estudantes e professores, reunindo descrições das principais manifestações culturais do município — como o Boi Calemba Pintadinho, o Pastoril, os Congos de Combate, o Babelô da Alegria, o Coco do Calemba, Dona Militana, o Mercado de Artesanato, O Galo Branco de Dona Neném, o Museu, o Teatro, a Igreja Matriz e o Monumento dos Mártires. O material propõe atividades pedagógicas que integram cultura e história, estimulando a participação ativa dos alunos. A cartilha também incorpora recursos visuais e didáticos que favorecem o protagonismo estudantil e o reconhecimento da memória comunitária, configurando-se como um instrumento de democratização do conhecimento.

Além de apoiar o trabalho docente, o material promove a aproximação entre escola e comunidade, oferecendo caminhos para que os estudantes compreendam a história de seu território a partir das práticas culturais cotidianas. Portanto, reforça-se a dimensão formativa do patrimônio imaterial, compreendido não apenas como herança do passado, mas como processo vivo em constante recriação.

A pesquisa demonstrou que o reconhecimento da cultura popular de São Gonçalo do Amarante constitui um caminho fecundo para repensar o ensino de História Local, ampliando seus horizontes para além da transmissão de conteúdos escolares. Ao evidenciar a relevância das manifestações culturais como patrimônio vivo, o estudo demonstrou que a escola pode assumir papel decisivo na preservação da memória coletiva, ao mesmo tempo em que fortalece a identidade comunitária.

Do ponto de vista pedagógico, a cartilha pode ser utilizada em diferentes formatos e níveis escolares. Em turmas dos anos iniciais, por exemplo, as atividades podem assumir caráter lúdico, com dramatizações de trechos dos folguedos ou oficinas de desenho e pintura sobre o Galo Branco e outros símbolos locais. Já nos anos finais do Ensino Fundamental, os conteúdos podem ser articulados a projetos interdisciplinares, nos quais a História dialoga com Artes, Língua Portuguesa e Geografia, promovendo pesquisas, entrevistas com mestres da cultura e elaboração de murais ou feiras culturais. No Ensino Médio, a cartilha pode estimular análises críticas sobre identidade, memória e diversidade cultural, servindo como base para seminários,

debates e produções escritas que relacionem os patrimônios locais com os desafios contemporâneos da preservação cultural.

Essas possibilidades tornam o material um instrumento de educação patrimonial capaz de aproximar a escola de sua comunidade, incentivar o respeito às tradições locais e fortalecer a consciência histórica dos estudantes. Assim, professores e alunos assumem papéis de mediadores e produtores de conhecimento, experimentando na prática como as manifestações culturais funcionam como fontes vivas da História.

O produto educacional elaborado traduz esse esforço em material acessível e pedagógico, confirmando a possibilidade de transformar o conhecimento acadêmico em recurso formativo para professores, estudantes e comunidade. Dessa forma, conclui-se que o entrelaçamento entre cultura, memória e educação reafirma a função social do ensino de História: formar sujeitos críticos, conscientes de sua trajetória e comprometidos com a preservação e recriação da identidade cultural de seu território.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa evidencia que as manifestações culturais de São Gonçalo do Amarante desempenham papel central na construção da identidade e na formação cidadã dos estudantes. Embora a maioria reconheça a relevância dessas tradições, parte dos alunos ainda não estabelece vínculos claros entre cultura local e ensino de História, revelando lacunas na abordagem escolar da História Local.

As entrevistas e questionários aplicados aos docentes confirmam esse cenário: apesar de reconhecerem a importância pedagógica das manifestações culturais, a incorporação efetiva desses saberes ao currículo permanece limitada. Expressões como o Boi Calemba Pintadinho, o Pastoril, as festas juninas e o artesanato local são citadas pelos professores como instrumentos capazes de mediar o conhecimento histórico e aproximá-lo da vivência cotidiana dos estudantes, promovendo aprendizagem significativa, fortalecimento da identidade local.

Esses achados da pesquisa dialogam com a historiografia e com a literatura sobre educação patrimonial, segundo as quais as manifestações culturais funcionam como espaços de transmissão de memória, valores e narrativas históricas, fortalecendo vínculos entre gerações e articulando memória coletiva e identidade social.

Práticas pedagógicas inovadoras como, oficinas, dramatizações, rodas de memória e visitas a espaços culturais, revelaram-se alternativas promissoras para uma educação patrimonial participativa. Contudo, a pesquisa também identificou desafios importantes: a participação restrita de alunos e familiares nas atividades culturais escolares; a escassez de projetos estruturados que articulem currículo e manifestações locais; e a carência de formação continuada para docentes, necessária para o uso criativo das tradições como recurso didático. As perspectivas futuras apontam para a necessidade de políticas públicas que incentivem projetos interdisciplinares entre História, Artes e Cultura, promovam maior aproximação entre escola e mestres da cultura popular e estimulem a produção de materiais didáticos contextualizados.

O estudo, portanto, apresenta relevância nos campos social, pedagógico e acadêmico. No campo social, contribui para o fortalecimento do patrimônio imaterial e da memória coletiva, assegurando a preservação de saberes que correm o risco de invisibilidade. No campo pedagógico, favorece práticas contextualizadas que promovem aprendizagens mais significativas e engajamento comunitário. No campo acadêmico, oferece um levantamento sistematizado das manifestações culturais de São Gonçalo do Amarante, relacionando-as ao ensino de História Local e à educação patrimonial.

Assim, confirma-se a escola como um espaço privilegiado de mediação cultural e histórica, no qual ensino, práticas comunitárias e reconhecimento da memória se articulam. Ao mesmo tempo em que fortalece a formação cidadã dos estudantes, a pesquisa contribui para os debates acadêmicos acerca do papel das culturas locais na produção do conhecimento histórico.

Conclui-se, portanto, que integrar memória, identidade e cultura ao processo formativo constitui condição fundamental para a consolidação de um ensino de História crítico e situado. Tal perspectiva permite compreender as tradições populares como processos dinâmicos de continuidade, ressignificação e reinvenção.

REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, Rosângela Monteiro. **O ensino da História Local como instrumento para a construção da identidade e o exercício da cidadania**. 2019. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2019.
- ARAÚJO, Manuel Nazareno Nogueira de. **História de São Gonçalo do Amarante**. 2ed- Fortaleza: Editora IMEPH, 2015.
- BARROS, José D'Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **História, ensino e ensino de história: elementos para uma proposta curricular**. São Paulo: Cortez, 2008.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- BRASIL. **Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937**. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, 06 dez. 1937.
- BRASIL: **Lei nº 9.394/96** Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional, 1996.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História**. Brasília: MEC, 1998.
- BRASIL. [Art. 216]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 08 dez. 2023.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 08 dez. 2023.
- BRITO, Iaponira Peixoto de. **O Galo Branco de São Gonçalo do Amarante: símbolo da cultura do município de São Gonçalo do Amarante e do Folclore do RN**. 1ed, Natal: RN editora, 2022.
- BRITO, Iaponira Peixoto de **Aspectos socioeconômicos do município de São Gonçalo do Amarante-RN**. Natal Gráfica, 2002.
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 1997.
- CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Educação intercultural: mediações, tensões, alternativas**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- CASCUDO, Luiz da Câmara. **Antologia do folclore brasileiro**. São Paulo, Editora Global, 2004.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 11. ed. São Paulo: Global, 2012.

CARVALHO, Ana Mae Barbosa de. **Por uma escola que ensine a pensar**. São Paulo: Cortez, 2008.

DIAS, Ana Carolina da Silva Galvão. **Uma proposição didática de inclusão da história local no currículo de história no Ensino Médio**. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2019.

FONSECA, Selva Guimarães. **Fazer e Ensinar História**. Belo Horizonte: Dimensão, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GURGEL, Deífilo: **São Gonçalo do Amarante: o país do folclore, 300 anos de história**. Natal: Prefeitura de São Gonçalo do Amarante, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
IPHAN, **Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos**. 2014. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/EduPat_EducacaoPatrimonial_m.pdf. Acesso em: 08 dez. 2023.

LIDDINGTON, Jill. **O que é história pública? O público e seus passados**. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (Orgs.). **Introdução à História Pública**. SP: Letra e Voz, 2011. p.31-52

LIMA, José Aldaécio de; CALVACANTE, Maria da Paz. **O ensino de história: possibilidades e desafios**. In: **E-book SINAFRO**. Campina Grande: Realize Editora, 2018. p. 780-795. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/39640>. Acesso em: 08 dez. 2023.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, 1993.

OLIVEIRA, Maria Tereza de; SOUSA, Elisângela Feitosa de (org.). **Mapeamento do Patrimônio Cultural de São Gonçalo do Amarante: berço da cultura popular**. Natal: Caule de Papiro, 2019.

OLIVEIRA, Maria Tereza de. **Tecendo a cultura popular em São Gonçalo do Amarante/RN**. RN editora, 2023.

PERES, Marilin Fagundes. **Produção de material didático-pedagógico para a valorização do patrimônio histórico e cultural de Tupanciretã**. 2016. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) - Universidade Federal de Santa Maria, 2016.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3–15, 1989.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212. 1992. Disponível em: <http://www.pgedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf>. Acesso em: 23 set. 2023.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tradução de Marcelo Tadeu Tedesco. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1994.

RIO GRANDE DO NORTE (Estado). **Lei nº 11.527, de 3 de agosto de 2023**. Reconhece o município de São Gonçalo do Amarante como Berço da Cultura Popular do Estado do Rio Grande do Norte. Diário Oficial do Estado do RN, 2023.

SÃO GONÇALO DO AMARANTE (Município). **Lei nº 1.181, de 16 de novembro de 2009**. Dispõe sobre a criação da Fundação Cultural Dona Militana. Disponível em: <<https://saogoncalo.rn.gov.br/wp-content/uploads/2017/08/Lei-N%C2%BA-1.181-09-Funda%C3%A7%C3%A3o-Dona-Militana.pdf>>. Acesso em: 08 dez. 2023.

SÃO GONÇALO DO AMARANTE. **Lei Orgânica Municipal**, de 2017. Disponível em: <https://saogoncalo.rn.gov.br/wp-content/uploads/2018/05/Lei-Organica-Municipal-16-2017.pdf>. Acesso em 08 dez. 2023.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2009.

SILVA JUNIOR, Acioli Gonçalves da. **Educação patrimonial, História Local e ensino de História: uma proposta para o trabalho docente**. 2016. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Federal Fluminense, 2016.

SUTIL, Nair. **Museu Afetivo e Ensino de História: Práticas de Memória na Educação Escolar**. 2016. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2016.

VARINE, Hugues de. **As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local**. Porto Alegre: Medianiz, 2013.

TOLENTINO, Átila Bezerra; FRANCH, Mônica. **Espaços que suscitam sonhos: narrativas de memórias e identidade no Museu Comunitário Vivo Olho do Tempo**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2017.

APÊNDICE



PROFHISTÓRIA

MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

IVONETTE FERREIRA DE MORAIS SOUSA

**Cartilha: Manifestações Culturais de São Gonçalo do
Amarante/RN**

Cartilha Educativa – Produto Educacional do PROFHISTÓRIA/UFRN

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

**Natal
2025**



Folha de Aprovação

CARTILHA: MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DE SÃO GONÇALO DO AMARANTE/RN

Produto educacional apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História – PROFHISTÓRIA, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Autora: **Ivonette Ferreira de Moraes Sousa**
Orientador: **Prof. Dr. Roberto Airon Silva**

Aprovada em: 24 /10 / 2025

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Roberto Airon Silva (Orientador – UFRN)

Prof. Dr. Azemar dos Santos Júnior (Membro Interno – UFRN)

Prof. Dr. Arthur Luís de Oliveira Torquato (Membro Externo – IFRN)

NATAL

2025

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	3
1.1	Breve História de São Gonçalo do Amarante/RN	4
1.2	Objetivos da cartilha e público-alvo	5
1.3	Conceituando manifestações culturais.....	6
2	CONHECENDO AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS LOCAIS.....	6
2.1	Pastoril (Dona Joaquina e Jardim das Flores)	7
2.2	Boi Calemba Pintadinho	9
2.3	Congos de Combate.....	13
2.4	Coco do Calemba.....	16
2.5	Bambelô da Alegria	18
2.6	Dona Militana: a romanceira do povo	20
3	ESPAÇOS DE MEMÓRIA EM SÃO GONÇALO DO AMARANTE.....	24
3.1	Igreja Matriz de São Gonçalo do Amarante	24
3.2	Monumento dos Mártires de Uruaçu	26
3.3	Praça do Galo Branco de Dona Neném	28
3.4	Mercado de Artesanato Dona Neném Felipe	29
3.5	Museu Municipal Séphora Bezerra.....	30
3.6	Teatro Municipal Prefeito Poti Cavalcante	32
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
	REFERÊNCIAS.....	37
	ANEXO – GUIA DO PROFESSOR.....	38
	ANEXO- PANFLETO : COMUNIDADE ESCOLAR.....	56

1. INTRODUÇÃO

Esta cartilha educativa é o produto resultante da dissertação desenvolvida no âmbito do Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTÓRIA (UFRN). Seu objetivo central é aproximar a escola da riqueza cultural de São Gonçalo do Amarante/RN, evidenciando a importância das manifestações locais como instrumentos de preservação da memória coletiva, valorização da identidade e promoção da cidadania.

Enquanto a pesquisa teórica e analítica apontou a ausência da cultura local no currículo escolar e problematizou o papel das manifestações populares como patrimônio e memória coletiva, este produto educacional foi concebido como instrumento pedagógico capaz de transformar tal diagnóstico em ação concreta. A cartilha traduz em linguagem acessível os resultados da investigação, reunindo conteúdos históricos e culturais sobre folguedos, práticas artesanais e espaços de memória do município, aliados a propostas de atividades didáticas destinadas a professores e estudantes da Educação Básica. Assim, se estabelece uma coerência entre teoria e prática: a pesquisa fundamenta o produto e a cartilha materializa o compromisso do PROFHISTÓRIA em articular a produção acadêmica com o fortalecimento da cidadania e da identidade cultural por meio do ensino de História Local.

A proposta parte da constatação de que, embora São Gonçalo do Amarante possua uma diversidade cultural reconhecida em todo o Rio Grande do Norte, essas manifestações ainda não ocupam lugar efetivo no currículo escolar. Nesse contexto, a cartilha apresenta-se como ferramenta pedagógica destinada a apoiar professores e estimular estudantes, contribuindo para tornar o ensino de História Local mais dinâmico, contextualizado e significativo.

1.1 Breve História de São Gonçalo do Amarante/RN

São Gonçalo do Amarante é um dos municípios mais antigos do Rio Grande do Norte. Sua história começa ainda no período colonial, quando a região foi ocupada pelos colonizadores portugueses e marcada pela presença indígena. O nome do município homenageia São Gonçalo de Amarante, um santo português muito popular entre navegadores e colonos, que se tornou o padroeiro da cidade.

A cidade também ficou conhecida por acontecimentos históricos de grande importância, como o martírio de Cunhaú e Uruaçu, em 1645, quando colonos, missionários e indígenas foram mortos durante o conflito com invasores holandeses. Esse episódio tornou São Gonçalo do Amarante um importante centro de religiosidade e memória para todo o estado, atraindo romarias e peregrinos até os dias de hoje.

Ao longo do tempo, o município cresceu a partir de suas comunidades rurais, do trabalho artesanal e da preservação de manifestações culturais populares, como o Pastoril, o Boi Calemba Pintadinho e os Congos de Combate. Essas expressões, transmitidas de geração em geração, mantêm viva a memória do povo e reforçam a identidade cultural da cidade.

Atualmente, São Gonçalo do Amarante se destaca não apenas por sua importância histórica e cultural, mas também por seu desenvolvimento econômico e por ser o município onde está localizado o Aeroporto Internacional Aluizio Alves, conectando o Rio Grande do Norte ao mundo. Assim, a cidade reúne passado e presente, tradição e modernidade, mantendo suas raízes culturais ao mesmo tempo em que se projeta para o futuro.

1.2 Objetivos da Cartilha e Público-alvo

Esta cartilha tem como principal objetivo valorizar as manifestações culturais de São Gonçalo do Amarante, reconhecendo-as como parte fundamental da identidade local e como recurso pedagógico para o ensino de História. Mais do que reunir informações sobre festas, folguedos e patrimônios, o material busca aproximar estudantes e professores do universo da cultura popular, mostrando que ela é uma fonte legítima de conhecimento histórico e de fortalecimento da cidadania.

Entre seus objetivos específicos, destacam-se:

- Apoiar o trabalho docente, oferecendo textos acessíveis, imagens e atividades que podem ser adaptadas a diferentes níveis da Educação Básica;
- Promover a valorização da memória coletiva, resgatando saberes transmitidos de geração em geração por mestres da cultura popular;
- Estimular o protagonismo dos alunos, por meio de atividades criativas que envolvem pesquisa, entrevistas, dramatizações e oficinas;
- Reforçar o sentimento de pertencimento, aproximando os estudantes de sua história, de seus símbolos e de seus espaços de memória;
- Contribuir para a preservação do patrimônio imaterial e material, ao tornar visível e significativo aquilo que compõe o cotidiano cultural da cidade.

Assim, a cartilha é, ao mesmo tempo, um instrumento pedagógico e um registro cultural. Seu propósito maior é demonstrar que aprender História também significa viver e compreender a cultura local, reconhecendo no patrimônio popular um espaço de memória, resistência e identidade.

A cartilha foi elaborada especialmente para professores e estudantes da Educação Básica do município de São Gonçalo do Amarante, mas seu alcance vai além da sala de aula. O material pode ser utilizado em diferentes contextos educativos, como projetos interdisciplinares, oficinas culturais, feiras de conhecimento e atividades extracurriculares que envolvam a comunidade escolar.

Para os professores, a cartilha funciona como um recurso pedagógico de apoio, oferecendo conteúdos contextualizados que permitem integrar o ensino de História às manifestações culturais locais. Para os estudantes, o material apresenta a oportunidade de conhecer de maneira mais próxima e significativa as tradições de sua cidade, despertando interesse pela pesquisa, pela preservação da memória e pelo fortalecimento da identidade coletiva.

Além disso, a cartilha pode servir como instrumento de aproximação entre escola e comunidade, uma vez que valoriza os mestres da cultura popular, os grupos de folgedos e os espaços de memória que compõem o patrimônio material e imaterial do município. Dessa forma, contribui para que o processo educativo não se restrinja ao ambiente escolar, mas dialogue diretamente com o cotidiano cultural dos alunos, ampliando sua compreensão sobre o papel da cultura na formação histórica e cidadã.

1.3 Conceituando Manifestações Culturais

As manifestações culturais são formas de expressão criadas e recriadas pelas comunidades ao longo do tempo. Elas podem ser materiais (como monumentos, prédios, objetos, artesanato) ou imateriais (como festas, músicas, danças, narrativas orais e tradições).

Segundo Michael Pollak (1989), a memória coletiva dá sentido às práticas culturais, pois guarda e transmite lembranças que formam a identidade de um povo. Em São Gonçalo do Amarante, essa memória está presente, por exemplo, nas histórias dos Mártires de Uruaçu ou na lembrança da artesã Dona Neném Felipe, preservada no Mercado de Artesanato.

Para Circe Bittencourt (2004), estudar a cultura local em sala de aula aproxima os alunos da História, valorizando o que é vivido em sua própria comunidade. Assim, quando os estudantes pesquisam o Pastoril ou visitam o Museu Municipal, percebem que a História não está distante, mas faz parte do seu cotidiano e da vida de suas famílias.

Maria Tereza de Oliveira (2019) mostra como o artesanato, as festas populares e os espaços de memória de São Gonçalo do Amarante são fontes ricas para o ensino de História. Um simples objeto de barro produzido no mercado ou uma cantoria de Dona Militana podem se tornar pontos de partida para aprender sobre o passado e refletir sobre o presente.

Já Pierre Nora (1993) fala em “lugares de memória”, espaços ou práticas em que a comunidade deposita símbolos de sua identidade. Em São Gonçalo, isso pode ser visto na Praça do Galo Branco, que carrega um símbolo coletivo, ou no Teatro Municipal Poti Cavalcante, que se tornou referência para a expressão artística da cidade.

O conceito de patrimônio cultural, segundo o IPHAN (1964) e a Constituição de 1988, engloba tanto os bens materiais quanto os imateriais que expressam a identidade de um grupo social. Não é apenas algo distante em museus nacionais, mas também os bens que fazem parte da sua cidade: a Igreja Matriz, o Monumento dos Mártires, os grupos de Coco e Babelô, entre outros.

A educação patrimonial, como explica Horta (1999), é o conjunto de práticas educativas que permite compreender e valorizar o patrimônio. No caso de São Gonçalo, isso pode acontecer quando uma turma visita a Igreja Matriz e depois produz relatos, desenhos ou fotografias sobre a experiência, transformando o espaço em sala de aula viva. No contexto potiguar, Iaponira Peixoto de Brito (2010) reforça que a escola tem papel fundamental ao aproximar os estudantes de seu patrimônio cultural imediato, tornando-os sujeitos ativos na preservação e na valorização da identidade local.

O conceito de identidade, discutido por Stuart Hall (2006), mostra que ela é sempre em construção, marcada pela história e pelas experiências sociais. Ao conhecer o Boi Calemba Pintadinho ou participar do Pastoril, os alunos reconhecem elementos que ajudam a formar sua identidade como são-gonçalenses e potiguares.

Por fim, a consciência histórica, de acordo com Circe Bittencourt (2004), se desenvolve quando o estudante aprende a relacionar diferentes tempos históricos, compreendendo que o presente é resultado de processos passados e que suas ações influenciam o futuro. Em São Gonçalo, ao estudar os Mártires de Uruaçu ou as tradições populares, os jovens percebem

que o conhecimento histórico ajuda a entender sua própria realidade e a projetar caminhos para a comunidade.

Assim, compreender as manifestações culturais significa reconhecer que elas não são apenas tradições do passado, mas práticas vivas que ligam gerações, fortalecem a identidade local e ajudam a construir a consciência histórica dos estudantes.

Glossário

- **Patrimônio cultural:** conjunto de bens materiais e imateriais que representam a identidade de um povo.
- **Educação patrimonial:** atividades educativas que ajudam a conhecer, valorizar e preservar o patrimônio cultural.
- **Identidade:** conjunto de características, tradições e valores que identificam um grupo social.
- **Consciência histórica:** capacidade de compreender o presente relacionando passado e futuro.
- **Lugares de memória:** espaços físicos ou simbólicos que guardam lembranças coletivas.

2 CONHECENDO AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS

As manifestações culturais imateriais são práticas transmitidas de geração em geração, que não se traduzem em objetos materiais, mas em saberes, rituais, músicas, danças, narrativas e festas que fazem parte da vida cotidiana de uma comunidade. São expressões vivas da memória coletiva e funcionam como laços que unem passado, presente e futuro. De acordo com a definição adotada pela UNESCO, o patrimônio imaterial é formado por tradições, práticas e expressões que fortalecem o sentimento de pertencimento de um grupo social e asseguram a continuidade de sua identidade cultural.

No Rio Grande do Norte, São Gonçalo do Amarante se destaca como verdadeiro berço da cultura potiguar, por reunir algumas das mais importantes expressões da cultura popular do estado, como o Boi Calemba Pintadinho, o Pastoril, os Congos de Combate, o Coco do Calemba, o Babelô da Alegria e a tradição oral representada por Dona Militana. Essas manifestações, ainda que tenham origens diversas — indígenas, africanas ou europeias —, foram apropriadas e reinventadas pela comunidade local, consolidando-se como símbolos de identidade.

Luís da Câmara Cascudo (2000), em seu *Dicionário do Folclore Brasileiro*, afirma que a cultura popular é o “espelho da alma coletiva”, pois expressa valores, crenças e práticas que estruturam a vida social. Nessa perspectiva, estudar as tradições de São Gonçalo é compreender como a coletividade se organiza, resiste e se reinventa.

Simultaneamente, como lembra Michael Pollak (1989), a memória cultural é sempre seletiva: certas práticas são lembradas, preservadas e celebradas, enquanto outras são esquecidas ou silenciadas. Isso significa que as manifestações imateriais de São Gonçalo não representam apenas a espontaneidade da tradição, mais também escolhas históricas e sociais que definem o que se deseja preservar como identidade.

Na escola, conforme discute Circe Bittencourt (2004), o ensino de História precisa dialogar com a cultura local, pois é nela que os alunos encontram referências concretas de pertencimento. Inserir as manifestações culturais imateriais no currículo não é apenas enriquecer o conteúdo escolar, mas oferecer aos estudantes ferramentas para compreenderem a si mesmos como sujeitos históricos, herdeiros e transmissores de práticas que estruturam sua comunidade.

Ao conhecer e valorizar essas tradições, alunos e professores preservam um patrimônio vivo, assim como também fortalecem vínculos entre memória, identidade e cidadania, tornando a escola um espaço privilegiado de transmissão e recriação da cultura popular.

2.1 Pastoril Dona Joaquina e Pastoril Jardim das Flores

O Pastoril é uma das manifestações culturais mais tradicionais do Nordeste e, em São Gonçalo do Amarante, adquiriu contornos próprios, com destaque para os grupos Pastoril de Dona Joaquina e Pastoril Jardim das Flores. Trata-se de uma manifestação cultural imaterial, transmitida de geração em geração, que mistura religiosidade, ludicidade e protagonismo feminino. Segundo Câmara Cascudo (2000), no *Dicionário do Folclore Brasileiro*, o Pastoril é uma dança dramática ligada ao ciclo natalino, onde pastoras louvam o nascimento do Menino Jesus em versos e coreografias simples. Essa forma de devoção popular foi recriada em São Gonçalo do Amarante, assumindo características próprias e tornando-se parte da identidade cultural local.

Em suas pesquisas, Maria Tereza de Oliveira (2019; 2023) destaca que o Pastoril não deve ser visto apenas como uma encenação religiosa, mas também como um “espetáculo da memória”, no qual a comunidade reconhece sua história e reafirma sua identidade. A mestra Joaquina, com sua longa trajetória à frente do grupo, representa a resistência das mulheres na preservação da cultura. Já o Pastoril Jardim das Flores, criado mais recentemente, mostra a

capacidade de recriação dessa tradição, demonstrando como o patrimônio imaterial é dinâmico e se reinventa para dialogar com novas gerações.

Além de seu caráter festivo, o Pastoril também possui uma dimensão pedagógica: ensina valores de fé, coletividade e pertencimento. As músicas, os diálogos e os figurinos coloridos, geralmente divididos em duas alas, azul e encarnada, tornam a apresentação atraente e significativa, tanto para quem participa quanto para quem assiste. Assim, o Pastoril reafirma sua função social como espaço de encontro, convivência e transmissão cultural.

Figura 1: Pastoril Dona Joaquina



Fonte: Página do Pastoril Dona Joaquina no Instagram

Figura 2: Pastoril Jardim das Flores



Fonte: Página do Pastoril Jardim das Flores no Instagram

Curiosidades:

- O Pastoril é dividido em duas alas: azul e encarnada, que representam grupos rivais, mas que se unem ao final em homenagem ao Menino Jesus.
- Ele é tradicionalmente encenado no período natalino, mas em São Gonçalo também aparece em festas populares durante o ano.
- A Mestra tem papel central: é guardiã das músicas, da disciplina e da organização do grupo.
- Muitas músicas e versos foram preservados pela tradição oral e adaptados ao longo do tempo, o que faz de cada apresentação um espetáculo único.

Atividade: Pastoril

Questão 1: De acordo com Câmara Cascudo, qual é a origem do Pastoril e em qual período do ano ele costuma ser encenado?

Questão 2: Qual a principal diferença entre o Pastoril de Dona Joaquina e o Pastoril Jardim das Flores?

Questão 3: O que significa dizer que o Pastoril é um patrimônio imaterial?

Questão 4: Escreva um pequeno texto ou desenho representando como você imagina a apresentação de um Pastoril em sua comunidade. Depois, discuta com a turma: por que é importante manter vivas tradições como essa?

2.2 Boi Calemba Pintadinho

O Boi Calemba Pintadinho é uma das manifestações centenárias e simbólica da cultura popular de São Gonçalo do Amarante. Sua origem remonta ao ciclo do Bumba Meu Boi, tradição espalhada em várias regiões do Brasil, marcada pela encenação da morte e ressurreição do boi, acompanhada de músicas, danças e versos improvisados. Em São Gonçalo, o grupo liderado pelo mestre Pedro Guajiru se destacou pela força da oralidade, pela vivacidade dos personagens e pelo envolvimento comunitário.

Segundo Câmara Cascudo, no *Dicionário do Folclore Brasileiro*, o Boi é um dos mais completos folguedos da cultura popular, pois articula elementos de teatro, dança, música e religiosidade. Maria Tereza de Oliveira também reforça que, no caso do Boi Calemba Pintadinho, a tradição se transformou em um “espetáculo de memória viva”, em que o riso, a devoção e a crítica social se entrelaçam na performance coletiva.

O enredo, embora siga a estrutura tradicional (com a morte e ressurreição do boi), é recriado em cada apresentação, valorizando a improvisação e a oralidade. Os personagens — como o Amo, a Catirina, o Mateus, o Bastião e o próprio boi pintado — dão vida ao espetáculo, com gestos exagerados, figurinos coloridos e falas carregadas de humor. O pintado no nome remete à decoração vibrante do boi, que o torna facilmente reconhecível no município.

Assim, o Boi Calemba Pintadinho é espaço de resistência cultural, de preservação da memória coletiva e de transmissão de valores identitários. Sua permanência demonstra a força da cultura popular em São Gonçalo do Amarante e a capacidade de articular fé, ludicidade e pertencimento comunitário.

Figura 3: Apresentação Cultural - Boi Calembra



Fonte: Página do grupo Boi Calembra no Instagram

Figura 4: Apresentação Cultural - Boi Calembra



Fonte: Página do grupo Boi Calembra no Instagram

Curiosidades:

- O boi é enfeitado com cores fortes e pintadas, o que lhe deu o apelido de “Pintadinho”.
- Personagens como Mateus e Bastião garantem o humor e a irreverência, interagindo com o público durante a brincadeira.
- Cada apresentação é única, pois muitos diálogos e músicas são improvisados na hora.
- A tradição mistura elementos do sagrado (devoção, festas religiosas) e do profano (brincadeira, crítica social).

Atividade: O Boi Calembra Pintadinho

Questão 1: Qual é a principal característica que diferencia o Boi Calemba Pintadinho de outras versões do Bumba Meu Boi no Brasil?

Questão 2: Cite dois personagens do folguedo e explique sua função na encenação.

Questão 3: O que significa dizer que essa manifestação é um “espetáculo de memória viva”?

Questão 4: Proponha a criação de um pequeno roteiro dramatizado do Boi Calemba Pintadinho, adaptado à realidade da sua escola ou comunidade. Os alunos podem inventar falas, músicas ou movimentos, mantendo a estrutura da morte e ressurreição do boi. Ao final, discuta: como essa atividade ajuda a compreender a importância da cultura popular?

2.3 Congos de Combate

O Congos de Combate é um dos mais importantes autos populares do Brasil e uma das expressões culturais mais significativas de São Gonçalo do Amarante. Sua origem remonta ao período colonial, vinculada à devoção a São Benedito, santo protetor das populações negras escravizadas. Misturando música, dança e teatro, a manifestação recria simbolicamente a luta entre cristãos e mouros, incorporando personagens que representam reis, rainhas e embaixadores.

Na versão de São Gonçalo do Amarante, a narrativa gira em torno do Rei Congo e da Rainha Ginga, figuras que evocam a memória africana e sua ressignificação no contexto brasileiro. Como destacou Câmara Cascudo em seu *Dicionário do Folclore Brasileiro*, a chamada embaixada constitui o núcleo do auto, onde se desenvolvem diálogos e confrontos coreografados que culminam na vitória dos cristãos e na coroação do Rei e da Rainha.

A história do grupo local é marcada por fases de interrupção e retomada. Fundado pelo mestre João Fábio Bandeira, conhecido como João Menino, o grupo inicialmente recebeu o nome de *Congos de Calçola*. Após um período de desativação, foi reorganizado em 1997, quando assumiu nova força sob a liderança de mestres como Lucas Teixeira de Moura, Servolo Teixeira e, posteriormente, Gláucio Teixeira da Câmara, consolidando uma tradição transmitida por gerações. Em 2021, o grupo foi reconhecido oficialmente como Patrimônio Cultural e Imaterial de São Gonçalo do Amarante, por meio da Lei Municipal nº 1960.

Se destaca tanto pela riqueza de seus trajes — coroas, capas e cetros que evocam a realeza africana reinterpretada no Brasil — quanto pela força da sua música, marcada pelo uso de instrumentos como rabeca, violão, pandeiro, tambores e triângulo. O Congos de Combate é um espaço de preservação da memória afro-brasileira e de fortalecimento da identidade comunitária. Ao articular ancestralidade, religiosidade e coletividade, a manifestação reafirma

sua relevância como patrimônio vivo e como instrumento pedagógico para compreender a diversidade cultural do município.

Figura 5: Logotipo do grupo Congos do Combate



Fonte: Página do grupo Congos de Combate no Instagram

Figura 6: Apresentação cultural do grupo Congos do Combate



Fonte: Página do grupo Congos de Combate no Instagram

Curiosidades:

- O auto sempre culmina com a coroação do Rei Congo e da Rainha Ginga.
- Os trajes coloridos e ornamentados são símbolo de poder e solenidade.
- O termo “embaixada” designa a parte central do auto, onde se travam os diálogos e combates simbólicos.
- A manifestação foi oficialmente reconhecida em lei municipal como Patrimônio Imaterial em 2021.

Atividade: Congos de Combate

Questão 1: Quem são os personagens centrais do Congos de Combate e o que eles representam?

Questão 2: O que significa o termo embaixada dentro do contexto da manifestação?

Questão 3: Em que ano o Congos de Combate foi reconhecido como Patrimônio Imaterial de São Gonçalo do Amarante?

Questão 4: Escreva um pequeno texto ou diálogo inspirado nas embaixadas do Congos de Combate, relacionando-o a uma situação atual (como a luta por igualdade ou a defesa da cultura local). Depois, apresente para a turma e reflitam juntos sobre o que o folguedo pode ensinar à sociedade de hoje.

2.4 Coco do Calemba

O Coco do Calemba é uma das mais importantes manifestações culturais de São Gonçalo do Amarante, trazendo no corpo, na música e na poesia improvisada a força da ancestralidade africana e indígena. Trata-se de uma dança coletiva, em roda, acompanhada por instrumentos de percussão como o ganzá, o pandeiro e o tambor, ao som dos quais homens e mulheres cantam versos improvisados.

O coco é uma expressão tradicional do Nordeste brasileiro e está ligado ao cotidiano dos trabalhadores rurais, marcando festas e momentos de lazer. Em São Gonçalo, ele ganhou características próprias na forma do Coco do Calemba, que dialoga com outros folguedos locais, como o Babelô da Alegria e o Boi Calemba Pintadinho. O termo “calemba” remete a sons e movimentos corporais que reforçam a musicalidade e a expressividade dessa tradição.

De acordo com Câmara Cascudo (*Dicionário do Folclore Brasileiro*, 2000), o coco é uma dança de roda que privilegia a improvisação, a coletividade e o ritmo. Em São Gonçalo, mestres populares mantiveram viva essa prática, transmitida oralmente de geração em geração. O canto coletivo, os refrões repetidos e os versos criados na hora revelam o caráter lúdico e pedagógico do coco: ao mesmo tempo em que diverte, ele ensina valores comunitários e preserva a memória do povo. Celebra a coletividade, a improvisação e a resistência cultural. Ao reunir vozes, corpos e ritmos em um mesmo espaço, ele ressalta a importância da oralidade e da criatividade como herança fundamental para a identidade local.

Figura 7: Integrantes do grupo Coco Calemba



Fonte: Página do grupo Coco Calemba no Instagram

Figura 8: Integrantes do Coco Calemba



Fonte: Página do Grupo Coco Calemba no Instagram

Curiosidades:

- O Coco do Calemba se aproxima do Babelô: ambos valorizam a roda, o canto e o improviso.
- Muitas vezes, o coco acontecia após o Babelô, como um prolongamento festivo da celebração.
- O nome “coco” vem da cadência marcada pelas batidas dos pés no chão, que lembram o som de quebrar cocos.

- A transmissão do coco acontece de forma oral, sem registros escritos, fortalecendo o papel da memória coletiva.

Atividade: Coco do Calemba

Questão 1: Qual é a principal característica do Coco do Calemba?

Questão 2: Que instrumentos costumam acompanhar o coco?

Questão 3: O que significa a palavra “calemba” nesse contexto cultural?

Questão 4: Organize uma roda na sala de aula e criem juntos um refrão simples (duas frases curtas). Em seguida, cada grupo de alunos deve improvisar versos que completem o canto coletivo. Após a atividade, discutam como a oralidade e a improvisação ajudam a preservar a memória e a cultura popular.

2.5 Babelô da Alegria

O Babelô é uma dança de roda de origem africana, preservada nas comunidades do Rio Grande do Norte e recriada em São Gonçalo do Amarante. Também conhecido como “Coco de Roda” ou “Zabelô”. O Babelô nasceu no contexto das senzalas e engenhos de cana-de-açúcar, misturando trabalho, música e lazer.

Segundo Câmara Cascudo (*Dicionário do Folclore Brasileiro*, 2000), trata-se de uma dança circular acompanhada por instrumentos de percussão, como ganzá, tambores e atabaques, na qual um ou dois dançarinos entram no centro da roda e improvisam passos ao som das cantigas. Entre os gestos coreográficos mais conhecidos está a umbigada, movimento de origem africana que simboliza convite e integração.

Em São Gonçalo do Amarante, o Babelô da Alegria se destacou pela atuação do mestre Servolo Teixeira de Moura, figura importante também em outros folguedos do município. Ele afirmava: “*Nasci para brincar e só vou deixar essa brincadeira quando morrer*”, traduzindo o espírito de resistência e pertencimento que sustenta a prática. O grupo se apresentava em festas de Natal, Ano Novo e Reis, reunindo homens e mulheres em torno da roda, em um clima de improviso e coletividade.

Representa, assim, uma expressão da memória popular, onde música, dança e poesia improvisada se encontram. É uma manifestação que resiste às pressões da cultura

de massa e reafirma a importância da oralidade, da coletividade e da ancestralidade africana na formação da identidade.

Figura 9: Integrantes do Grupo Bambelô da Alegria



Fonte: Página do Bambelô da Alegria no Instagram

Figura 10: Integrantes do Grupo Bambelô da Alegria



Fonte: Página do Grupo Bambelô da Alegria no Instagram

Curiosidades:

- O Bambelô também é chamado de Coco de Roda, Zambelô ou Coco de Embolada.
- A umbigada, gesto central da dança, é um convite para trocar de lugar no centro da roda.
- Os versos são improvisados pelos cantadores, criando rimas divertidas e poéticas.
- Após as apresentações, muitas vezes a roda de Bambelô se desdobra em um Coco do Calemba, ampliando a participação de todos os presentes.

Atividade: Babelô da Alegria

Questão 1: Qual a origem histórica do Babelô?

Questão 2: Quem foi o mestre mais importante do Babelô da Alegria em São Gonçalo do Amarante?

Questão 3: O que significa a umbigada dentro da roda de Babelô?

Questão 4: Em grupo, crie um pequeno “verso de coco” (rimado) e apresente-o para a turma acompanhado de palmas ou batidas de ritmo simples. Depois, discutam como a música e a improvisação podem ser usadas para expressar a memória e a identidade da comunidade.

2.6 Dona Militana: A romanceira do povo

Dona Militana Salustino do Nascimento (1925–2010) é reconhecida como uma das maiores romanceiras populares do Brasil. Nascida em São Gonçalo do Amarante, tornou-se guardiã de uma tradição oral que atravessou séculos: os romances, longas narrativas cantadas, de origem ibérica, transmitidas de geração em geração. Seu repertório ultrapassava duzentos romances, sendo considerado um dos maiores do país, o que lhe rendeu o título de Patrimônio Vivo da Cultura Popular Brasileira.

A trajetória de Dona Militana mostra como a oralidade é um dos principais instrumentos de preservação cultural. Sem registros escritos, os romances se perpetuavam pela memória e pela voz, passando de pais para filhos, de mestres para aprendizes. Assim, ela representa a ligação direta entre a tradição ibérica, herdada da colonização, e a criatividade popular do povo potiguar, que adaptou, recriou e manteve viva essa prática cultural.

Seu reconhecimento ultrapassou fronteiras locais. Pesquisadores, músicos e estudiosos da cultura popular encontraram em Dona Militana um verdadeiro arquivo vivo da memória oral. Através de sua voz, narrativas antigas eram preservadas, reatualizadas e compartilhadas com novas gerações, transformando a romanceira em símbolo de identidade, resistência e pertencimento.

Em 2025, ano de seu centenário de nascimento, Dona Militana foi homenageada no desfile cívico do município de São Gonçalo do Amarante, tema que reuniu escolas, grupos culturais e instituições. Essa celebração reafirma seu lugar como patrimônio imaterial, referência da cultura popular e inspiração para a educação e a preservação da

memória coletiva. Ela deve ser lembrada como símbolo da permanência e da recriação cultural, exemplo de como o povo, através da oralidade, ressignifica e transmite sua herança cultural às novas gerações.

Figura 11: Troféu em homenagem a Dona Militana



Fonte: Google imagens

Figura 12: Card de evento cultural



Fonte: Google imagens

Curiosidades:

- Dona Militana começou a cantar os romances ainda na infância, aprendendo com seus pais e vizinhos.

- Seus romances misturavam elementos da tradição ibérica com a vivência sertaneja do Rio Grande do Norte.
- Em 2005, foi reconhecida como Patrimônio Vivo da Cultura Popular do RN, título concedido pelo Governo do Estado.
- Pesquisadores como Deífilo Gurgel e Maria Tereza de Oliveira dedicaram estudos para registrar sua obra, garantindo que não se perdesse com o tempo.

Atividade: Dona Militana

Questão 1: Quem foi Dona Militana e por que ela é considerada um patrimônio da cultura popular brasileira?

Questão 2: Explique o que são os romances populares e como eram transmitidos de geração em geração.

Questão 3: Pesquise quais foram as principais homenagens póstumas que Dona Militana recebeu.

Quiz – Manifestações Culturais Imateriais de São Gonçalo do Amarante

1. O Pastoril de Dona Joaquina e o Pastoril Jardim das Flores têm como característica principal:

- a) A encenação de batalhas entre reis e rainhas.
- b) A valorização da religiosidade e do protagonismo feminino.
- c) O uso exclusivo de instrumentos de percussão.
- d) A representação teatral da morte e ressurreição de um boi.

2. O Boi Calemba Pintadinho é uma manifestação que combina:

- a) Música, dança, teatro e religiosidade popular.
- b) Apenas música instrumental e cânticos litúrgicos.
- c) Desfiles militares e dramatizações cívicas.
- d) Teatro erudito e coreografias europeias.

3. Nos Congos de Combate, a narrativa central gira em torno:

- a) Da vida dos santos mártires de Cunhaú e Uruaçu.
- b) Da disputa entre grupos rivais de trabalhadores rurais.
- c) Das embaixadas e confrontos entre reis e rainhas africanos.
- d) Da encenação da Paixão de Cristo.

5. O Babelô da Alegria se caracteriza por:

- a) Ser dançado em círculo, com improvisação de movimentos e uso da umbigada.
- b) Ser representado em palcos fechados com coreografias ensaiadas.
- c) Usar apenas instrumentos de sopro, como flautas e clarinetes.
- d) Narrar histórias de reis e batalhas medievais.

4. A origem africana dos Congos de Combate se evidencia principalmente:

- a) Nos figurinos coloridos inspirados em contos portugueses.
- b) Nas referências às embaixadas, reis e rainhas.
- c) No uso de tambores e cantos gregorianos.
- d) No improviso poético semelhante ao cordel.

6. O Coko do Calemba se distingue pelo fato de:

- a) Ter versos improvisados cantados em diálogo entre solista e coro.
- b) Ser uma dança exclusivamente masculina.
- c) Ter sido criado por Lampião e seu bando no sertão nordestino.
- d) Não utilizar instrumentos musicais, apenas palmas.

7. Qual a relação entre o Bambelô e o Coco de Roda?

- a) São manifestações totalmente distintas, sem elementos em comum.
- b) O Bambelô se encerra frequentemente com uma roda de Coco.
- c) O Coco é uma versão urbana do Bambelô.
- d) Ambos são exclusivos de festas de Carnaval.

9. Em 2025, ano do seu centenário de nascimento, Dona Militana foi homenageada em São Gonçalo do Amarante como:

- a) Tema do desfile cívico do município.
- b) Padroeira cultural da cidade.
- c) Primeira mulher a ser tombada como patrimônio material.
- d) Nomeada como patrona das artes visuais.

8. Dona Militana, considerada a maior romancista do Brasil, se destacou por:

- a) Criar coreografias para o Pastoril.
- b) Transmitir histórias em forma de romances cantados, preservando a oralidade.
- c) Produzir peças de artesanato em cerâmica.
- d) Liderar grupos de Congos de Combate.

10. De acordo com Maria Tereza de Oliveira, as manifestações culturais imateriais de São Gonçalo devem ser compreendidas como:

- a) Bens artísticos individuais.
- b) Entretenimento popular sem ligação com a memória.
- c) “Espetáculos da memória” que pertencem à coletividade.
- d) Folgedos extintos, preservados apenas em registros escritos.

3 Espaços de memória em São Gonçalo do Amarante

3.1 Igreja Matriz de São Gonçalo do Amarante

A Igreja Matriz de São Gonçalo do Amarante, construída em 1882, é um dos principais símbolos da religiosidade e da cultura do município. Localizada no centro da cidade, ela é o espaço onde acontecem as celebrações religiosas em homenagem a São Gonçalo, padroeiro da cidade, reunindo fiéis, grupos culturais e visitantes de diferentes lugares.

Com linhas arquitetônicas coloniais, a Matriz passou por reformas, mas preserva parte de suas características originais, sendo tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1964. Esse reconhecimento garantiu a preservação não apenas da estrutura da igreja, mas também de seu valioso acervo religioso, como os altares dedicados a santos, peças litúrgicas e a imagem do Cristo Morto, utilizada em rituais tradicionais da Semana Santa. Esses elementos fazem da igreja um verdadeiro museu vivo da fé e da memória coletiva.

Do ponto de vista cultural, a Matriz é um espaço de oração, mas também se tornou lugar de encontro, de identidade e de memória. Em suas festas e celebrações, o povo mantém vivas tradições que atravessam gerações, demonstrando a força da religiosidade popular como elemento de pertencimento comunitário.

Figura 13: Fachada da Igreja Matriz de São Gonçalo do Amarante



Fonte: Página do Lenilton Lima Fotografia no Instagram

Curiosidade:

A festa do padroeiro, celebrada em janeiro, é um dos momentos mais importantes do calendário religioso local. Além das missas e procissões, há apresentações culturais que aproximam fé, música e tradição popular.

Atividade: Igreja Matriz de São Gonçalo do Amarante

Questão 1: Identifique em qual período histórico a Igreja Matriz de São Gonçalo do Amarante foi construída e em que ano foi tombada pelo IPHAN como patrimônio histórico nacional.

Questão 2: Explique por que a Igreja Matriz pode ser considerada um espaço de memória para a cidade. Relacione sua resposta com a ideia de patrimônio cultural.

Questão 3: Pesquise e liste quais são os objetos da Igreja Matriz que também foram tombados como patrimônio histórico.

Questão 4: A Igreja Matriz é um lugar de fé, mas também de convivência social e cultural. Em sua opinião, qual é a importância de espaços como esse para a identidade e a memória da comunidade?

Questão 5: Imagine que você fará uma visita pedagógica à Igreja Matriz com seus colegas. Elabore três perguntas que você faria ao guia ou ao responsável pelo espaço para aprender mais sobre sua história e importância.

3.2 Monumento e Praça do Galo Branco de Dona Neném

O Galo Branco é um dos maiores símbolos culturais de São Gonçalo do Amarante. Criado inicialmente pelo artesão popular Antônio Soares, o galo tinha uma função utilitária: era uma bilha de barro usada para guardar água. Com o tempo, deixou de ser apenas um objeto doméstico e passou a representar a identidade da cidade.

A tradição foi mantida e ampliada pela ceramista Maria das Neves Fernandes, conhecida como Dona Neném, e por sua filha, Dona Chiquinha, que transformaram o Galo Branco em referência do artesanato local. Sua origem também dialoga com a tradição portuguesa do Galo de Barcelos, mostrando como a cultura se mistura e se reinventa no Brasil.

O reconhecimento oficial veio em 1975, quando a Comissão Nacional de Folclore declarou o Galo Branco como peça-símbolo do artesanato potiguar. Em 2012, por meio de decreto municipal, ele foi instituído como símbolo oficial da cultura popular de São Gonçalo do Amarante.

Para homenagear Dona Neném e fortalecer essa tradição, foi construída, em 2015, a Praça do Galo Branco, localizada em Santo Antônio do Potengi. O espaço recebe feiras de artesanato, eventos culturais e a Semana do Folclore, tornando-se um verdadeiro lugar de memória da cidade.

Figura 14: Estátua na Praça do Galo Branco



Fonte: Google Imagens

Curiosidade:

O Galo Branco representa um exemplo de patrimônio híbrido: nasceu como objeto utilitário, foi ressignificado como peça artística e, hoje, é símbolo cultural e identitário da cidade.

Atividade: O Galo Branco de Dona Neném

Questão 1: Em que ano o Galo Branco foi declarado peça-símbolo do artesanato potiguar?

Questão 2: Por que é importante que a cidade tenha um símbolo oficial da sua cultura?

Questão 3: Pesquise e responda: quem foi Dona Neném e qual a sua importância para a história do artesanato de São Gonçalo do Amarante?

Questão 4: Observe imagens do Galo Branco e descreva os elementos artísticos que mais chamam sua atenção.

Questão 5: Em sua opinião, como a escola pode ajudar a manter viva a memória de Dona Neném e do Galo Branco?

3.3 Monumento aos Mártires de Uruaçu

O Monumento dos Mártires de Cunhaú e Uruaçu foi inaugurado em 2000, no distrito de Uruaçu, em São Gonçalo do Amarante. Ele homenageia os fiéis católicos que foram mortos nos

episódios conhecidos como martírios de Cunhaú e Uruaçu, ocorridos no século XVII, durante a ocupação holandesa no Rio Grande do Norte.

O espaço se tornou um dos principais centros de peregrinação religiosa do estado, atraindo romeiros e visitantes do Brasil inteiro. Nele acontecem celebrações religiosas, romarias, caminhadas de fé, batizados e até apresentações culturais e teatrais que recontam a história dos mártires.

Em 2017, esses homens e mulheres foram reconhecidos pela Igreja Católica como os primeiros santos mártires do Brasil, reforçando ainda mais a importância histórica e espiritual do monumento. Além de sua dimensão religiosa, o espaço é também um patrimônio cultural, pois articula memória, identidade e fé coletiva.

Figura 15: Monumento dos Mártires



Fonte: G1.com

Curiosidade:

O monumento se tornou local de grandes encontros religiosos e culturais. Além de missas e romarias, já recebeu apresentações artísticas que unem teatro, música e religiosidade popular.

Atividade: O monumento dos Mártires

Questão 1: Em que ano o Monumento dos Mártires de Uruaçu foi inaugurado?

Questão 2: Como a fé e a memória dos mártires podem ser trabalhadas na escola como parte da história local?

Questão 3: Observe imagens do Monumento e descreva os elementos arquitetônicos ou artísticos que mais chamam sua atenção.

Questão 4: Por que o turismo religioso ligado ao Monumento dos Mártires é importante para São Gonçalo do Amarante?

Questão 5: Em sua opinião, como a memória dos Mártires de Uruaçu pode contribuir para a construção da identidade cultural da comunidade?

3.4 O Mercado de Artesanato Dona Neném Felipe

Fundado em 1990 durante a gestão do prefeito José Targino da Silva, recebeu essa denominação em homenagem à artesã que dedicou sua vida à cerâmica e à transmissão de saberes populares. Desde então, o espaço se consolidou como ambiente de produção, exposição e comercialização de peças artesanais, com destaque para o tradicional **Galo Branco**, símbolo cultural do município. Além dele, o mercado reúne uma diversidade de objetos como painéis de barro, bilhas, moringas, filtros, esculturas, imagens sacras e utensílios de palha, que permanecem entre os itens mais procurados pela população e visitantes.

A prática da cerâmica, cuja ancestralidade remonta à Pré-História, conecta passado e presente, evidenciando que cada objeto produzido carrega não apenas utilidade, mas também memória coletiva e identidade cultural. O mercado, portanto, contribui para a valorização da memória e da identidade local, funcionando como espaço vivo da cultura do município.

Curiosidade:

Muitos visitantes afirmam que a compra de uma peça de barro no mercado traz sorte para a casa, especialmente quando se trata do Galo Branco, considerado amuleto de prosperidade.

Figura 16: Feira de Artesanato de São Gonçalo do Amarante



Figura 17 Fonte: Site O Portuguar.com

Atividade: O mercado de Artesanato

Questão 1: Em que ano foi fundado o Mercado de Artesanato Dona Neném Felipe?

Questão 2: Quem foi a artesã homenageada no nome do mercado?

Questão 3: Explique por que o Galo Branco é considerado símbolo cultural de São Gonçalo do Amarante.

Questão 4: Quais relações podem ser feitas entre o artesanato local e a construção da identidade do município?

Questão 5: Que lembranças ou experiências pessoais podem ser associadas a objetos artesanais da sua comunidade?

3.5 Museu Municipal Professora Séphora Bezerra

O Museu Municipal Professora Séphora Bezerra é um espaço voltado à preservação de objetos históricos, documentos, fotografias e peças ligadas ao cotidiano local. O nome homenageia a professora Séphora Bezerra, figura de destaque na educação e na preservação das manifestações culturais do município, cujo legado reforça a importância da cultura e da memória.

Ele é aproxima os estudantes de fontes históricas materiais e imateriais, favorecendo a construção da consciência histórica e a valorização do patrimônio local. Visitas guiadas, análises de objetos, oficinas de registro e rodas de conversa podem ser realizadas para que os alunos vivenciem o espaço de forma ativa e crítica.

Apesar desse potencial, pesquisas acadêmicas (OLIVEIRA, 2019) revelam que ainda existe certa distância entre a instituição e a comunidade, já que parte significativa da população desconhece ou não frequenta o espaço. Esse quadro limita seu impacto social e educativo e reforça a necessidade de políticas públicas e de práticas escolares que aproximem a comunidade do museu. Ao utilizar a cartilha, professores e alunos são convidados a desenvolver atividades que valorizem o museu como sala de aula ampliada, integrando-o aos conteúdos escolares e fortalecendo sua função cultural.

Figura 18: Museu Municipal Séphora Maria Alves Bezerra



Fonte: Google Imagens

Curiosidade:

O acervo do museu já recebeu doações de famílias locais que guardavam objetos do cotidiano, como utensílios de cozinha, roupas e fotografias, tornando o espaço uma verdadeira caixa de memórias da cidade.

Atividade: Museu Municipal

Questão 1: Cite dois tipos de itens preservados no acervo.

Questão 2: Qual a principal função social e educativa do museu?

Questão 3: Qual a importância do museu para a construção da consciência histórica dos estudantes?

Questão 4: Por que parte da população ainda desconhece o espaço e como isso pode ser revertido?

Questão 5: Comente a relevância de preservar objetos cotidianos como fontes históricas.

3.6 Teatro Municipal Prefeito Poti Cavalcante

O Teatro Municipal Prefeito Poti Cavalcante, inaugurado em 2003, recebeu esse nome em homenagem ao ex-prefeito Francisco Potiguar Cavalcanti, gestor municipal entre 1965 e 1970 e lembrado pelo incentivo à cultura. Criado para ser palco das artes cênicas e musicais, o teatro tornou-se espaço de apresentações teatrais, musicais e festivais, configurando-se como um dos principais equipamentos culturais da cidade.

Esse espaço possui importância fundamental para a identidade cultural de São Gonçalo do Amarante, pois possibilita que a arte seja explorada como linguagem de interpretação do passado e do presente. Ao aproximar os estudantes de práticas culturais, o teatro fortalece o sentimento de pertencimento e incentiva o acesso às manifestações artísticas locais.

A análise integrada desses equipamentos evidencia que, embora representem patrimônios significativos para São Gonçalo do Amarante, o Mercado, o Museu e o Teatro apresentam diferentes níveis de apropriação comunitária. Enquanto o mercado se mantém vivo no cotidiano e na economia local, o museu e o teatro revelam fragilidades na articulação com a população. Essa constatação reforça a importância de pensar tais espaços não apenas como equipamentos culturais isolados, mas como recursos educativos fundamentais, que podem contribuir para a valorização do patrimônio, o fortalecimento da identidade cultural e a formação da consciência histórica dos estudantes.

Os espaços de memória de São Gonçalo do Amarante — igrejas, monumentos, praças, museus e teatros — mostram que a história e a cultura não estão apenas nos livros, mas também nos lugares que visitamos e frequentamos no dia a dia. Cada um deles guarda lembranças, valores e tradições que ajudam a compreender quem somos como comunidade.

A Igreja Matriz, a Praça do Galo Branco, o Monumento dos Mártires de Uruçu, o Mercado de Artesanato, o Museu Municipal e o Teatro Prefeito Poti Cavalcante se transformaram em referências simbólicas da cidade. Como afirma Pierre Nora 1993, são espaços de memória, territórios de identidade e pertencimento, nos quais passado e presente se encontram.

Ao conhecer esses lugares, os estudantes podem perceber que o patrimônio cultural é vivo e está em constante transformação, sendo recriado pelas pessoas em suas práticas

cotidianas. Assim, o ensino de História Local ganha força, pois conecta a memória coletiva com a experiência direta, transformando o aprendizado em vivência.

Figura 19: Teatro Municipal



Fonte: Google Imagens

Curiosidade:

O teatro já recebeu festivais de dança e música que reuniram grupos de diferentes bairros, tornando-se ponto de encontro e troca cultural entre gerações.

Atividade: Teatro Municipal

Questão 1: Em que ano foi inaugurado o Teatro Municipal Prefeito Poti Cavalcante?

Questão 2: Quem foi o homenageado no nome do teatro?

Questão 3: Qual é a principal função desse espaço cultural?

Questão 4: Explique como o teatro pode contribuir para a valorização da identidade cultural do município.

Questão 5: De que forma o teatro pode ser usado como sala de aula ampliada para o ensino de História?

Quiz – Espaços de Memória em São Gonçalo do Amarante

1. A Igreja Matriz de São Gonçalo do Amarante foi construída em qual ano?

- a) 1750
- b) 1822
- c) 1882
- d) 1920

2. Qual instituição tombou a Igreja Matriz como patrimônio histórico em 1964?

- a) UNESCO
- b) IPHAN
- c) SEEC-RN
- d) MEC

3. O acervo da Igreja Matriz inclui, entre outros elementos, uma imagem de:

- a) São Francisco de Assis
- b) Cristo Morto
- c) Nossa Senhora da Conceição
- d) Santa Luzia

4. O Monumento dos Mártires de Uruaçu homenageia:

- a) Escravos fugitivos do século XVIII
- b) Guerreiros indígenas Tapuias
- c) Religiosos e fiéis mortos em ataques no século XVII
- d) Artesãos de São Gonçalo

5. Em que ano foi inaugurado o Monumento dos Mártires de Uruaçu?

- a) 1964
- b) 1975
- c) 2000
- d) 2012

6. Além das celebrações religiosas, o Monumento dos Mártires de Uruaçu também recebe:

- a) Festivais de teatro, casamentos e romarias
- b) Aulas de artesanato popular
- c) Encontros políticos municipais
- d) Festas juninas

7. O Mercado de Artesanato Dona Neném Felipe foi criado com o objetivo principal de:

- a) Vender apenas produtos agrícolas
- b) Servir como espaço para grupos folclóricos
- c) Valorizar e comercializar o artesanato local
- d) Ser uma feira de alimentos

8. O Museu Municipal Professora Séphora Débora se destaca porque:

- a) Guarda apenas imagens religiosas
- b) Funciona como espaço educativo e de preservação da memória local
- c) É utilizado apenas em festas cívicas
- d) É exclusivo para o artesanato de barro

9. O Teatro Municipal Prefeito Poti Cavalcante é considerado importante porque:

- a) É o primeiro teatro da cidade, voltado a espetáculos e eventos culturais
- b) Foi tombado pela UNESCO como patrimônio mundial

c) Foi construído no mesmo século da Igreja Matriz

d) É usado apenas para peças religiosas

10. Qual dos espaços culturais de São Gonçalo do Amarante pode ser trabalhado na escola como exemplo de “lugar de memória” segundo Pierre Nora?

- a) Apenas o Monumento dos Mártires de Uruçu
- b) Apenas o Mercado de Artesanato
- c) Todos os espaços de memória: igrejas, monumentos, museus e praças
- d) Nenhuma das alternativas anteriores

4. Considerações finais

Esta cartilha buscou apresentar de forma simples e acessível as principais manifestações culturais e os espaços de memória de São Gonçalo do Amarante/RN. Mais do que reunir informações históricas, o objetivo foi valorizar a cultura local como parte fundamental da identidade do município e como recurso pedagógico capaz de aproximar escola e comunidade.

Para os professores, a cartilha oferece um material de apoio que pode ser adaptado em sala de aula, em projetos interdisciplinares ou em atividades extracurriculares. Cada texto, curiosidade e proposta de atividade foi pensado como ponto de partida para debates, oficinas e produções criativas, fortalecendo o protagonismo estudantil e a prática de uma educação patrimonial crítica.

Para os estudantes, a cartilha é um convite a reconhecer que a História não está apenas nos livros ou nos grandes eventos nacionais, mas também nas festas populares, nos folguedos, nos monumentos e nos mestres da cultura que fazem parte do seu cotidiano. Ao conhecer o Pastoril, o Boi Calemba, os Congos de Combate, o Mercado de Artesanato, o Museu Municipal ou o Teatro Poti Cavalcante, cada aluno se conecta com sua comunidade, descobre suas raízes e participa ativamente da preservação da memória coletiva.

Conservar e valorizar o patrimônio cultural de São Gonçalo do Amarante é, portanto, uma tarefa de todos. A escola tem papel central nesse processo, ao transformar a cultura popular em tema de estudo e prática pedagógica; os estudantes, por sua vez, tornam-se multiplicadores desse conhecimento em suas famílias e comunidades.

Que este material seja mais do que uma cartilha: que seja um instrumento de transformação, capaz de despertar o orgulho pelo pertencimento, a consciência histórica e o compromisso com a preservação das tradições que fazem de São Gonçalo do Amarante um verdadeiro berço da cultura potiguar.

REFERÊNCIAS

- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de história: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2004.
- BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- BRASIL. Decreto-Lei n. 25, de 30 de novembro de 1937. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. *Diário Oficial da União*, Rio de Janeiro, 6 dez. 1937.
- BRITO, Iaponira Peixoto de. *Educação patrimonial: experiências e perspectivas no Rio Grande do Norte*. Natal: EDUFRN, 2010.
- BRITO, Iaponira Peixoto de. *O Galo Branco de São Gonçalo do Amarante: símbolo da cultura do município de São Gonçalo do Amarante e do Folclore do RN*. 1ed, Natal: RN editora, 2022.
- BRITO, Iaponira Peixoto de *Aspectos socioeconômicos do município de São Gonçalo do Amarante-RN*. Natal Gráfica, 2002.
- CÂMARA CASCUDO, Luís da. *Dicionário do folclore brasileiro*. 5. ed. rev. e aum. São Paulo: Global, 2000.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriana. *Guia básico de educação patrimonial*. Brasília, DF: IPHAN/Programa Monumenta, 1999.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: os lugares de memória. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7–28, dez. 1993.
- OLIVEIRA, Maria Tereza de; SOUSA, Elisângela Feitosa de (org.). *Mapeamento do Patrimônio Cultural de São Gonçalo do Amarante: berço da cultura popular*. Natal: Caule de Papiro, 2019.
- OLIVEIRA, Maria Tereza de. *Tecendo a cultura popular em São Gonçalo do Amarante/RN*. Natal: RN Editora, 2023.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 200–212, 1989.

ANEXO – GUIA DO PROFESSOR

A1. Recursos pedagógicos gerais

A elaboração desta cartilha partiu da intenção de aproximar o conhecimento histórico da vivência cotidiana dos alunos e professores, valorizando o patrimônio cultural de São Gonçalo do Amarante. Para isso, o material foi construído a partir de fontes bibliográficas, registros de campo e entrevistas com mestres e estudiosos da cultura popular, permitindo apresentar cada manifestação de forma clara, contextualizada e acessível.

Entre as referências utilizadas destacam-se Luís da Câmara Cascudo, com o *Dicionário do Folclore Brasileiro*, obra fundamental para compreender as tradições e práticas culturais do país; Maria Tereza de Oliveira, que estuda as manifestações de São Gonçalo do Amarante e sua importância para a identidade local; e Iaponira Peixoto de Brito (2010), que analisa memória, identidade e vida comunitária no município. Além deles, autores como Circe Bittencourt (2004), ao discutir o ensino de História e a inserção da História Local no currículo, e pensadores da memória como Pierre Nora e Michael Pollak, ajudaram a fundamentar a proposta deste material.

A cartilha foi organizada em seções que combinam textos informativos, imagens e atividades. Cada manifestação cultural é apresentada em sua origem, principais características e importância para a identidade local, sempre acompanhada de exercícios que estimulam a reflexão e a participação ativa dos estudantes. Assim, a proposta não é apenas transmitir informações, mas incentivar o diálogo, a pesquisa e o protagonismo estudantil no processo de aprendizagem.

No ambiente escolar, este material pode ser utilizado de forma flexível: como apoio em aulas de História, em projetos interdisciplinares que envolvam Artes, Geografia e Língua Portuguesa, ou ainda em atividades extracurriculares como feiras culturais, festivais escolares e apresentações artísticas. A ideia central é aproximar os alunos da realidade cultural em que vivem, fortalecendo os vínculos entre escola, família e comunidade.

Ao transformar as manifestações culturais em objeto de estudo e prática pedagógica, esta cartilha busca contribuir para a preservação do patrimônio imaterial de São Gonçalo do Amarante, assegurando que tradições, saberes e práticas continuem sendo transmitidos às novas gerações.

A cartilha pode ser utilizada de forma flexível, como material de apoio em aulas de História, em projetos interdisciplinares ou em atividades extracurriculares que envolvam a comunidade escolar. Para orientar esse uso, seguem algumas sugestões:

- **Orientações metodológicas para uso da cartilha:** cada capítulo apresenta textos, curiosidades e atividades que podem ser adaptados para diferentes faixas etárias da Educação Básica. O professor pode trabalhar os conteúdos em sala de aula ou em projetos mais amplos, estimulando os alunos a participarem de pesquisas, entrevistas e oficinas.
- **Roteiros de visitas e entrevistas:** recomenda-se que as escolas organizem visitas a espaços de memória locais, como a Igreja Matriz, o Monumento dos Mártires, o Museu Municipal ou o Mercado de Artesanato. Nessas ocasiões, os estudantes podem realizar registros fotográficos, produzir relatos e entrevistar mestres da cultura popular, transformando a experiência em material pedagógico.
- **Sugestões de oficinas, mapas e linhas do tempo:** os professores podem desenvolver oficinas de teatro, música ou artesanato inspiradas nas manifestações estudadas, ou ainda propor a construção de linhas do tempo que mostrem a trajetória das tradições locais. Outra possibilidade é a elaboração de um mapa cultural de São Gonçalo do Amarante, identificando os espaços de memória e as manifestações.
- **Integração interdisciplinar:** o material permite articulação com diferentes áreas do conhecimento. Em Artes, podem ser exploradas a dança e a música dos folguedos; em Língua Portuguesa, a produção de textos e cordéis; em Geografia, a construção de mapas culturais; em Ensino Religioso, a reflexão sobre festas e tradições; e em Sociologia, a análise da identidade e da cidadania.

A2. Gabaritos comentados das atividades

Para apoiar a prática docente, seguem orientações gerais sobre o trabalho com as atividades propostas ao longo da cartilha:

- **Questões objetivas:** devem ser corrigidas com base nos textos da própria cartilha. O professor pode indicar as páginas e trechos correspondentes, reforçando a leitura e a interpretação.
- **Questões subjetivas:** não exigem respostas únicas. O importante é que os alunos sejam capazes de relacionar as manifestações culturais com identidade, memória e consciência

histórica. O professor deve valorizar a criatividade, a capacidade de reflexão e o uso de exemplos locais.

- **Sugestões de correção e aprofundamento:** em vez de apenas conferir respostas, recomenda-se promover rodas de conversa, dramatizações ou debates a partir das respostas dos alunos. Dessa forma, a avaliação se transforma em momento de aprendizagem coletiva.
- **Gabarito comentado das atividades**

Atividade: Pastoril de Dona Joaquina

Questão 1- Enunciado: De acordo com Câmara Cascudo, qual é a origem do Pastoril e em qual período do ano ele costuma ser encenado?

Resposta esperada: O Pastoril é uma tradição de origem ibérica, especialmente portuguesa, trazida ao Brasil no período colonial. Costuma ser encenado no ciclo natalino, entre dezembro e janeiro, em homenagem ao nascimento de Jesus.

Questão 2- Enunciado: Qual a principal diferença entre o Pastoril Dona Joaquina e o Pastoril Jardim das Flores?

Resposta esperada: O Pastoril Dona Joaquina é reconhecido por sua tradição mais antiga e vínculos com a religiosidade, sendo patrimônio cultural imaterial de São Gonçalo do Amarante. Já o Pastoril Jardim das Flores tem uma abordagem mais recente e voltada ao aspecto artístico e comunitário, com adaptações que dialogam com o público atual.

Questão 3- Enunciado: O que significa dizer que o Pastoril é um patrimônio imaterial?

Resposta esperada: Significa que ele não é um bem material (como um prédio ou objeto), mas sim uma prática cultural transmitida de geração em geração, que envolve saberes, músicas, danças, símbolos e memórias coletivas da comunidade.

Questão 4- Enunciado: Escreva um pequeno texto ou desenho representando como você imagina a apresentação de um Pastoril em sua comunidade. Depois, discuta com a turma: por que é importante manter vivas tradições como essa?

Resposta esperada: O aluno pode descrever ou desenhar figurinos coloridos, pastoras dançando, música ao vivo, apresentações em praças ou igrejas. Na discussão, deve emergir a ideia de que essas tradições ajudam a preservar a memória coletiva, fortalecem a identidade local e transmitem valores culturais às novas gerações.

Comentário geral para o professor:

O conjunto das questões busca levar os alunos a compreender o Pastoril como patrimônio cultural imaterial, destacando sua origem histórica, as diferenças entre grupos locais, a importância da oralidade e da transmissão de saberes, além de estimular a criatividade por meio de produções textuais e artísticas.

O professor pode usar os perfis de Instagram e vídeos disponíveis para ilustrar as apresentações, promovendo um diálogo entre tradição e contemporaneidade. É fundamental reforçar que o patrimônio imaterial só se mantém vivo quando é praticado, valorizado e reconhecido pela comunidade, ajudando a fortalecer identidades e memórias coletivas.

Atividade: Boi Calemba Pintadinho

Questão 1- Enunciado: Qual é a principal característica que diferencia o Boi Calemba Pintadinho de outras versões do Bumba Meu Boi no Brasil?

Resposta esperada: O Boi Calemba Pintadinho é marcado pela simplicidade da encenação, pela musicalidade típica do Rio Grande do Norte e pela presença de personagens locais, mantendo traços próprios da tradição potiguar em contraste com as versões mais teatrais do Maranhão ou mais musicais do Pará.

Questão 2- Enunciado: Cite dois personagens do folguedo e explique sua função na encenação.

Resposta esperada: Alguns exemplos:

- **Mestre:** conduz a apresentação e organiza o grupo.
- **Catirina:** personagem cômica que deseja comer a língua do boi.
- **Mateus e Bastião:** palhaços que interagem com o público e garantem o humor.
- **A figura do boi:** central, representa vida, morte e ressurreição.

Questão 3- Enunciado: O que significa dizer que essa manifestação é um “espetáculo de memória viva”?

Resposta esperada: Significa que o folguedo não está apenas no passado, mas continua sendo praticado e renovado pela comunidade, transmitindo valores e identidades de geração em geração.

Questão 4- Enunciado: Proponha a criação de um pequeno roteiro dramatizado do Boi Calemba Pintadinho, adaptado à realidade da sua escola ou comunidade.

Resposta esperada: O roteiro deve incluir elementos centrais: nascimento, vida, morte e ressurreição do boi. As falas, músicas ou movimentos podem ser criados pelos alunos.

Comentário geral para o professor:

As questões têm como objetivo levar os alunos a reconhecer o Boi Calemba Pintadinho como patrimônio imaterial e expressão singular do Bumba Meu Boi no Rio Grande do Norte. O professor deve destacar sua identidade própria dentro da diversidade nacional, apresentando personagens, músicas e encenações que dão vida ao folguedo.

Além de compreender os aspectos históricos e simbólicos (memória viva, religiosidade, humor, crítica social), é essencial incentivar atividades práticas, como a criação de roteiros dramatizados ou encenações em sala. Esse exercício desperta a criatividade dos estudantes e promove uma aproximação afetiva com a cultura popular, reforçando o papel da escola como espaço de valorização e preservação da memória coletiva.

Atividade: Congos de Combate

Questão 1- Enunciado: Quem são os personagens centrais do Congos de Combate e o que eles representam?

Resposta esperada: Os principais são os **embaixadores**, que representam guerreiros africanos em luta, simbolizando resistência, memória da escravidão e preservação da identidade negra.

Questão 2- Enunciado: O que significa o termo embaixada dentro do contexto da manifestação?

Resposta esperada: É o nome dado aos diálogos rimados e dramatizados entre os grupos de embaixadores, que encenam a disputa por territórios ou causas simbólicas.

Questão 3- Enunciado: Em que ano o Congos de Combate foi reconhecido como Patrimônio Imaterial de São Gonçalo do Amarante?

Resposta esperada: Em 2022, pelo município de São Gonçalo do Amarante.

Questão 4- Enunciado: Escreva um pequeno texto ou diálogo inspirado nas embaixadas do Congos de Combate, relacionando-o a uma situação atual.

Resposta esperada: O aluno pode criar falas ou versos que abordem, por exemplo: a luta por igualdade racial, a defesa da cultura local, a preservação ambiental ou o respeito às diferenças.

Comentário geral para o professor:

Esta atividade busca levar os alunos a compreender o Congos de Combate como expressão da memória afro-brasileira, valorizando os personagens (embaixadores), a força da oralidade (embaixadas) e o reconhecimento oficial como patrimônio imaterial. O professor deve estimular a reflexão sobre como o folguedo dialoga com lutas sociais do presente, como

a busca por igualdade, a defesa da cultura local e o respeito à diversidade. Ao propor a criação de diálogos inspirados nas embaixadas, reforça-se a dimensão crítica e criativa da cultura popular.

Atividade: Coco do Calemba

Questão 1- Enunciado: Qual é a principal característica do Coco do Calemba?

Resposta esperada: É um canto e dança coletiva, marcada pela cadência rítmica, pela improvisação e pela oralidade.

Questão 2- Enunciado: Que instrumentos costumam acompanhar o coco?

Resposta esperada: Pandeiro, ganzá, zabumba, triângulo, tambores, palmas e sapateados.

Questão 3- Enunciado: O que significa a palavra “calemba” nesse contexto cultural?

Resposta esperada: Refere-se a uma variação regional do coco, associada ao grupo tradicional de São Gonçalo do Amarante.

Questão 4- Enunciado: Organize uma roda na sala e criem juntos um refrão simples. Cada grupo improvisa versos que completem o canto coletivo.

Resposta esperada: Um refrão curto, repetido por todos, seguido de versos improvisados.

Comentário geral para o professor:

As questões sobre o Coco do Calemba têm o objetivo de destacar o ritmo, a oralidade e a improvisação como elementos centrais da manifestação. O professor deve enfatizar a importância da participação coletiva e do corpo (palmas, batidas, dança) na construção musical. A atividade prática da roda de coco permite vivenciar o folguedo, estimulando a criatividade e mostrando como a improvisação e o canto coletivo preservam a tradição. É uma oportunidade de transformar a sala de aula em espaço de experimentação cultural e de valorização da memória popular.

Atividade: Dona Militana

Questão 1- Enunciado: Quem foi Dona Militana e por que ela é considerada um patrimônio da cultura popular brasileira?

Resposta esperada: Dona Militana foi uma romanceira de São Gonçalo do Amarante, considerada a maior do Brasil. É patrimônio da cultura popular por preservar e transmitir romances orais de forma autêntica.

Questão 2- Enunciado: Explique o que são os romances populares e como eram transmitidos de geração em geração.

Resposta esperada: São narrativas poéticas cantadas, que misturam história e ficção, transmitidas oralmente por gerações, preservando a memória coletiva.

Questão 3- Enunciado: Pesquise quais foram as principais homenagens póstumas que Dona Militana recebeu.

Resposta esperada: Entre as homenagens estão o título de Patrimônio Vivo da Cultura Popular Brasileira, homenagens em festivais culturais, registros em livros, músicas e o centenário celebrado em 2025 no município de São Gonçalo do Amarante.

Atividade: Manifestações Culturais Imateriais de São Gonçalo do Amarante

Questão 1-Enunciado: O Pastoril de Dona Joaquina e o Pastoril Jardim das Flores têm como característica principal:

Resposta esperada: b) A valorização da religiosidade e do protagonismo feminino.

Questão 2- Enunciado: O Boi Calemba Pintadinho é uma manifestação que combina:

Resposta esperada: a) Música, dança, teatro e religiosidade popular.

Questão 3- Enunciado: Nos Congos de Combate, a narrativa central gira em torno:

Resposta esperada: c) Das embaixadas e confrontos entre reis e rainhas africanos.

Questão 4- Enunciado: A origem africana dos Congos de Combate se evidencia principalmente:

Resposta esperada: b) Nas referências às embaixadas, reis e rainhas.

Questão 5- Enunciado: O Babelô da Alegria se caracteriza por:

Resposta esperada: a) Ser dançado em círculo, com improvisação de movimentos e uso da umbigada.

Questão 6-Enunciado: O Coco do Calemba se distingue pelo fato de:

Resposta esperada: a) Ter versos improvisados cantados em diálogo entre solista e coro.

Questão 7-Enunciado: Qual a relação entre o Babelô e o Coco de Roda?

Resposta esperada: b) O Babelô se encerra frequentemente com uma roda de Coco.

Questão 8- Enunciado: Dona Militana, considerada a maior romancista do Brasil, se destacou por:

Resposta esperada: b) Transmitir histórias em forma de romances cantados, preservando a oralidade.

Questão 9- Enunciado: Em 2025, ano do seu centenário de nascimento, Dona Militana foi homenageada em São Gonçalo do Amarante como:

Resposta esperada: a) Tema do desfile cívico do município.

Questão 10- Enunciado: De acordo com Maria Tereza de Oliveira, as manifestações culturais imateriais de São Gonçalo devem ser compreendidas como:

Resposta esperada: c) “Espetáculos da memória” que pertencem à coletividade.

Comentário geral para o professor:

O quiz reúne perguntas de múltipla escolha sobre diferentes manifestações culturais imateriais do município, funcionando como um instrumento de avaliação diagnóstica e formativa. Ele permite verificar se os alunos compreenderam as características essenciais do Pastoril, do Boi Calemba Pintadinho, dos Congos de Combate, do Coco do Calemba, do Bambelô da Alegria e da trajetória de Dona Militana. O professor pode aplicar o quiz de forma individual, em grupos ou como jogo coletivo, estimulando a participação e o espírito de cooperação. Além de revisar conteúdos, a atividade reforça a ideia de que essas tradições são patrimônios vivos, fundamentais para a preservação da memória coletiva e para a construção da identidade cultural de São Gonçalo do Amarante.

Atividade: Igreja Matriz de São Gonçalo do Amarante

Questão 1- Enunciado: Identifique em qual período histórico a Igreja Matriz de São Gonçalo do Amarante foi construída e em que ano foi tombada pelo IPHAN como patrimônio histórico nacional.

Resposta esperada: Foi construída no século XVIII (por volta de 1761) e tombada pelo IPHAN em 1964.

Questão 2- Enunciado: Explique por que a Igreja Matriz pode ser considerada um espaço de memória para a cidade. Relacione sua resposta com a ideia de patrimônio cultural.

Resposta esperada: Porque guarda a história da fé, das tradições e da organização social de São Gonçalo do Amarante, sendo símbolo de identidade e memória coletiva da comunidade.

Questão 3- Enunciado: Pesquise e liste quais são os objetos da Igreja Matriz que também foram tombados como patrimônio histórico.

Resposta esperada: O altar-mor, imagens sacras antigas (como a de São Gonçalo e Nossa Senhora) e peças de arte sacra preservadas no interior da Igreja.

Questão 4- Enunciado: A Igreja Matriz é um lugar de fé, mas também de convivência social e cultural. Em sua opinião, qual é a importância de espaços como esse para a identidade e a memória da comunidade?

Resposta esperada: São importantes porque unem religiosidade, cultura e memória, fortalecendo a identidade local e preservando tradições coletivas.

Questão 5- Enunciado: Imagine que você fará uma visita pedagógica à Igreja Matriz com seus colegas. Elabore três perguntas que você faria ao guia ou ao responsável pelo espaço para aprender mais sobre sua história e importância.

Resposta esperada: Exemplos: Quem construiu a Igreja? Quais tradições religiosas se mantêm até hoje? Que objetos e obras de arte têm maior valor histórico?

Comentário geral para o professor:

A atividade tem como objetivo levar os alunos a reconhecer a Igreja Matriz como um importante espaço de memória da cidade, articulando fé, cultura e história. As questões combinam pesquisa, interpretação crítica e reflexão pessoal, estimulando os estudantes a compreender a diferença entre patrimônio material (edifício e objetos sacros) e imaterial (práticas religiosas e memórias coletivas).

O professor pode enriquecer a atividade com imagens, vídeos ou até uma visita pedagógica, tornando o aprendizado mais significativo. A proposta também aproxima os conceitos discutidos por autores como Pierre Nora à realidade local, reforçando a importância de preservar bens culturais para a construção da identidade da comunidade.

Atividade: Praça do Galo Branco de Dona Neném

Questão 1- Enunciado: Em que ano o Galo Branco foi declarado peça-símbolo do artesanato potiguar?

Resposta esperada: Em 1964, quando o IPHAN reconheceu a peça como símbolo do artesanato potiguar.

Questão 2- Enunciado: Por que é importante que a cidade tenha um símbolo oficial da sua cultura?

Resposta esperada: Porque fortalece a identidade local, valoriza a produção artesanal, promove a memória coletiva e representa o município para além de suas fronteiras.

Questão 3- Enunciado: Quem foi Dona Neném e qual a sua importância para a história do artesanato de São Gonçalo do Amarante?

Resposta esperada: Dona Neném foi uma artesã reconhecida por sua habilidade na produção de cerâmica popular, especialmente do Galo Branco. Sua obra a tornou referência cultural e símbolo da criatividade potiguar.

Questão 4- Enunciado: Observe imagens do Galo Branco e descreva os elementos artísticos que mais chamam sua atenção.

Resposta esperada: O aluno pode citar formas simples e expressivas, o acabamento em branco, o simbolismo do galo como elemento de identidade cultural e a rusticidade própria da cerâmica artesanal.

Questão 5- Enunciado: Em sua opinião, como a escola pode ajudar a manter viva a memória de Dona Neném e do Galo Branco?

Resposta esperada: Promovendo atividades sobre artesanato local, visitas ao Mercado de Artesanato, exposições escolares e produções artísticas inspiradas no Galo Branco.

Comentário geral para o professor:

Esta atividade busca destacar o Galo Branco de Dona Neném como peça-símbolo do artesanato potiguar e como expressão de identidade cultural de São Gonçalo do Amarante. A proposta estimula os alunos a relacionarem a importância de símbolos oficiais com a preservação da memória coletiva e a valorização dos artesãos locais.

O professor pode complementar a atividade com imagens do Galo Branco, trechos de textos de autores como Maria Tereza de Oliveira, e até visitas ao Mercado de Artesanato Dona Neném Felipe, aproximando teoria e prática.

É importante mostrar aos estudantes que o artesanato não é apenas uma produção estética, mas também um documento vivo da história e da cultura popular, que fortalece o sentimento de pertencimento e identidade da comunidade.

Atividade: Monumento dos Mártires de Uruaçu

Questão 1- Enunciado: Em que ano o Monumento dos Mártires de Uruaçu foi inaugurado?

Resposta esperada: Foi inaugurado no ano 2000, durante as comemorações dos 365 anos do martírio.

Questão 2- Enunciado: Como a fé e a memória dos mártires podem ser trabalhadas na escola como parte da história local?

Resposta esperada: Por meio de aulas de história local, visitas pedagógicas, análise de relatos e reflexões sobre liberdade religiosa, tolerância e identidade cultural.

Questão 3- Enunciado: Observe imagens do Monumento e descreva os elementos arquitetônicos ou artísticos que mais chamam sua atenção.

Resposta esperada: A cruz monumental, as esculturas dos mártires, a arquitetura imponente e o espaço de oração que simboliza fé e resistência.

Questão 4- Enunciado: Por que o turismo religioso ligado ao Monumento dos Mártires é importante para São Gonçalo do Amarante?

Resposta esperada: Porque atrai visitantes, fortalece a economia local, divulga a história dos mártires e promove a preservação do patrimônio cultural e religioso da cidade.

Questão 5- Enunciado: Em sua opinião, como a memória dos Mártires de Uruaçu pode contribuir para a construção da identidade cultural da comunidade?

Resposta esperada: Ao reforçar valores como fé, resistência e identidade, ajudando a comunidade a reconhecer sua história e a preservar tradições ligadas à religiosidade e à memória coletiva.

Comentário geral para o professor

A atividade permite integrar história, memória e religiosidade no estudo do patrimônio cultural de São Gonçalo do Amarante. O professor pode enriquecer as respostas com imagens, vídeos e até organizar uma visita pedagógica ao monumento, conectando teoria e vivência. O tema também favorece reflexões sobre intolerância religiosa, liberdade de crença e identidade cultural, estimulando os alunos a perceberem como o patrimônio imaterial e material dialogam na formação da memória coletiva.

Atividade: Museu Municipal Séphora Débora

Questão 1- Enunciado: Cite dois tipos de itens preservados no acervo.

Resposta esperada: Fotografias antigas, documentos, objetos de uso cotidiano, peças de artesanato e utensílios históricos.

Questão 2- Enunciado: Qual a principal função social e educativa do museu?

Resposta esperada: Preservar e valorizar a memória local, servir como espaço de ensino-aprendizagem e aproximar a comunidade de sua própria história.

Questão 3- Enunciado: Qual a importância do museu para a construção da consciência histórica dos estudantes?

Resposta esperada: Permite que os alunos compreendam a história de forma concreta, por meio de objetos e registros, desenvolvendo senso crítico e identidade cultural.

Questão 4- Enunciado: Por que parte da população ainda desconhece o espaço e como isso pode ser revertido?

Resposta esperada: Pela falta de divulgação e integração com as escolas e eventos culturais. Isso pode ser revertido com visitas pedagógicas, campanhas educativas e maior envolvimento da comunidade.

Questão 5- Enunciado: Comente a relevância de preservar objetos cotidianos como fontes históricas.

Resposta esperada: Esses objetos revelam aspectos da vida social, cultural e econômica de diferentes épocas, ajudando a compreender a história a partir da experiência da comunidade.

Comentário geral para o professor:

A atividade propõe aproximar os alunos do Museu Municipal Professora Séphora Débora, espaço dedicado à preservação da memória e da história de São Gonçalo do Amarante. As questões estimulam a reflexão sobre o papel social e educativo do museu, a importância da preservação de objetos do cotidiano como fontes históricas e os desafios de tornar esse espaço mais conhecido pela comunidade. O professor pode enriquecer a atividade com imagens do acervo, visitas pedagógicas e debates em sala, mostrando que o museu não é apenas um local de exposição, mas um ambiente vivo de aprendizagem, fundamental para a construção da consciência histórica e da identidade cultural dos estudantes.

Atividade: Teatro Municipal Prefeito Poti Cavalcante

Questão 1-Enunciado: Em que ano foi inaugurado o Teatro Municipal Prefeito Poti Cavalcante?

Resposta esperada: Foi inaugurado em 2014.

Questão 2- Enunciado: Quem foi o homenageado no nome do teatro?

Resposta esperada: O prefeito Poti Cavalcante, importante liderança política local.

Questão 3- Enunciado: Qual é a principal função desse espaço cultural?

Resposta esperada: Servir como espaço para apresentações artísticas, eventos culturais e educativos, promovendo o acesso à arte e à cultura.

Questão 4-Enunciado: Explique como o teatro pode contribuir para a valorização da identidade cultural do município.

Resposta esperada: Ao difundir manifestações artísticas locais, preservar tradições e incentivar a produção cultural da comunidade.

Questão 5- Enunciado: De que forma o teatro pode ser usado como sala de aula ampliada para o ensino de História?

Resposta esperada: Por meio de peças teatrais, festivais, encenações históricas e atividades que aproximam os conteúdos escolares da prática cultural e artística.

Comentário geral para o professor

Esta atividade busca valorizar o Teatro Municipal Prefeito Poti Cavalcante como espaço de difusão cultural e educativa. As questões estimulam a compreensão da função social do teatro, sua importância para a identidade local e sua utilização como recurso pedagógico. O professor pode incentivar debates sobre o papel da arte na preservação da memória coletiva e propor visitas pedagógicas, dramatizações ou parcerias com grupos artísticos, transformando o teatro em uma verdadeira sala de aula ampliada para o ensino de História e outras áreas do conhecimento.

Quiz – Espaços de Memória em São Gonçalo do Amarante

Questão 1

Enunciado: A Igreja Matriz de São Gonçalo do Amarante foi construída em qual ano?

Resposta esperada: 1761.

Questão 2

Enunciado: Qual instituição tombou a Igreja Matriz como patrimônio histórico em 1964?

Resposta esperada: IPHAN.

Questão 3

Enunciado: O acervo da Igreja Matriz inclui, entre outros elementos, uma imagem de:

Resposta esperada: Cristo Morto.

Questão 4

Enunciado: O Monumento dos Mártires de Uruaçu homenageia:

Resposta esperada: Religiosos e fiéis mortos em ataques no século XVII.

Questão 5

Enunciado: Em que ano foi inaugurado o Monumento dos Mártires de Uruaçu?

Resposta esperada: 2000.

Questão 6

Enunciado: Além das celebrações religiosas, o Monumento dos Mártires de Uruaçu também recebe:

Resposta esperada: Festivais de teatro, casamentos e romarias.

Questão 7

Enunciado: O Mercado de Artesanato Dona Neném Felipe foi criado com o objetivo principal de:

Resposta esperada: Valorizar e comercializar o artesanato local.

Questão 8

Enunciado: O Museu Municipal Professora Séphora Débora se destaca porque:

Resposta esperada: Funciona como espaço educativo e de preservação da memória local.

Questão 9

Enunciado: O Teatro Municipal Prefeito Poti Cavalcante é considerado importante porque:

Resposta esperada: É o primeiro teatro da cidade, voltado a espetáculos e eventos culturais.

Questão 10

Enunciado: Qual dos espaços culturais de São Gonçalo do Amarante pode ser trabalhado na escola como exemplo de “lugar de memória” segundo Pierre Nora?

Resposta esperada: Todos os espaços de memória: igrejas, monumentos, museus e praças.

Comentário geral da atividade

Este quiz reúne conteúdos sobre os principais **espaços de memória de São Gonçalo do Amarante**, como a Igreja Matriz, o Monumento dos Mártires de Uruaçu, o Mercado de Artesanato Dona Neném Felipe, o Museu Municipal Professora Sinhá e o Teatro Prefeito Poti Cavalcante. Seu objetivo é revisar os conhecimentos trabalhados e estimular os alunos a reconhecerem esses lugares como parte da **identidade cultural e da memória coletiva** do município.

O professor pode aplicar a atividade de diferentes formas:

- **Quiz-show:** dividir a turma em grupos, lendo as perguntas em voz alta e atribuindo pontos às equipes.
- **Roda de perguntas:** cada aluno responde uma questão em sequência, favorecendo a participação de todos.
- **Versão digital:** adaptar o quiz para plataformas como Kahoot ou Google Forms, tornando-o mais interativo.

- **Discussão final:** após a correção, abrir uma conversa sobre quais desses espaços os alunos já conhecem e quais gostariam de visitar em atividades pedagógicas.

A3. Indicações de leituras, vídeos, sites e perfis de redes sociais.

Para enriquecer as aulas, seguem indicações de materiais complementares:

Leituras:

- Luís da Câmara Cascudo: *Dicionário do Folclore Brasileiro* (2000)
- Maria Tereza de Oliveira: *Mapeamento do Patrimônio Cultural de São Gonçalo do Amarante* (2019) e *Tecendo a cultura popular em São Gonçalo do Amarante/RN* (2023).
- Circe Bittencourt: *Ensino de História: fundamentos e métodos* (2004).
- Iaponira Peixoto de Brito: *Educação Patrimonial: experiências e perspectivas no Rio Grande do Norte* (2010) e *O Galo Branco de São Gonçalo do Amarante: símbolo da cultura do município de São Gonçalo do Amarante e do Folclore do RN*. 1ed, Natal: RN editora, 2022.
- Pierre Nora: *Entre memória e história: os lugares de memória* (1993).
- Michael Pollak: *Memória e identidade social* (1989).

Vídeos:

1. **PASTORIL DONA JOAQUINA RN**
https://www.youtube.com/watch?v=n2xdSRwSn_g
2. **DA EUROPA A SÃO GONÇALO – Pastoril Dona Joaquina (Videoclipe Oficial)**
<https://www.youtube.com/watch?v=uy5zJaaWAK>
3. **Mini Doc – Boi Calemba Pintadinho – 114 anos de Resistência**
<https://www.youtube.com/watch?v=22Y4Q0ynqE4>
4. **Mostra Sesc de Arte e Cultura: Boi Calemba Pintadinho - 117 anos de História**
<https://www.youtube.com/watch?v=RQ9FSkMscDY>
5. **BOI CALEMBA PINTADINHO (dança / apresentação)**
<https://www.youtube.com/watch?v=egtTeFe01Dw>

6. **Boi Calemba Pintadinho dançando no pátio da igreja de São Gonçalo do Amarante - RN**
<https://www.youtube.com/watch?v=xbntVzo-rvQ>
7. **Conexão Tramas – Ensaio do Boi Calemba Pintadinho & entrevista**
<https://www.youtube.com/watch?v=WmgYqM-hbR4>
8. **Boi Calemba Pintadinho do Mestre Dedé Veríssimo**
<https://www.youtube.com/watch?v=LW9-L4a0fG0>
9. **Pastoril Dona Joaquina | Apresentação no encerramento do 1º Festival de folclore de SGA/RN**
https://www.youtube.com/watch?v=4qKWlxS_VAQ
10. **Pastoril Infantil Dona Joaquina • ensaio 2013**
<https://www.youtube.com/shorts/hV7hv5C-wGc>

Sites e perfis de redes sociais:

- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN:
www.iphan.gov.br
- Fundação José Augusto (RN): www.cultura.rn.gov.br
- Repositório Institucional da UFRN: www.repositorio.ufrn.br

Perfis de Instagram:

1. **Pastoril Dona Joaquina**
<https://www.instagram.com/pastorildonajoaquina>
2. **Pastoril Jardim das Flores**
https://www.instagram.com/pastoril_jardim_das_flores
3. **Bambêlo da Alegria**
<https://www.instagram.com/bambelodaalegria>
4. **Coco do Calemba**
<https://www.instagram.com/cocodocalemba>
5. **Boi Calemba Pintadinho**
https://www.instagram.com/boi_calemba_pintadinho
6. **Secretaria de Cultura — SGA**
https://www.instagram.com/secult_sga
7. **Prefeitura de São Gonçalo do Amarante (RN)**
<https://www.instagram.com/prefsgarn>

ANEXO- PANFLETO COMUNIDADE GERAL

Cartilha: Manifestações Culturais de São Gonçalo do Amarante/RN

*Cartilha Educativa – Produto Educacional do
PROFHISTÓRIA/UFRN*

Ivonne Ferreira de Morais Sousa

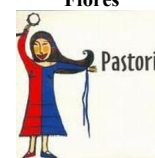
São Gonçalo do Amarante é um dos municípios mais antigos do Rio Grande do Norte. Sua história começa ainda no período colonial, quando a região foi ocupada pelos colonizadores portugueses e marcada pela presença indígena. O nome do município homenageia São Gonçalo de Amarante, um santo português muito popular entre navegadores e colonos, que se tornou o padroeiro da cidade.

Ao longo do tempo, o município cresceu a partir de suas comunidades rurais, do trabalho artesanal e da preservação de manifestações culturais populares.

Manifestações Culturais -Transmitidas de geração em geração, que não se traduzem em objetos materiais, mas em saberes, rituais, músicas, danças, narrativas e festas que fazem parte da vida cotidiana de uma comunidade.

Conhecer e ensinar preserva um patrimônio vivo, assim como também fortalecem vínculos entre memória, identidade e cidadania, tornando a escola e comunidade um espaço privilegiado de transmissão e recriação da cultura popular. Neste contexto, vamos conhecer um pouco quais são as manifestações culturais no município.

Pastoril Dona Joaquina e Pastoril Jardim das Flores



Boi Calemba Pintadinho



Congos de Combate



Coco do Calemba



Bambelô da Alegria



Dona Militana: A romanceira do povo



Espaços de Memória em São Gonçalo do Amarante

Igreja Matriz



Museu Municipal



Monumento dos Mártires



Mercado de Artesanato



Teatro Municipal



É importante reconhecer que a História não está apenas nos livros ou nos grandes eventos nacionais, mas também nas festas populares, nos folguedos, nos monumentos e nos mestres da cultura que fazem parte do seu cotidiano. Ao conhecer o Pastoril, o Boi Calemba, os Congos de Combate, o Mercado de Artesanato, o Museu Municipal ou o Teatro Poti Cavalcante, cada aluno se conecta com sua comunidade, descobre suas raízes e participa ativamente da preservação da memória coletiva.

Referência: SOUSA, F. M. Cartilha: MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DE SÃO GONÇALO DO AMARANTE. [Dissertação de Mestrado]. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2025.

